



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

MÁRLUS ALEXANDRE SOUSA

**PEDAGOGIA DO ESPORTE: DIAGNÓSTICO DA GESTÃO DA INICIAÇÃO EM
CLUBES SOCIOESPORTIVOS DE CAMPINAS-SP**

CAMPINAS

2018

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

MÁRLUS ALEXANDRE SOUSA

**PEDAGOGIA DO ESPORTE: DIAGNÓSTICO DA GESTÃO DA INICIAÇÃO EM
CLUBES SOCIOESPORTIVOS DE CAMPINAS-SP**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, na Área Biodinâmica do Movimento e Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO
ALUNO MÁRLUS ALEXANDRE SOUSA, E
ORIENTADA PELO PROF. Dr. ROBERTO
RODRIGUES PAES.

CAMPINAS

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica

Universidade Estadual de Campinas

Biblioteca da Faculdade de Educação Física

Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto - CRB 8/4991

Sousa, Márlus Alexandre Sousa, 1977-
So85p Pedagogia do esporte : diagnóstico da gestão da iniciação em clubes
socioesportivos de Campinas-SP / Márlus Alexandre Sousa. – Campinas, SP :
[s.n.], 2018.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação Física.

1. Esportes-Pedagogia. 2. Gestão esportiva. 3. Iniciação esportiva. 4.
Clubes esportivos. I. Paes, Roberto Rodrigues. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Pedagogy of the sport: diagnosis of initiation management in
sociosports clubs of Campinas-SP.

Palavras-chave em inglês:

Sports-Pedagogy

Sports management

Sports initiation

Sports clubs

Área de concentração: Biodinâmica do Movimento e Esporte

Titulação: Mestre em Educação Física

Banca examinadora:

Roberto Rodrigues Paes

João Paulo Borin

Valdomiro de Oliveira

Data de defesa: 27-02-2018

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes
Presidente da Comissão Examinadora

Prof. Dr. João Paulo Borin
Membro Titular

Prof. Dr. Valdomiro de Oliveira
Membro Titular

A ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida
acadêmica do aluno.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais pelo carinho e amor recebidos!

Ao meu amigo e orientador Robertão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde, paciência e força para superar as dificuldades. E também por colocar pessoas tão especiais no transcurso da minha vida.

A toda minha família, pelo carinho e amor. Alegria imensa saber que todos que estiveram comigo nesse percurso.

Aos meus amigos acadêmicos que me incentivaram ao longo desse tempo: Marquinhos, obrigado pelas conversas. Sua participação foi extremamente valiosa; Thiago Leonardi, um cara fantástico - sua simplicidade e inteligência são admiráveis; Luis “Bix” e Berna, valeu dicas inteligentes; Leandro, obrigado pela convivência; Riler, obrigado pelas dicas importantes; Larissa, sempre contribuindo e muito solicita. Obrigado, mesmo; Rubens “Faisca”, após minha graduação, foi você quem mais “me encheu a paciência” para retornar ao meio acadêmico. Obrigado, pois você me ajudou muito e sei que tudo isso foi de coração.

Aos queridos companheiros de GEPESP. O meu agradecimento por terem me ajudado e contribuído, ativamente, neste processo. Obrigado pelos almoços, cafés e conversas, ao longo desse tempo. Manifesto aqui meus enormes agradecimentos a vocês!!! Tenho a preocupação em citá-los e esquecer alguém.

Ao amigo Tulu com o qual pude compartilhar momentos incríveis ao longo da minha vida em Campinas. Obrigado por me receber tão bem em sua casa.

Aos velhos amigos e companheiros de uma instituição que foi muito respeitada em Campinas no que se refere à república, ou seja, a nossa querida e saudosa Casa dos Dez.

A todos aqueles com quem passamos anos fabulosos. Valeu, mesmo!!!!

À amiga Andréa que sempre me apoiou em todos os momentos.

À amiga Renata pelos ensinamentos na pós-graduação.

A todos os gestores dos clubes pesquisados que, de uma forma brilhante, abriram as portas dos clubes para a realização desse estudo. Eu sou muito grato!!!!

Aos clubes socioesportivos por compreenderem a relevância científica do estudo.

Ao Clube Semanal de Cultura Artística, local que me acolheu profissionalmente em Campinas-SP.

À equipe gestora dos colégios, nos quais trabalho pelo incentivo fornecido.

À Universidade Estadual de Campinas, em especial a Faculdade de Educação Física por possibilitar a realização desse estudo.

Aos funcionários da FEF! Muito obrigado.

A todos os professores da FEF, em especial, Hermes Balbino e Cesinha.

Aos membros da Banca: João Paulo Borin e Valdomiro de Oliveira. Obrigado por terem aceitado o convite, pelo profissionalismo, pela competência e pelas valiosas contribuições para com este estudo. Seus direcionamentos no exame de qualificação foram fundamentais para sequência da pesquisa. Mesmo após essa fase, quando os procurei sempre fui recebido de forma fantástica. Para mim, é uma honra tê-los por aqui. Obrigado!!!!

E por fim, ao meu amigo e orientador Roberto Rodrigues Paes. O poeta Fernando Pessoa em certo poema cita “pessoas incomparáveis”. Tal expressão aplica ao meu amigo Robertão. Obrigado pelos seus ensinamentos, companheirismo e dedicação. Tê-lo como amigo é motivo de muito orgulho. A você, toda minha GRATIDÃO!!!!

RESUMO

No esporte contemporâneo, o clube socioesportivo é um dos principais ambientes fomentadores das práticas esportivas. Considerando a pluralidade desse fenômeno, este estudo tem o objetivo de diagnosticar a gestão das escolas de esportes dos clubes de Campinas-SP, na faixa etária de 7 a 12 anos. O estudo está fundamentado na Pedagogia do Esporte para que possa obter uma radiografia da Iniciação Esportiva nos clubes pesquisados. O município de Campinas-SP, devido à sua significância econômica, industrial, tecnológica e acadêmica poderia obter melhores resultados em competições regionais e estaduais. A Iniciação Esportiva nos clubes se organizada, planejada e sistematizada, talvez, poderia amenizar esse quadro. Para a realização do estudo foi necessária pesquisa bibliográfica acerca das temáticas envolvidas, pesquisa documental junto à secretaria dos clubes e também a pesquisa de campo, caracterizada por elementos quali-quantitativos. A amostra é composta por 9 clubes e foi utilizado como critérios escolha: 1) o clube ser filiado à Associação dos Clubes de Campinas e Região (APESEC); 2) possuir escolas de esportes na faixa etária investigada. Os sujeitos da pesquisa foram os gestores/coordenadores de esportes desses clubes, os quais responderam à um questionário. Como resultados, verificou-se: 1) a não qualificação dos gestores na área da gestão esportiva; 2) o predomínio das modalidades Natação e Futebol; 3) não observância do treinamento à longo prazo nas escolas de esportes. O estudo possibilitou avaliar a necessidade de uma compreensão mais ampla do fenômeno esporte por parte dos gestores/coordenadores para que o clube possa se adequar aos interesses e necessidades dos praticantes. Por fim, devido à importância do clube socioesportivo como cenário para potencializar a Iniciação Esportiva, conclui-se que são necessárias remodelações e reestruturações para que se promova um embasamento científico na gestão das escolas de esportes.

Palavras-chave: Pedagogia do Esporte; Gestão; Clube SocioEsportivo; Iniciação Esportiva.

ABSTRACT

In contemporary sport, the socio-sports club is one of the main environments that promotes sports practices. Considering the plurality of this phenomenon, this study has the objective of diagnosing the management of the sports schools of the Campinas-SP clubs of age groups 7 to 12 years. Our study is based on Sports Pedagogy so that we can obtain an X-ray of the Sports Initiation of the clubs surveyed. Campinas-SP municipality could obtain better results in regional and state competitions, due to its economic, industrial, technological and academic significance. Perhaps an organized, planned and systematized Club Initiation in the clubs could ease this picture. For the accomplishment of the study, we carried out: bibliographic research on the themes involved, documentary research with the club's secretariat and also field research, which was characterized by qualitative and quantitative elements. The sample consisted of 9 clubs and we used as criteria for their choice: 1) the club's affiliation to the Association of Clubs of Campinas and Region (APESEC); and 2) the presence of sports schools in the age group investigated. The interviewees of the research were the managers / coordinators of sports of the researched clubs, who answered a questionnaire. As a result, there was a lack of qualification of managers in the area of sports management, the predominance of the swimming and soccer modalities and the non-observance of the long-term training in sports schools. The study made it possible to verify the need for a broader understanding of the sport phenomenon by the managers / coordinators so that the club can be adapted to the interests and needs of the practitioners. It was possible to conclude that due to the importance of the socio-sports club as a scenario to enhance the Initiation of Sports, it is necessary to remodel and restructure in order to promote a scientific basis for the management of sports schools.

Keywords: Sports Pedagogy; Management; SocioSports Club; Sports Initiation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	O clube situado como uma mescla de grupos sociais e organizações formais.....	29
Figura 2	Mapeamento dos clubes filiados à APSEC , distribuídos segundo região geográfica no município.....	33
Figura 3	Resultados do Brasil no consórcio internacional SPLISS.....	39
Figura 4	Disposição dos gestores entrevistados de acordo com tempo de trabalho (atuação) e os respectivos níveis de escolaridade (pós-graduação e graduação).....	66
Figura 5	Quantidade de gestores entrevistados, distribuídos nas categorias “atletas” e “não atletas”.....	66
Figura 6	Distribuição das faixas etárias dos gestores entrevistados, de acordo com o nível de escolaridade.....	67
Figura 7	Quantidade total de praticantes matriculados para cada modalidade esportiva apresentada.....	74
Figura 8	Modalidades que representam maior visibilidade na opinião dos gestores de todos os clubes pesquisados.....	77
Figura 9	Quantidade de treinadores subordinados a cada gestor entrevistado e frequência de reuniões com os treinadores esportivos.....	78
Figura 10	Distribuição dos Clubes que possuem praticantes PCD (pessoa com deficiência).....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Exemplos de clubes de modalidades.....	31
Quadro 2	Proposta de Matriz analítica. Adaptada de Oliveira (2007).....	62
Quadro 3	Descrição das atividades desempenhadas pelos gestores sujeitos da pesquisa.....	68
Quadro 4	Distribuição de atividades extraprofissional dos respondentes da pesquisa.....	69
Quadro 5	Modalidades esportivas oferecidas para o sexo masculino pelos clubes pesquisados.....	70
Quadro 6	Modalidades esportivas oferecidas para o sexo feminino pelos clubes pesquisados.....	71
Quadro 7	Número de alunos matriculados-somente para o sexo masculino.....	72
Quadro 8	Número de alunas matriculadas-somente para o sexo feminino.....	73
Quadro 9	Modalidades esportivas oferecidas para o sexo masculino que disputam competições oficiais.....	76
Quadro 10	Modalidades esportivas oferecidas para o sexo feminino que disputam competições oficiais.....	77
Quadro 11	Questionamentos aos gestores acerca da ocorrência de Testes Físicos (coluna 02); acesso aos protocolos por parte dos gestores e coordenadores (coluna 03); e se o treinador executa o treino de maneira que entende como mais adequada.....	80
Quadro 12	Questionamentos aos gestores acerca da ocorrência de preparação desportiva a longo prazo na instituição pesquisada, de acordo com o gestor respondente.....	81
Quadro 13	Questionamentos aos gestores acerca da existência de integração entre as áreas de conhecimento das Ciências do Esporte e Exercício.....	82
Quadro 14	Questionamentos aos gestores acerca da existência da pré-modalidade esportiva nos clubes aos quais os mesmos pertencem.....	82
Quadro 15	Questionamentos aos gestores acerca da existência de “peneiras” de seleção e as modalidades esportivas que fazem uso deste procedimento...	83

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABT	Academia Brasileira de Treinadores
APESEC	Associação dos Clubes de Campinas e Região
CBC	Confederação Brasileira de Clubes
CBC	Campinas Basquete Clube
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
GEPESP	Grupo de Estudos em Pedagogia do Esporte
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
ONG	Organização Não-Governamental
MED	Modelo de Educação Desportiva
NASSM	North American Society for Sport Management
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
SEST	Serviço Social do Transporte
SPLISS	Sport Policy Factors Leading to International Sporting Success
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TGfU	Teaching Games for Understanding

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
INTRODUÇÃO.....	17
Capítulo 1. Clube SocioEsportivo: Perspectivas educacionais, Processo Histórico e Gestão Esportiva.....	20
1.1 Perspectivas Educacionais, Educação Formal, Não-Formal e Informal: conceitos e características.....	20
1.2 Clube SocioEsportivo: Espaço Educacional.....	23
1.3 Clube SocioEsportivo: Processo Histórico e tendências atuais.....	26
1.4 Clubes de Campinas-SP.....	32
1.5 Gestão Esportiva.....	35
Capítulo 2 Pedagogia do Esporte: Interfaces da área com o Processo de Iniciação Esportiva.....	41
2.1 Princípios Pedagógicos na Iniciação Esportiva no clube.....	47
2.2 A Competição na Iniciação Esportiva dos Clubes: Pressupostos Pedagógicos.....	54
Capítulo 3 Procedimentos Metodológicos.....	59
3.1 Caracterização da Pesquisa.....	59
3.2 Instrumento para coleta de dados.....	60
3.3 Elaboração do Instrumento.....	61
3.4 Os Sujeitos da Pesquisa.....	62
3.5 Análise dos dados qualitativos e quantitativos.....	63
3.6 Aspectos éticos.....	64
Capítulo 4 Resultados e Discussão.....	65
4.1 1ª Etapa: Caracterização do perfil acadêmico e profissional do gestor...	65
4.2 2ª Etapa: Modalidades oferecidas e o número de praticantes das escolas de esportes.....	69
4.3 3ª Etapa: Verificação e análise do oferecimento das escolas de esportes	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85

REFERÊNCIAS.....	88
Anexo 1.....	106
Anexo 2.....	113
Anexo 3.....	117

APRESENTAÇÃO

Durante minha infância e adolescência frequentei assiduamente um clube socioesportivo na minha terra natal-Patos de Minas. Aos 8 anos iniciei treinos regulares da modalidade basquetebol e também frequentava este ambiente para meu lazer aos finais de semana. Meus pais e irmãos também compareciam e, com isso, esses encontros era uma forma de enriquecer nossos laços familiares.

Disputava campeonatos oficiais organizados pela Federação Mineira de Basquetebol e também torneios estudantis em nível municipal e estadual. Minha relação com o esporte nesta fase da vida e, também, até os dias de hoje sempre foi muito intensa. Seja como praticante ou mesmo espectador, pois sempre gostei de apreciar jogos in loco seja de qual for a modalidade.

Esta fascinação pelo esporte fez com que eu optasse pela graduação em Educação Física. Jamais pensei em optar por outro curso. Atraído por influência de familiares que residem em Campinas e pelo status da Universidade, resolvi prestar o vestibular da Unicamp, onde ingressei em 1997.

Durante minha graduação, fiz as modalidades Licenciatura e Bacharelado-Treinamento em Esportes. Após a conclusão da graduação, fiz duas especializações.

Atualmente, minha atuação profissional é a Educação Física Escolar (pública e privada) e treinador de basquetebol em um clube socioesportivo na faixa etária de 7 a 12 anos. Talvez, pela forte admiração do trabalho de minha mãe como pedagoga, atuando como professora, coordenadora e diretora escolar ao longo da sua vida profissional, tive vontade, também, de atuar como professor no ensino formal.

Conforme, mencionei anteriormente, sempre tive o prazer em assistir jogos e isso fez com que eu transitasse por alguns clubes e estádios de Campinas, apreciando os mais variados eventos esportivos. Com isso, possibilitou-me conversas, debates e discussões com treinadores de diferentes modalidades.

Há 11 anos trabalho no mesmo clube e com o decorrer do tempo, surgiram e surgem inquietações acerca das práticas esportivas dos clubes de Campinas, principalmente, na faixa etária dos 7 aos 12 anos, onde atuo.

Após a conclusão da segunda especialização, interessei-me pela continuidade na vida acadêmica e no ano de 2014 fiz como aluno especial a disciplina – FF-106-Pedagogia do Esporte- do programa de pós-graduação da FEF sob a responsabilidade do professor Dr.

Roberto Rodrigues Paes. A partir daí, praticamente, concretizou-se o desejo do retorno à vida acadêmica e consequentemente procurar respostas para aquilo que eu via na prática. Pude, neste momento, perceber a necessidade da pesquisa científica. No ano seguinte ingressei no programa de pós-graduação da FEF-mestrado.

Ao optar por tal aprofundamento nos estudos, uma das minhas intenções era compreender as minhas inquietações da iniciação esportiva de Campinas-SP.

Portanto, a realização deste trabalho é, também, uma busca pessoal a medida que sempre procurei avançar nos estudos, procurando desta forma, uma melhor qualificação profissional. Ao conviver com pessoas do meio acadêmico, foi notório, meu crescimento profissional, principalmente, participando de discussões do Grupo de Estudos em Pedagogia do Esporte-GEPESP, coordenado pelo professor Dr. Roberto Rodrigues Paes.

Apesar das dificuldades encontradas no transcorrer do mestrado, como conciliar a vida profissional com a vida acadêmica, foi prazeroso e instigante a realização da pesquisa.

INTRODUÇÃO

É evidente o potencial esportivo que o município de Campinas-SP possui na estruturação e organização das mais diferentes manifestações esportivas em virtude da sua potência como metrópole. Uma dessas possibilidades é a Iniciação Esportiva oferecida pelos clubes. Apesar da importância histórica dessa organização representar a base da organização esportiva do nosso país, ainda existem poucos estudos voltados à compreensão desse cenário (CARVALHO, 2009). Com isso, há a necessidade de pesquisas que contextualizem a atual demanda do esporte contemporâneo, pois o clube socioesportivo é, muitas vezes, o primeiro espaço de contato com o esporte institucionalizado (GALATTI et al., 2017 a). Igualmente, também, se configura com um local de educação permanente que, ainda, não é muito explorado sob essa perspectiva. Galatti et al. (2017b) salientam que a educação é um fenômeno social e universal, não sendo possível falar em sociedade sem prática educativa e vice-versa.

Diante desse quadro, o nosso estudo se propõe a esboçar uma radiografia das escolas de esportes e dos clubes campineiros voltados para crianças e jovens entre a faixa etária de 7 a 12 anos. Para realizarmos tal investigação, tivemos como eixo central a perspectiva da Pedagogia do Esporte como disciplina da área das Ciências do Esporte que fornece subsídios metodológicos de estruturação e de organização do trato com o fenômeno esporte. Uma vez que o esporte é um dos fenômenos mais importantes da contemporaneidade, alcançando diferentes dimensões no cotidiano das pessoas (MACHADO et al., 2017). Uma das perspectivas desse quadro recai sobre a inserção de crianças e jovens nos clubes socioesportivos, através de programas que contribuam na formação integral desse público.

Portanto, o objetivo geral da nossa pesquisa é diagnosticar a gestão das escolas de esportes dos clubes do município de Campinas-SP. Conforme salientamos anteriormente, a cidade devida sua magnitude, poderia alcançar melhores resultados em Jogos Regionais e Jogos Abertos do Interior, por exemplo. Não é nossa intenção pesquisar o esporte de alto rendimento na cidade. Porém, essas perspectivas esboçam-se no horizonte, pois ao analisarmos a “ponta” do processo verificamos a necessidade de mais estudos para uma melhor compreensão do processo de Iniciação Esportiva de um importante cenário caracterizado pelo clube socioesportivo. Como objetivos específicos, estabelecemos: 1) Caracterizar o perfil acadêmico e profissional dos gestores/coordenadores; 2) Levantar o

número de praticantes da iniciação esportiva dos clubes campineiros; 3) Verificar e Analisar o funcionamento e a organização dos esportes oferecidos pelos clubes.

Para um direcionamento na organização dos objetivos da pesquisa, apresentamos algumas questões norteadoras:1) As escolas de esportes dos clubes campineiros contribuem para a formação integral de seus praticantes? 2) Os coordenadores/gestores possuem qualificação específica para exercerem tal cargo? 3) O processo de ensino e treinamento executado pelos treinadores é acompanhado pelos gestores? 4) Existe uma variedade nas modalidades esportivas oferecidas pelos clubes visando atender às exigências do esporte contemporâneo?

Para trilharmos nosso caminho metodológico, utilizamos a matriz analítica proposta por Oliveira (2007). Esta matriz nos possibilitou visualização e compreensão de maneira ampla e didática dos direcionamentos da pesquisa. Utilizamos como parte do instrumento de pesquisa o questionário, o qual foi elaborado em três partes: sendo a primeira parte uma adaptação de Bastos et. al (2006), para caracterizarmos o perfil do coordenador; a segunda e terceira partes foi elaborada pelos pesquisadores, com intuito de detectar o número de praticantes das escolas de esporte e de averiguar o seu funcionamento, respectivamente. O questionário foi respondido pelos coordenadores de esportes dos clubes pesquisados, por entendermos serem esses profissionais gestores e organizadores das escolas de esportes. Foram entrevistados, ao todo, 9 gestores/coordenadores. Esse mesmo número, também, corresponde ao total dos clubes pesquisados.

A estrutura da dissertação foi traçada da seguinte forma:

No primeiro capítulo abordamos os diferentes panoramas da educação, formal, não formal e informal. Obviamente, destacamos a educação não formal pelo fato do clube socioesportivo ser um espaço de educação não formal e, portanto, fomentador de práticas educacionais. Atualmente, é inconcebível considerar a escola como sendo um único local possível de promoção da educação. Do mesmo modo, neste capítulo projetamos o processo histórico dos clubes, em especial os clubes campineiros. Finalmente, abordamos o tema da Gestão Esportiva para fortalecermos nosso marco teórico sobre a atuação desse profissional nos clubes da cidade.

No segundo capítulo realizamos uma revisão de literatura especializada na Pedagogia do Esporte, delineando sobre a Iniciação Esportiva e a competição infantil.

Por fim, no último capítulo, mostramos o caminho metodológico, os resultados e a discussão acerca dos dados coletados.

Desse modo, direcionamos nossa pesquisa para um campo fértil aos pesquisadores das mais diferentes áreas e a nossa intenção é proporcionar aos gestores, treinadores, pais e praticantes que se apropriem do fenômeno esporte de forma ativa, crítica e consciente, considerando o contexto do clube socioesportivo.

CAPÍTULO 1: CLUBE SOCIOESPORTIVO: PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS, PROCESSO HISTÓRICO E GESTÃO ESPORTIVA

1.1 Perspectivas Educacionais, Educação Formal, Não-Formal e Informal: Conceitos e Características

O ato de refletir sobre a educação não se limita, somente, ao espaço das escolas formais. É senso comum que as instituições formais possuem um papel primordial na formação dos estudantes que a acessam. Principalmente no que diz respeito ao acesso aos conhecimentos construídos ao longo da história. Reforçando esse pensamento, Brandão (2007) destaca que a educação acontece em vários locais e situações sociais, entretanto, é comum ouvirmos sempre associados os termos “educação” e “escola”. Diante disso, o autor ressalta:

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor-profissional não é o seu único praticante. (p. 9).

A Iniciação Esportiva no clube, se devidamente relacionada com a educação, contribuirá para a formação integral do indivíduo. Sendo assim, aprofundaremos o conceito de Educação com a intenção de alicerçamos nossa base teórica. Libâneo (1998) destaca que a educação é:

[...] conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais. (p. 22).

Com o objetivo de ampliar nosso arcabouço teórico acerca da Educação, recorremos a Paulo Freire (1921-1997). O autor foi um pensador e crítico da área da Educação e buscou a formação integral do ser humano. O referido autor defendia a necessidade de que o educando criasse sua própria trajetória, libertando-se de práticas tecnicistas e alienantes. Em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996), é abordada essa importância do educando possuir sua emancipação e autossuficiência para que ocorra uma aprendizagem efetiva e com significado.

Freire (1996) propõe a formação de seres pensantes, críticos e capazes de interagirem entre si para buscar o pleno desenvolvimento humano. Ao dialogarmos com processo de Iniciação Esportiva sob tais aspectos, gestores/coordenadores e treinadores poderão intervirem, promovendo valores e modos de comportamento, tais como a cooperação, a convivência, a participação, entre outros valores, no processo de ensino e treino (PAES, 1992).

O pensamento freireano ressalta a necessidade de que os alunos desenvolvam a criticidade, a postura reflexiva e, principalmente, sua autonomia. Também defende que, para ocorrer uma aprendizagem mais prazerosa e eficaz, o professor deverá investigar a realidade concreta e as situações vividas pelos alunos. Portanto, os temas a serem trabalhados contribuirão para que os alunos tenham uma formação crítica de pensamento (FREIRE, 2005). Ainda, o autor questiona o modelo pedagógico reducionista, ou seja, desprovido de práticas que possibilitem o desenvolvimento cognitivo e afetivo-social.

É imprescindível considerarmos tais questões, pois devido às grandes transformações que vem sofrendo nossa sociedade, é imprescindível a formação de cidadãos críticos, conscientes e reflexivos os quais se tornam autônomos e podem enfrentar os percalços da vida moderna. Resumindo, as ideias humanizadoras de Paulo Freire, surgem como uma alternativa à educação tradicional e mecanicista, pois propõe a educação como um processo de mudança, por meio de um método no qual o aluno seja participativo e personagem principal do processo de ensino, vivência e aprendizagem.

Diante desse quadro, há de se considerar a importância que se promova no clube socioesportivo uma proposta de Iniciação Esportiva a qual contemple todo esse arcabouço de características, com o intuito de proporcionar ao praticante experiências significativas no campo esportivo e a possibilidade de desenvolvimento humano.

Com as constantes e rápidas transformações do mundo contemporâneo, torna-se imprescindível proporcionar o acesso ao esporte para crianças e jovens de tal forma que estes desenvolvam sua criticidade, oportunizando uma prática ativa e não apenas reprodução de performance já existente. “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 2005, p. 44).

É preciso pensar numa educação como instrumento de transformação da sociedade (SAVIANI, 1983; LIBÂNEO, 1986; LUCKESI, 1993). Essa concepção nos leva a pensar na formação de sujeitos críticos e reflexivos, ou seja, os gestores e treinadores devem, também, desenvolver um senso crítico nos alunos para que eles possam se enquadrar nas características da sociedade atual.

Para avançarmos nas possibilidades educativas, ressaltamos que os processos educativos se estendem por vários segmentos da sociedade. Com isso, surgem descrições das modalidades educativas de acordo com o ambiente onde são desenvolvidas (PEREZ, 2013). O mesmo autor destaca que tal identificação foi realizada a partir da análise crítica e da síntese das concepções de autores que abordam a questão. Entre eles, destacam-se: Libâneo (1994; 2002), Saviani (2008), Cury (2000), Dowbor (2001), Gohn (1998; 2001; 2006) e Perez (2009; 2013b). As três possibilidades educativas são:

- 1- Educação não intencional ou informal;
- 2- Educação intencional – Educação Formal;
- 3- Educação intencional- Educação Não Formal.

Diante dessa classificação, Perez (2013) destaca que a noção de intencionalidade é fator primordial para diferenciar a educação não intencional e a intencional. Dessa forma, definir claramente sobre a intencionalidade, tanto daquele que transmite o conhecimento quanto daquele que o apreende, fará a diferenciação na prática dessas modalidades da educação.

Enfatizaremos a perspectiva da educação não-formal pelo fato de considerarmos, em nosso estudo, o clube socioesportivo como um espaço fomentador de ações educacionais. Gohn (2006) aponta que há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou de trocar saberes. Dessa forma, sua estrutura poderia servir de base para o auxílio ao modelo formal de ensino. Com esse pensamento, podemos refletir que a inexistência do diálogo institucional escola/clube, por exemplo, é algo que poderia ser melhor estudado para que tais instituições possam ser complementares na formação das crianças e dos jovens.

Portanto, podemos afirmar que a educação não formal ocorre fora do ambiente escolar, mas, mesmo assim, há necessidade de que seja organizada e sistematizada. No esporte contemporâneo o clube socioesportivo ainda não percebeu que é um espaço fomentador de práticas educacionais, pois, conforme discutimos anteriormente, a educação deve ser disseminada, igualmente, fora das instituições formais de ensino. Um dos motivos de tal necessidade está na dinamicidade das informações do mundo atual, fazendo com que a escola não seja a única instituição capaz de produzir o conhecimento pedagógico, mas sim de auxiliar a criança a tornar-se sujeito ativo e que exerça sua cidadania.

Assim, diante de um contexto atual marcado por inúmeras transformações, há necessidade, segundo Gohn (2008, p. 92), de que se promovam espaços educacionais aos quais possibilitem uma educação integral do indivíduo, ofertando uma variedade de conteúdos que extrapolem os conhecimentos fornecidos pelas escolas.

Por não ter um caráter obrigatório como a educação formal, a educação não formal ganha notoriedade. Seu destaque se dá pelo fato de que os praticantes a busquem por interesse e prazer, como é o caso do clube socioesportivo. “Em ambiente destinado à educação não formal, é imprescindível que este funcione como espaço e prática de vivência social, que reforce o contato com o coletivo e estabeleça laços de afetividade com esses sujeitos” (SIMSON; PARK; FERNANDES, 2001, p. 10).

Diante desses argumentos apresentados pelos autores, nosso estudo propõe um diagnóstico da gestão das escolas de esportes dos clubes campineiros, contextualizando o papel pedagógico do esporte nesse espaço de educação não formal. Para tal, ressaltamos que o processo educacional rompeu barreiras e limitações impostas pelos muros das escolas formais, conquistando com um certo esforço a ampliação do conceito de educação. É neste cenário de rompimento com o tradicional, ou formal, que se projeta em grande escala a educação permanente, provocada por uma sociedade que exige constante renovação do conhecimento. Tal aprendizagem contínua, inerente às características da sociedade atual, pode ser concebida como a urgência constante de habilitar, preparar e capacitar os indivíduos aos seus anseios e necessidades.

Diante desse contexto de educação permanente, nosso pensamento aponta que o clube socioesportivo ainda não percebeu o potencial existente na educação das pessoas pelo esporte. Sendo assim, apontaremos a seguir as características do cenário clube socioesportivo a fim de sinalizá-lo como um ambiente eficaz e promissor no processo de Iniciação Esportiva.

1.2 Clube Socioesportivo: Espaço Educacional

Atualmente, a heterogeneidade do fenômeno esportivo faz com que a Iniciação Esportiva priorize não somente o desenvolvimento atlético, como também conhecimentos técnicos e táticos das mais diferentes modalidades. Gestores e o treinadores devem atuarem, ao mesmo tempo, como um **Agente Pedagógico**, mediador que facilita a intervenção e o aprendizado, segundo Paes (2002; 2008). Esse profissional deve se colocar como ponte entre

o praticante e o conteúdo, para que, dessa forma, o aluno aprenda a “pensar” e a questionar o fenômeno esporte por si mesmo e não mais receba passivamente as informações como se fosse um depósito do treinador.

Para enriquecer tal situação, apontamos aspectos relevantes debatidos que são as particularidades, conteúdos e objetivos dos cenários clube e escola. Nesse último, os aspectos educacionais e formativos possuem um caráter mais amplo e, no clube, a otimização da performance esportiva fica mais evidente. No entanto, podemos afirmar que, mesmo no clube socioesportivo, é função do pedagogo esportivo adequar conteúdos e métodos, criando situações ricas de aprendizagem. Sob esta visão, faz-se fundamental uma proposta que considere a diversidade, a inclusão, a cooperação e a autonomia (PAES; BALBINO, 2005).

Conforme apontamos, estamos diante de transformações do fenômeno esporte e, com isso, é fundamental destacarmos sua pluralidade para que possamos abrangê-lo e, assim, considerar o ser humano como um ser completo. Não desprezando nem negando a sua individualidade, as suas diferenças e, muito menos, a sua complexidade (BENTO, 2004). Imersos no esporte, os praticantes, interagindo uns com outros, esforçando-se, com perspectivas, as crianças e jovens se deparam com um campo fértil de aprendizagem socioafetivas, (BENTO, 2004).

O fato do esporte abranger tal magnitude e estar presente em nossa cultura como um fenômeno de múltiplas possibilidades faz com que todo cidadão possa e deva ter acesso. Portanto, este carece de ser entendido em sua pluralidade, não somente de definições, mas também das funções e significados das ações nele envolvidas (BENTO, 1999; MARQUES, 2001; PAES, 2001).

Um dos aspectos dessa pluralidade é a relação do esporte com a educação. Ou seja, no momento atual, é necessário compreendermos as inter-relações esporte e educação para propormos práticas pedagógicas enriquecedoras aos praticantes das mais variadas modalidades. Portanto, em se tratando do clube socioesportivo, é fundamental a compreensão do fenômeno esporte por parte de todos os envolvidos no processo (pais, dirigentes, treinadores, atletas, entre outros) para que possamos enaltecer o esporte como uma ferramenta eficaz na promoção do desenvolvimento saudável do praticante.

A combinação esporte-educação perpassa os mais diferentes ambientes e, cada vez mais, encontramos iniciativas e projetos que caminham nessa direção. A ONG Esporte e Educação criada pela ex-atleta Ana Moser e também a assessoria prestada pelo departamento educacional do Minas Tênis Clube aos seus associados são exemplos de iniciativas que caminham nesse sentido. No clube socioesportivo, crianças e adolescentes são submetidas às

aulas e/ou treinos que buscam o aprimoramento físico, técnico, tático, motor, entre outros. Além disso, esse cenário, por se tratar de um espaço de educação não formal, deverá ser norteado por princípios educativos em suas práticas.

A educação pelo esporte não se restringe a somente fazer um passe, fazer uma cesta ou um gol, saltar, arremessar, por exemplo. O desafio é não fragmentar o processo e ressaltar conhecimentos sobre autonomia, liberdade e cooperação, entre outros. Além disso, o mais importante é ressaltar o caráter espontâneo do esporte, ou seja, os valores atribuídos ao esporte são assimilados convenientemente e o processo se dá de forma natural. Não negamos o ensino da técnica, pois ensinar esporte implica aprender os gestos e movimentos específicos das modalidades esportivas reconhecidas socialmente.

Ao ensinarmos o esporte no clube, em consonância com o conceito de educação apresentado em nosso estudo, possibilitaremos um ambiente favorável para o desenvolvimento pleno do praticante, pois a relação esporte/educação gera um sujeito crítico e ativo no processo. É preciso pensar no esporte em sua totalidade, como um instrumento capaz de produzir conhecimentos, saberes e valores disponíveis culturalmente. Com isso, almeja-se realizar, na humanidade, a humanização dos seres humanos (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2013).

Nesse contexto, os autores Paes e Galatti (2013) salientam que o processo de Iniciação Esportiva não se restringe à formação de atletas. Trata-se da inserção, na cultura esportiva, da possibilidade de conhecer o esporte, desfrutar de sua prática e, a partir de um adequado processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento, manter-se no ambiente esportivo em diferentes papéis – atleta, espectador, torcedor, dirigente, árbitro, investidor, etc. – dentre outros múltiplos cenários possíveis. Para tal, não basta apenas uma eficaz elaboração de aulas e treinamentos, é necessário ampliar o currículo proposto na prática esportiva, valorizando o esporte e estimulando valores e modos de comportamento (PAES; GALATTI, 2013).

Para elucidarmos tal situação, percebemos que o esporte praticado por crianças nos clubes pouco se diferencia da prática adulta do rendimento. Pois constata-se atitudes não condizentes, como: treinador verbalizando de maneira hostil com seus atletas, pais xingando árbitros, ambiente ruim na torcida. Enfim, um cenário desfavorável ao desenvolvimento de um esporte educacional que vise o desenvolvimento integral do praticante.

Muitas vezes, motivados por interesses egoístas, ganância, ansiedade, os treinadores, dirigentes esportivos e, inclusive, os pais, esquecem-se de que cultivar um modo de pensar e agir comprometido com a condição humana das crianças e dos jovens como a

principal tarefa de todos (SANTANA, 2005). Para aprofundarmos as nuances do cenário clube socioesportivo, apresentaremos a seguir o processo histórico, o quadro atual e as particularidades dos clubes de Campinas-SP.

1.3 Clube Socioesportivo: Processo Histórico e Tendências Atuais

É decorrido mais de cem anos da fundação dos primeiros clubes socioesportivos no Brasil. Hoje, de certo modo, podemos considerar que essas centenárias entidades, dirigidas por uma administração mista, meio voluntária e meio profissional, ainda se mantêm como o berço do esporte brasileiro, (BARROS, 2016). O mesmo autor aponta que, além destas organizações de prática esportiva, as organizações do sistema “S”¹, formado por SESC, SESI e SEST (entre outras instituições do sistema “S”), as Prefeituras Municipais, as ONG’s, com diversos programas e projetos esportivos oferecidos à população, além dos Clubes Municipais, complementam a base esportiva nacional.

Ao procuramos o significado de Clube, na etimologia da palavra, encontramos: “Local de reuniões políticas, literárias etc. Local onde os sócios praticam esportes, dançam, jogam etc. Do inglês: Club” Cunha (1982). Desta forma, podemos entender que um Clube está sempre ligado a um determinado grupo específico de pessoas que realizam atividades conjuntamente.

Silva (2010) traz como definição de Clube socioesportivo: “Clube é a formalização de espaços privados, sem fins lucrativos, com finalidade de oferecer a públicos restritos, oportunidades de lazer, constituindo um modelo muito peculiar de empresa do terceiro setor” (p. 35).

Historicamente, o surgimento dos clubes sociais esportivos se estabeleceu nos centros urbanos em períodos diferentes nos estados e cidades do Brasil. Segundo Carvalho (1997), os clubes socioesportivos são vistos como uma célula social de grande importância comunitária em que os aspectos fundamentais da cultura podem tomar corpo. Nesse ambiente “o cidadão pode encontrar solução para a necessidade humana de estabelecer relações enriquecedoras com outros indivíduos” (CARVALHO, 1997, p. 32). A autora aponta,

¹ O Sistema S é formado por organizações e instituições, todas referentes ao setor produtivo, como indústrias, comércio, agricultura, transporte e cooperativas. O principal objetivo é melhorar o bem-estar das pessoas através de saúde, lazer e esporte.

também, o fato do clube esportivo ser a única entidade a possuir um núcleo voluntário que permite à comunidade vida coletiva com características que englobam lazer, cultura e sociedade, a partir de uma visão integrada. Atualmente, o Brasil possui 13.826 clubes socioesportivos (CBC, 2017)

Nosso país possui cerca de 53 milhões de pessoas vinculadas aos clubes, quase um terço da população nacional, conforme aponta a CBC (Confederação Brasileira dos Clubes). Tal entidade articula junto a uma portaria do Ministério do Esporte a Comissão de Clubes Sociais Esportivos com o objetivo de promover estudos e ações para a revitalização dos clubes (CARVALHO, 2009). Desta forma, percebemos a importância em adequar-se à realidade em que se inserem na contemporaneidade.

A CBC foi fundada em 1990, inicialmente com o propósito de promover congressos que auxiliassem os clubes a resolverem suas problemáticas de gestão. Com o crescimento de sua atuação hoje “é um órgão com grande articulação política, inclusive integrando algumas das comissões que avaliam os projetos esportivos que pleiteiam recursos advindos de programas governamentais de incentivo ao esporte” (CARVALHO, 2009, p.100). A entidade oferece, ainda, assessoria jurídica na elaboração desse tipo de projetos.

Na literatura encontramos algumas possibilidades de classificar os clubes, levando em conta os aspectos socioeconômicos, estatutários e estruturais. Mezzadri (2000) classificou os clubes em quatro categorias, a partir dos seus aspectos socioeconômicos:

1. Entidades culturais e políticas são os clubes frequentados por pessoas que possuem o mesmo posicionamento político;
2. Entidade de “status”, aqueles cujos integrantes são de alto poder aquisitivo e que são frequentados somente por pessoas da elite;
3. Clubes tradicionais, espaços onde o público, na sua maioria constituído de imigrantes, mantém as tradições de seus países de origem;
4. Clubes benficiares operários, entidades criadas para auxiliar nas dificuldades dos operários (classe que estava em processo de consolidação).

Partindo dessas premissas, o autor entende que qualquer comunidade é formada por diferentes grupos sociais e econômicos e, consequentemente, as particularidades de tais grupos influenciam a configuração dessa instituição. Para o autor, a atividade esportiva é um

meio para a conquista desta participação mais ativa no desenvolvimento da sociedade, desde que sua ação não se limite às práticas esportivas.

Com essa aproximação do clube com as modalidades esportivas, Barbanti (2003) discorre sobre essa instituição, como: “local que em geral conta com instalações esportivas (piscinas, pista, quadras, ginásios etc.) e onde, comumente pagando uma mensalidade ou taxa, se reúnem pessoas de uma sociedade para praticar esportes, jogar, dançar, etc.” (p.108). No entanto, Galatti (2010a) destaca que muitos clubes não restringem suas atividades ao esporte, desenvolvendo ainda práticas voltadas ao aspecto sociocultural. Desta forma, verificamos, nos dias de hoje, que um mesmo clube apresente atividades esportivas e atividades de lazer, descontextualizadas do esporte. No Brasil, essa é uma prática comum, sendo corriqueiro os clubes multi-esportivos e de lazer (GALATTI, 2010b).

Do ponto de vista de administração de um Clube, no início, os próprios associados, fundadores ou os criadores da entidade, podiam dar conta e atender todas as suas necessidades. Assim, o processo de construção do espaço e da administração era feito de acordo com as possibilidades financeiras e disponibilidade de cada um desses grupos de pessoas. Mas, com o transcorrer do tempo, aumentou-se a magnitude dos clubes e, com isso, apareceram novas necessidades. Adequações tiveram que ser implementadas com o objetivo de suprir algumas demandas internas.

Além disso, diversos serviços básicos passaram a ser necessários como: alimentação, limpeza, segurança, portarias, manutenção e outros serviços mais complexos como, aulas culturais e esportivas, eventos sociais, culturais, esportivos e etc. No mesmo momento em que cresciam em termos físicos, diversificavam suas atividades, proporcionando lazer para toda a família. (BARROS, 2016).

A gestão de Clubes socioesportivos, por questões estatutárias, configura-se pela existência de um Presidente eleito pelos associados ou por meio do Conselho Deliberativo. Este passa a ser o responsável e ter poderes políticos para administrar o patrimônio dos demais associados (BARROS, 2016).

Ao detectarmos o clube uma instituição social, faz-se necessário investigar sua interface com a sociedade. Heinemann, sociólogo alemão que desenvolveu um estudo sobre os clubes espanhóis na sua estadia por Barcelona em 1999, situa o clube como uma instituição que mescla componentes estruturais dos grupos sociais e das organizações formais, (entendidas aqui como as empresas, instituições de mercado, e de administração estatal).

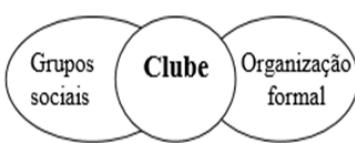


Figura 01 – O clube situado como uma mescla de grupos sociais e organizações formais. (HEINEMANN, 1999, p.107).

Figura 1: O clube situado como uma mescla de grupos sociais e organizações formais. (HEINEMANN, 1999, p. 107).

Essa elucidação apresentada pelo autor, nos remete ao que representa o clube socioesportivo e apresenta algumas características dos grupos sociais também das organizações formais (Figura 1, anteriormente apresentada).

É fundamental que se conheça, segundo o autor, as particularidades desses dois grupos. Nos grupos sociais as relações pessoais estabelecidas são consistentes, os objetivos são variados e existe um sentimento de pertencimento ao grupo o que é caracterizado pelos laços afetivos. Já nas organizações formais, o objetivo é sempre o mesmo e relacionado a empresa, as relações pessoais são estabelecidas pelo trabalho e existem estruturas sociais hierárquicas estabelecidas de forma racional, nas quais os sentimentos afetivos são neutralizados.

Os clubes fazem a união de algumas destas características. Em relação aos objetivos, o interesse está sempre situado no lazer e na prática do esporte, mas existem diferentes objetivos específicos dentro dessa possibilidade. Sobre as relações sociais, estas não são estabelecidas de maneira formal, não são rígidas e nem seguem funções específicas. Apesar de haver estruturas hierárquicas sociais, a autoridade está atrelada ao carisma, à liderança e à representatividade de algumas pessoas, assim não correspondem as estruturas formalizadas encontradas nas empresas (CARVALHO,1997).

Explorando o contexto apresentado por Heinemann (1999) e investigando o cotidiano dos associados ao clube socioesportivo, percebemos que o associado ao vincular-se ao clube faz dele a extensão da sua casa. Esse sentimento é transportado, inclusive, para fora do ambiente do clube, no reconhecimento e no sentimento de proximidade daqueles que são

membros do clube quando se encontram em outras circunstâncias, diferentes daquelas vivenciadas no clube.

Diante dessa perspectiva, compreendemos o clube socioesportivo como uma possibilidade de potencializar ações educativas, pois o associado carrega hábitos e experiências adquiridos nos clubes para outros momentos ou ambientes, contribuindo para a construção de significados e modos de vida nas pessoas (SILVA, 2007).

Historicamente, as atividades clubísticas nasceram de manifestações artísticas e intelectuais, que, na maioria das vezes, eram direcionadas por imigrantes. Com o transcorrer do tempo, foi inserido o esporte neste ambiente (MELO, 2007).

Para que o clube socioesportivo organize de forma sistemática suas atividades é imprescindível diagnosticar os interesses, necessidades e aspirações do seu público. Heinemann (1999) aponta um direcionamento nesse sentido ao afirmar que as finalidades dos clubes socioesportivos servirão de atrativos para os associados. Baseado nessas questões, é fundamental que o clube conheça e saiba suas intenções com relação ao desenvolvimento da prática esportiva.

Contudo, apesar dos diferentes perfis dos clubes, a maioria deles, por possuírem uma gestão que carece de uma maior qualificação, não conseguiu e não consegue se fortalecer e consolidar-se como entidade promovedora do esporte. Com isso, obviamente, são raros os casos de programas eficazes de identificação, seleção e promoção de atleta neste ambiente (GALATTI, 2010a).

Conforme apontamos, as rápidas e constantes transformações vividas pela sociedade influenciaram também o clube socioesportivo. Muitos clubes perceberam tais mudanças e promoveram um planejamento que atendesse sua clientela. Outros, mais tradicionalistas, não conseguiram promover alterações no seu modo de pensar e, com isso, ocorreu uma diminuição em número de associados.

O estudo de Galatti (2010a) destaca parte dessa questão no que se refere à chamada “crise” instalada nos Clubes:

[...] Na contemporaneidade o clube socioesportivo é ainda uma das principais organizações de fomento ao esporte em diferentes países, como no Brasil. Entretanto, nas últimas décadas, o esporte transformou-se e vem se adaptando ao mundo globalizado, à sociedade de consumo e mais individualizada, à velocidade dos meios de comunicação, manifestando-se de formas múltiplas e atendendo aos diferentes segmentos da sociedade. Diferentemente, o clube socioesportivo se divide entre aspectos tradicionais de sua gestão e funcionamento e as exigências atuais de diversificação e profissionalização, o que caracteriza o momento atual dessa instituição como de crise, em especial diante do modelo de esporte federado [...] (GALATTI, 2010a, p. 11)

Essa visão de “crise” relatada pela autora é compartilhada por Barros (2016), destacando que, além do processo de globalização, tal situação pode ter sido fomentada pela quantidade excessiva de oferta de atividades de lazer, seja através de meios eletrônicos seja por meio de novas possibilidades de experimentação e prática. Além disso, há o trânsito caótico nas grandes cidades, agravando o obstáculo já presente na distância entre residência e Clubes Socioesportivos. No entanto, vários outros segmentos passam por maus momentos, cabendo à organização clubística superar o difícil momento.

Nos dias atuais, Bastos (2012) aponta como principais concorrentes do clube:

- a) Shoppings Centers com seus estacionamentos, segurança, praças de alimentação, cinemas e outras formas de lazer; b) Esportes de aventura, que têm sua prática ligada à natureza e que não combinam com ginásios esportivos fechados e suas arquibancadas; c) Jogos eletrônicos, que têm o conforto do lar para os seus praticantes; d) Condomínios fechados, que são vendidos com grandes áreas de lazer e que pouparam o morador de entrar no trânsito cada dia mais destrutivo à saúde humana das grandes cidades; e) Academias a cada dia mais completas, em locais mais acessíveis e com horários direcionados a atender as grandes demandas; entre outras.

Conforme descreve Galatti (2010 a), este quadro de instabilidade clubística é percebido, também, em nível internacional. O autor Seippel (2006) aponta a diminuição no interesse pelas práticas esportivas nos clubes holandeses, o mesmo fato relatado por Bento (1999) em Portugal, Rodrigues Diaz (2008) na Espanha e Carvalho (2009) no Brasil. Mesmo com essa inconstância, existe uma tendência mundial que são os clubes de modalidade que consiste em oportunizar o treinamento em uma única modalidade. No Quadro 1 abaixo, apresentaremos algumas dessas instituições:

Quadro 1: Exemplos de clubes de modalidades

Nome do Clube	País	Modalidade
Loundon Elite Voleyball	EUA	Vôlei
Audi ETO KC	Hungria	Handebol
Franca Basquetebol Clube	Brasil	Basquete

Exemplificando o caso do London Elite Voleyball, tal instituição possibilita o treinamento do Voleibol a partir dos 9 anos de idade; sendo que a partir dos 12 anos o clube apresenta duas possibilidades aos praticantes:

1) participar do programa de rendimento;

2) participar dos treinos de forma participativa e lúdica. No entanto, em ambas as possibilidades, os treinos se baseiam na coordenação motora geral, jogos e brincadeiras.

Dessa forma, estabelece uma Iniciação Esportiva que contemple aos anseios e necessidades dos alunos. Mesmo com o quadro de desequilíbrio no ambiente clubístico, foi criada no município de Campinas uma associação civil sem fins lucrativos denominada Campinas Basquete Clube (CBC) para fomentar a prática do basquetebol e tentar reverter este cenário. Em 2015, um grupo de ex-jogadores e pais de atletas do basquete campineiro se uniram e sondaram o Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes, atualmente, Professor Titular da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a fim de apresentar um projeto que pudesse fortalecer o basquete campineiro, com a integração de diferentes parceiros, conforme revela o site da entidade. Reuniões foram realizadas com diretores e treinadores dos três clubes envolvidos: Clube Campineiro de Regatas e Natação, Sociedade Hípica de Campinas e Tênis Clube de Campinas.

Foi formada uma comissão de pais para fortalecer o projeto e, atualmente, o projeto desenvolve equipes competitivas que disputam campeonatos promovidos pela Federação Paulista de Basquete nas categorias sub-16, sub-17 e sub-19. Cada clube, anteriormente citado, fica responsável por administrar uma categoria. No presente ano readequações estão sendo feitas na tentativa de proporcionar benefícios à modalidade basquetebol no município de Campinas-SP.

Consideramos pertinente relatar em nosso estudo o projeto do Campinas Basquete Clube, pois iniciativas que integram várias frentes, como: Universidade, pais, atletas e gestores permitem um maior preparo multidisciplinar a todos envolvidos no processo e, consequentemente, o clube socioesportivo terá mais ferramentas para organizar, planejar e sistematizar o processo.

A seguir, apontaremos características e particularidades dos clubes de Campinas-SP para que podermos ter uma radiografia desse cenário, em se tratando da Iniciação Esportiva.

1.4 Clubes de Campinas - SP

Atualmente, o município de Campinas-SP se destaca como uma metrópole emergente e podemos afirmar que a cidade é um polo industrial, tecnológico e acadêmico de proporções expressivas e significativas. Com isso, segundo pesquisa da Fundação Seade, em 40 anos a densidade demográfica em Campinas e das cidades próximas, deve aumentar 23%.

Desse modo, a população na área deve saltar de 2,8 milhões, registrados em 2010, para quase 3,5 milhões de habitantes em 40 anos. Esse crescimento populacional ocorreu, especialmente, entre as décadas de 1970/80, como decorrência dos fluxos migratórios que para a cidade se dirigiram, num contexto de consolidação da urbanização brasileira (MARTINE; CAMARGO, 1984; PACHECO; PATARRA, 1998) concomitante ao processo de desconcentração industrial paulista (NEGRINI, 1996), que favoreceu algumas áreas dentro do Estado de São Paulo, sendo Campinas uma das regiões beneficiadas por esse processo.

Diante de tal expansão urbana, surgiram os clubes socioesportivos, a princípio localizados no centro da cidade, deslocando-se com o passar do tempo, para suas sedes de campo, já afastadas da cidade.

No ano de 1857 é fundado o primeiro clube social da cidade de Campinas, o Clube Semanal de Cultura Artística. Atualmente, existem 16 clubes filiados à APESEC. Tal entidade foi fundada em 07 de fevereiro de 1972 em reunião de 14 Presidentes de Clubes, com intuito de desenvolver e solucionar os problemas comuns a todos, conforme descreve o site da entidade. O número de clubes filiados a essa entidade diminuiu nos últimos anos, pois em 2009 eram 30 clubes filiados, conforme aponta CARVALHO (2009).

A seguir, apontaremos a distribuição dos clubes filiados pelas regiões da cidade.

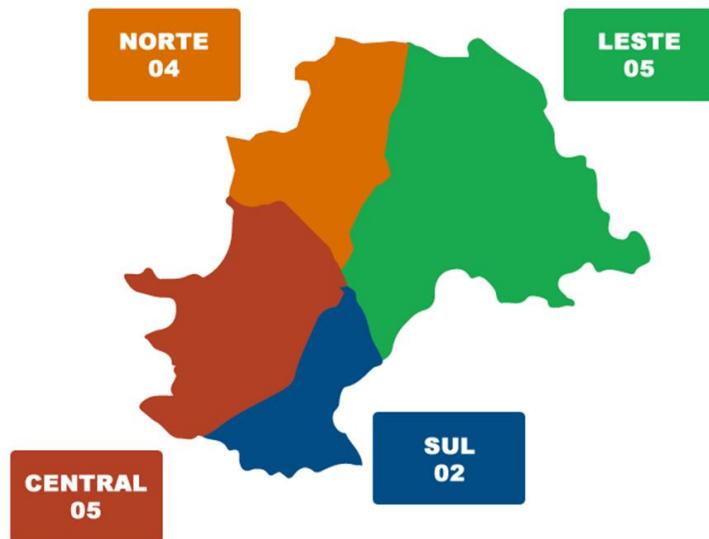


Figura 2: Mapeamento dos clubes filiados à APESEC, distribuídos segundo região geográfica no município.

Um dos motivos dessa queda é a desfiliação de clubes que não pertencem ao município de Campinas. Tal fato ocorreu porque nessas cidades as prefeituras locais não

concedem desconto no IPTU. Com isso, com a perda dessa atratividade esses clubes deixaram de ser filiados à entidade.

Em Campinas, a prefeitura concede para clubes um desconto de até 85% no IPTU. O benefício está previsto no Programa de Regularização Fiscal dos Clubes Esportivos (Refis/Clubes), criado pela Lei 14.919 de 2014. Para serem beneficiados pelo Refis, os clubes devem cumprir dois de três quesitos apresentados a seguir: 1) ceder dependências sociais e esportivas para atividades da Secretaria de Esportes e Lazer ou de outro órgão municipal por solicitação dela; 2) desenvolver atividades esportivas para não sócios através de projeto próprio ou em parceria com entidades sem fins lucrativos ou escolas municipais, visando a representação da cidade em campeonatos oficiais promovidos pela Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude de São Paulo, pelas ligas reconhecidas, federações e confederações esportivas, atendimento a atletas em formação nas praças de esportes e que sejam encaminhados pela pasta, e a participação na Olimpíada Interclubes de Campinas e Região (Olimpesec) em pelo menos três modalidades esportivas; 3) Desenvolver projetos definidos em plano de trabalho e juridicamente formalizados para demandas dos espaços públicos municipais de esportes e lazer (HARUMI, 2015).

A intenção de proporcionar tal concessão é fazer com que os clubes regularizem suas pendências financeiras junto à prefeitura, aumentando dessa forma suas receitas. Tal situação faz-se necessária para que o clube invista em práticas esportivas, pois boa parte da sua receita é destinada em benefício do associado.

Há necessidade de que o clube angarie recursos visando ao enriquecimento das suas escolas de esportes, pois segundo Costa (2003), em seu estudo sobre o papel dos clubes esportivos na cidade de Campinas, destacou que a maioria absoluta dos atletas campineiros, naquela época, eram representantes de clubes socioesportivos:

O Esporte de Representação se organizou na cidade de Campinas seguindo modelo adotado em todo o país, ou seja, o modelo baseado em clubes. Nesse modelo, coube aos clubes a formação dos atletas e a criação e manutenção de equipes de competição que representariam a cidade nos eventos citados (COSTA, 2003, p.34).

Diante desse quadro, podemos afirmar que os clubes da cidade de Campinas, como todos do país, têm estabelecido como uma de suas funções a formação de atletas devido a estrutura esportiva adotada no Brasil. Entretanto, o cumprimento desse papel vem sendo dificultado nos últimos anos, conforme já relatado nesse texto, em função de alguns fatores, como: aumento do número de condomínios que oferecem o lazer, parcela enorme da

população que se restringe ao mundo digital, precarização das atividades oferecidas pelos clubes, entre outros.

Ao analisarmos o caso dos clubes de Campinas, as dificuldades acima referidas são bastante perceptíveis, em relação a manutenção de equipes de competição. As modalidades competitivas foram se restringindo a vontade política da atual gestão, estrutura física e equipamento adequados, tradição da modalidade no clube e a possibilidade de obtenção de bons resultados (CARVALHO, 2009).

Em nosso estudo, diagnosticaremos características da gestão das escolas de esportes dos clubes de Campinas-SP e, para isso, julgamos necessário aprofundar nossos estudos sobre a gestão esportiva.

1.5 Gestão Esportiva

Na prática, a área esportiva de um clube nem sempre é dirigida diretamente por um profissional de Gestão do Esporte. Diretores esportivos, em grande parte dos casos, são associados, com formação em outras áreas e, logo, tomam decisões que não levam em consideração as possíveis e reais necessidades do esporte, simplesmente, porque não foram capacitados para isto (AZEVEDO; SPESSOTO, 2009). Percebemos também a ocorrência de ex-atletas executando tal função. Com isso, verificam-se algumas situações, como a experiência do dirigente exaltado como um componente agregador, contribuindo dessa forma para melhores resultados no processo de ensino e treino dos jovens praticantes. Ou, também, o mesmo diretor poderá exercer uma influência negativa, desejando que o treinamento do jovem praticante seja uma reprodução do treinamento adulto.

Nos últimos anos, nosso país vivenciou megaeventos esportivos que geraram discussões e debates sob os mais diversos olhares. Um desses aspectos é a má gestão de confederações e, principalmente, do Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Denúncias de corrupção e inexistência de um planejamento estratégico para as mais variadas modalidades esportivas foram e, ainda, são assuntos corriqueiramente veiculados pela mídia.

Com o término dos eventos, podemos afirmar que, em termos de organização e realização, as metas foram alcançadas, apesar da constatação de diversos erros e muitos acertos (MAZZEI; JUNIOR, 2017). Já sobre a melhoria do esporte, indicativos mostram que, infelizmente, não aproveitamos a oportunidade, seja em termos da estrutura organizacional,

das instalações esportivas, como também do sistema que a população deveria ter acesso ao esporte e possibilitar aos seus interessados um suporte adequado à preparação esportiva de alto rendimento.

Ao analisarmos de forma crítica, constatamos a ausência de uma gestão profissional, ética e responsável no esporte brasileiro. Continuamos com uma perspectiva de descontinuidade nos programas implementados, falta de visão estratégica, ineficácia, irresponsabilidade e ineficiência com relação aos recursos disponibilizados, (MAZZEI; JUNIOR, 2017).

A crescente evolução do esporte contemporâneo faz com que se torne imprescindível o conhecimento desse fenômeno em toda sua pluralidade. Afinal, essa e outras características o torna uma das maiores manifestações da humanidade (RUBIO, 2010). Com isso, torna-se inconcebível o cargo de gestor esportivo ser ocupado por um profissional sem o devido conhecimento específico da área, ou seja, sem a devida preparação para a compreensão do universo esportivo e suas nuances.

Nesse contexto, é importante que se combata práticas amadoras e, com isso, fornecemos ao esporte um tratamento profissional. Estudiosos e especialistas da área apontam que, frequentemente, o gestor age de forma amadora, intuitiva e ineficiente em grande parte das organizações brasileiras (CAPINUSSÚ, 2002; AZEVÊDO; BARROS; SUAIDEN, 2004; BASTOS et al., 2006; MACIEL, 2009; MARONI; MENDES; BASTOS, 2010, BASTOS; MAZZEI, 2012).

A gestão esportiva, tem sido conceituada, como a função de planejamento, organização, direção e controle das organizações esportivas (ZOUAN; PIMENTA, 2003; BASTOS, 2004; VIEIRA; STUCCHI, 2007; ANCHIETA, 2010; SOUCI, 2002; apud BASTOS et al., 2006; PARKHOUSE, 1996; MULLIN, 1993 apud ZOUAIN; PIMENTA, 2003).

A literatura da área aponta que o primeiro programa de gestão esportiva teve início nos anos de 1960, na Universidade de Ohio, para atender as demandas do esporte profissional e universitário americano (CHELADURRAI, 2009). Na Europa, os primeiros cursos surgiram no Reino Unido e a maioria deles ainda se concentram nessa região (ROCHA; BASTOS, 2011). Na Europa, os pesquisadores se ocupam da investigação de clubes e entidades de administração do esporte (por exemplo: federações, confederações e comitês olímpicos) (ROCHA; BASTOS, 2011). Na Ásia, EUA e na Europa, a gestão esportiva é considerada uma área de formação específica, inclusive com cursos de graduação

e pós-graduação stricto sensu desenvolvidos exclusivamente para a formação de profissionais que desejam atuar na gestão do esporte (BASTOS; MAZZEI, 2012).

Em revisão da produção acadêmica em Portugal, a respeito do perfil de competências do gestor esportivo verificou-se que estes profissionais podem ser nomeados como gestores, diretores técnicos e dirigentes esportivos (JOAQUIM; BATISTA; CARVALHO, 2011), situação também encontrada por pesquisadores espanhóis indicam que o importante é não se restringir ao nome que o cargo recebe e sim focar no entendimento das funções que este profissional realiza (PEIRÓ; MARTINÉZ-TUR; TORDERA, 1999).

No Brasil, a gestão esportiva surgiu em decorrência da busca por melhores resultados internacionais (BASTOS et al., 2006). Diferentemente de outros países, o enquadramento conceitual da área não está bem estabelecido, existindo divergência entre estudiosos que consideram a gestão do esporte como um campo dependente de outras áreas, e autores que a compreendem como uma área de estudos independente advertem que deveria possuir literatura, teorias e práticas próprias.

O Comitê Olímpico Brasileiro (COB) criou no ano de 2012 a Academia Brasileira de Treinadores (ABT), promovendo cursos para que os treinadores tenham uma visão sistêmica do processo de ensino e treino do esporte. Tal iniciativa contribui para sua formação e inserção da ciência em sua prática. Um desses cursos oferecidos é o curso básico de gestão para treinadores, o qual tem como objetivo desenvolver habilidades e competências, no que se refere ao planejamento, gestão de pessoas, gestão financeira, além de habilidades, tais como: negociação, gestão de conflitos, entre outras. Apresentado no formato totalmente a distância (EAD), o conteúdo se destaca em vídeo aulas interativas, além de conteúdo escrito (COB, 2017).

Apesar de tais iniciativas, essa área do conhecimento tem sido, ainda, pouco estudada, (ROCHA; BASTOS, 2011). Os autores, Mazzei, Amaya e Bastos (2013) identificaram 43 opções de cursos de formação para gestores esportivos. Diferentemente da situação brasileira, conforme destacamos anteriormente, nos EUA existem programas acadêmicos destinados para este fim com cerca de 415 cursos de graduação, 172 mestrados e 27 programas de doutorado específicos em Gestão do Esporte (North American Society for Sport Management [NASSM], 2017).

Segundo Da Costa (2004), esse ambiente clubístico possui um destaque sociocultural que constitui a base do desenvolvimento esportivo no Brasil. Com isso, o cargo de gestor esportivo nessas instituições torna-se de grande responsabilidade, pois, além das funções essenciais de planejar, organizar, liderar e avaliar, é necessário conhecer o ambiente

cultural, econômico, social e político (CORREIA; BISCAIA; MENEZES, 2014). Entretanto, o que se percebe é que os cargos de diretoria nos clubes são ocupados, em sua maioria, por profissionais que não tem formação específica em Educação Física e Esporte (BASTOS; MAZZEI, 2012).

Tal situação em nosso país reflete em práticas amadoras e ineficientes, sendo raras as organizações esportivas, em nível nacional, que implementam projetos eficientes e exemplares (BASTOS; MAZZEI, 2012). Corroborando com os autores, (MAIA, 2016) aponta duas hipóteses para a ausência de projetos de preparação esportiva:

- 1) Conhecimento restrito dos profissionais que atuam no esporte acerca de práticas eficazes de gerenciamento de projetos;
- 2) Descaso dos dirigentes esportivos de solucionarem problemas.

Ao analisarmos o pensamento dos autores, podemos afirmar que é questionável a atuação desses profissionais, pois com o avanço dos mais diferentes estudos sobre o esporte e sua multidisciplinaridade faz-se necessário que se perpetue organizações esportivas embasadas em projetos e programas condizentes com a alta competitividade no mercado.

Ressaltamos anteriormente que o esporte é um fenômeno complexo (SCAGLIA, 2003; REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009; GALATTI et al., 2014). Assim, tal complexidade exige o devido conhecimento científico para a melhora dos níveis de proficiência nos mais variados setores, dentre eles a gestão esportiva. Em nível mundial, existem alguns exemplos que analisam de forma científica a qualidade do esporte de alto rendimento. Uma das principais referências é o Modelo *Sport Policy Factors Leading to International Sporting Success* (SPLISS) que é um projeto de investigação internacional que estuda a competitividade dos países no desporto de alto rendimento. Ele teve início em 2002, e, atualmente, envolve países como Espanha, Austrália, Brasil, Dinamarca, Estônia, Finlândia, França, Holanda, Japão, Portugal, Reino Unido e Suíça (VILANOVA et al. ,2014).

O SPLISS considera 9 pilares importantes a serem investigados:

- 1) Suporte Financeiro;
- 2) Organização e Estruturas Políticas Esportivas;
- 3) Cultura e Participação esportiva;
- 4) Sistema de Desenvolvimento e Identificação de Talentos;
- 5) Suporte para Carreira e Aposentadoria de Atletas;
- 6) Instalações Esportivas;
- 7) Desenvolvimento e Capacitação para Técnicos;
- 8) Competições (inter) nacionais;

9) Pesquisas Científicas (ANTONELLI, 2016).

Numa breve análise (Figura 3 a seguir), os resultados mostraram que o Brasil apresenta baixos números em comparação à média dos outros países, exceto na participação em competições internacionais e no apoio financeiro, (BÖHME; BASTOS,2012).

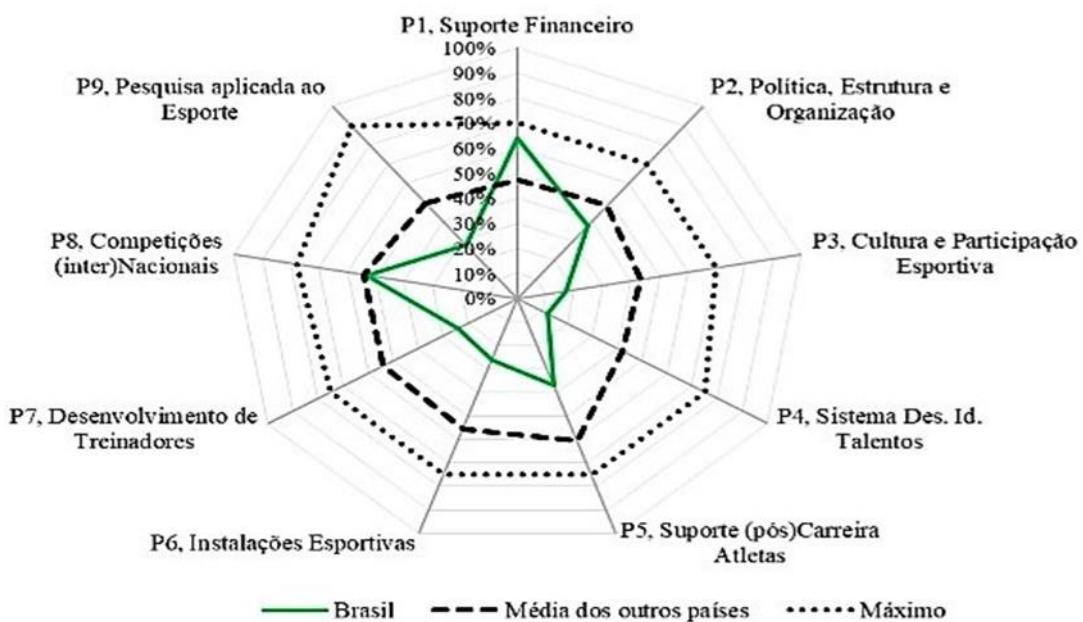


Figura 1 - Resultados do Brasil no consórcio internacional SPLISS
Fonte: Adaptado de De Bosscher et al., 2015.

Figura 3: Resultados do Brasil no consórcio internacional SPLISS. Fonte: Bossher et. al. (2015, p. 32).

Em nosso estudo, destacamos o clube socioesportivo como um espaço fomentador de programas de iniciação esportiva. Um dos possíveis locais para se melhorar os índices do Brasil no Pilar número “3) Cultura e Participação Esportiva”, seria o clube socioesportivo. Porém, nosso país mostra níveis inferiores da média de outros países.

Diante das rápidas e constantes transformações que nossa sociedade perpassa, exigindo respostas rápidas, parece não haver, ainda, atingido a administração de clubes. Pois estes continuam a adotar formas tradicionais de fomento às práticas esportivas. A situação se agrava ao relatarmos o estudo de Bastidas e Bastos (2011) que investigaram a aplicação da Lei de incentivo Fiscal para o Esporte. Foi constatado que os clubes são as instituições que mais receberam recursos para a formação esportiva. No entanto, os autores Cristiani et al. (2017) apontam que não se encontram estudos que investigam o impacto da Lei de Incentivo Fiscal no processo de formação de atletas.

Ao elucidarmos o panorama atual da gestão esportiva no Brasil, tomamos como análise a necessidade de ressaltar que tal cargo requer um profissional multidisciplinar que conte com conhecimentos de diferentes áreas do conhecimento. Apontamos sugestões, como:

1) revisão do Currículo dos cursos superiores de educação física para que insira de forma mais rica a disciplina de gestão esportiva;

2) Ampliação do curso de gestão promovido pelo COB para as federações espalhadas por todo o país. Com isso, forneceremos um tratamento mais científico ao esporte e, consequentemente, os gestores teriam mais ferramentas para organizarem seus planos de trabalho e, dessa forma, maiores chances de possuírem uma visão sistêmica do processo.

A fim de solidificarmos nossa discussão sobre a necessidade da inserção da ciência no esporte, seja em qualquer cenário, destacaremos a seguir a Pedagogia do Esporte, disciplina da área das Ciências do Esporte, que confere à estruturação adequada às práticas de ensino.

CAPÍTULO 2: PEDAGOGIA DO ESPORTE: INTERFACES DA ÁREA COM O PROCESSO DE INICIAÇÃO ESPORTIVA

Ao enfatizarmos a temática da Iniciação Esportiva em um ambiente de educação não formal, ou seja, nos clubes socioesportivos, alguns temas se tornam constantemente presente em nossas reflexões, são eles: fenômeno esporte; a disciplina Pedagogia do Esporte; a Iniciação Esportiva como uma fase do processo permanente de vivência esportiva. Este capítulo, visando uma melhor compreensão de tais termos, tem como principal objetivo revisar a literatura específica buscando conceituar, atualizar, bem como construir um referencial teórico exercendo nossas ideias acerca do assunto.

O esporte moderno surgiu no século XIX como consequência da apropriação dos jogos populares pela nobreza inglesa, introjetando valores morais a partir da racionalização e sistematização das práticas (PRONI,1998). Passou por profundas modificações ao longo do século XX, sobretudo após a 2^a guerra mundial, principalmente devido às transformações sociais e econômicas e à progressiva mercantilização da cultura verificadas nos EUA e na Europa (TUBINO, 1992). De acordo com este último, com a publicação da Carta Internacional de Educação Física e Esporte pela UNESCO no ano de 1978, passou a existir uma nova visão de esporte no mundo. Neste documento estabeleceu-se que a atividade física ou prática esportiva é um direito de todos, assim como a educação e a saúde. Atualmente, as dimensões sociais do esporte como um direito de todos, abrange três formas de manifestação: esporte educacional, esporte-participação e esporte de rendimento. Com o propósito de conhecermos as possibilidades de tais práticas, apresentamos, de forma sucinta, as perspectivas do esporte relatada por Tubino (2001).

Esse autor classificou o esporte sob três formas de manifestação:1) educacional: focado na escola e no exercício crítico da cidadania; 2) participação, cuja finalidade é a do divertimento e da descontração, buscando um melhor convívio social; 3) o esporte-performance ou de rendimento, entendido como uma prática que almeja o sucesso esportivo, a busca incessante da vitória, quebra de recordes. Não obstante exista essa classificação na prática, nem sempre é fácil localizar ou diferenciar essas manifestações, pois em determinadas situações, o sentido da prática do esporte pode não estar condizente com as expectativas, conhecimentos e aspirações dos praticantes.

No clube socioesportivo, às vezes, ocorrem conflitos para se diagnosticar em qual classificação se enquadra. Para exemplificar tal questão, em determinados clubes, alguns

associados colocam restrições à prática do esporte de rendimento, pelo fato de ser algo elitista, excluindo, dessa forma, associados que se julgam em condições de fazerem parte das equipes ou até mesmo de serem contra a formação dessas equipes. Assim, compete aos gestores e treinadores promoverem orientações capazes de amenizar a situação. Alguns associados também combatem a natureza da instituição, pois muitos clubes promovem o esporte-participação e alguns associados ou dirigentes cobram a formação de equipes competitivas e participação em campeonatos oficiais.

Há necessidade que profissionais ligados ao esporte, em especial no clube socioesportivo, compreendam as várias facetas do esporte atual, pois, dessa forma, os praticantes das mais variadas modalidades esportivas terão maiores chances de assimilar o real significado desse fenômeno. Os autores Beneli, Proni e Montagner, (2016) afirmam que o esporte contemporâneo apresenta uma configuração mais ampla e complexa, em comparação com a época em que os Jogos Olímpicos modernos foram criados. Contudo, o surgimento de novas modalidades e a adoção de novos modelos de organização esportiva tenham ocorrido de forma gradativa, preservando elementos tradicionais da prática esportiva e de suas representações sociais, com o tempo, passam a predominar novas formas de manifestação, novos símbolos, ampliando o leque de significados, de interesses e de objetivos (MARQUES, 2007; PRONI, 1998).

Com a recente realização dos megaeventos esportivos no Brasil, Copa do Mundo em 2014 e Jogos Olímpicos e Paralímpicos em 2016 no Rio de Janeiro, percebemos o alto grau de envolvimento da nossa sociedade com o esporte. Esse fascínio das pessoas por ele faz com que esse fenômeno conquiste novos adeptos a cada dia (PAES; BALBINO, 2005). Tais eventos comprovaram que o esporte deve ser tratado como um fenômeno devido ao seu alcance e influência que exerce no comportamento das pessoas (PAES; MONTAGNER; FERREIRA, 2009).

Para tanto, faz-se necessário um novo olhar acerca do fenômeno esporte. É preciso vê-lo não mais como uma prática exclusiva para atletas e talentos, mas como uma alternativa para todos os cidadãos. Nesse contexto, Bento (2000) posiciona-se:

O desporto viu-se investido de um crédito extremamente valorizador da sua relevância social, cultural e humana. E, assim, atingiu uma expansão sem par em outros domínios, com índices de crescimento impressionantes, a ponto de este século ser rotulado por muita gente como o estranho século do desporto. O desporto tem sido instrumentalizado para as mais diversas funções e finalidades, numa relação de osmose com o tecido social e com a evolução da civilização e da cultura. Isto é, temos estado a assistir a um crescente desportivização da sociedade e da vida e a uma desportificação do desporto.

Nessa perspectiva de não redução do fenômeno esportivo e ao pensarmos no funcionamento e organização das escolas de esportes dos clubes de Campinas-SP, reforçamos a necessidade que se desenvolva referenciais pedagógicos que forneçam subsídios ao desenvolvimento integral do praticante. Assim, a partir do momento que novos significados são atribuídos ao esporte, surgirão mais pessoas fascinadas por esse fenômeno tão essencial na formação humana. Para que se implemente tal ambiente de aprendizagem o treinador deverá ter uma visão sistêmica do processo, identificando quatro aspectos, (PAES; BALBINO, 2005):

- Cenários: compreensão do contexto em que ocorre a prática.
- Personagens: respeitar às características individuais.
- Significados: motivação para a prática da modalidade preferida.
- Modalidades: conhecer as especificidades da modalidade praticada e suas particularidades.

Portanto, em se tratando do cenário clube socioesportivo, é função primordial dos gestores e treinadores diagnosticarem o ambiente de aprendizagem para que possa fomentar ações cooperativas e harmoniosas entre todos aqueles participantes do processo, como: pais, dirigentes, alunos, mídia e espectadores.

Enaltecemos o esporte como um dos fenômenos socioculturais mais relevantes do século XXI, atingindo variados cenários, personagens, significados e finalidades (PAES; GALATTI, 2013), e um importante contexto e ferramenta para o desenvolvimento do(a)s jovens (HOLT, 2008; GONÇALVES, 2013; CÔTÉ; HANCOCK, 2014). Como o foco de nosso estudo são crianças de 7 a 12 anos, destacamos que a potencialidade deste fenômeno também pode ser explorada por essa faixa etária que buscam, nos mais diferentes ambientes, como clubes, academias, prefeituras, escolas ou ONGs, o início da prática esportiva (MACHADO et al., 2011; GALATTI et al., 2013).

Para a maioria dos jovens, praticar esporte é saudável e prazeroso e apresenta-se como experiência motivadora. Essa participação pode ter diferentes finalidades, sendo também variados os tipos de participações. A criança, considerando suas potencialidades e interesses, pode envolver-se no esporte de uma forma mais ou menos recreativa ou com aspirações para atingir elevados níveis de proficiência esportiva. No entanto, diferentes autores, de diversos países (BAYER, 1994; CÔTÉ; HANCOCK, 2014; GARGANTA, 2004; GRAÇA; MESQUITA, 2006; GRIFFIN; MITCHELL; OSLIN, 1997; KIRK; MACPHAIL,

2002; LIGHT; TAN, 2006; SIEDENTOP, 2002; TAVARES, 2013, entre outros) têm destacado que a forma como os esportes têm sido convencionalmente ensinados, dificulta aos alunos uma atuação de forma proficiente, dentro de um nível recreativo e/ou de lazer.

Pesquisas que abordam o esporte, segundo Rufino e Darido (2011), têm transposto os ‘muros’ das ciências biológicas, como a fisiologia e a medicina esportiva, enfatizando o esporte como um fenômeno plural e abrangente nas mais diversas esferas, assim, áreas como a pedagogia, a engenharia, a medicina, a fisiologia, a psicologia, a tecnologia e a sociologia vêm abordando o esporte como objeto de estudo (PAES, 2006; GALATTI, 2010). Com relação ao campo pedagógico, a pedagogia do esporte apresenta-se como uma das disciplinas das ciências do esporte que vem investindo em estudos referentes à organização, sistematização, aplicação e avaliação do processo de ensino e aprendizagem do esporte (PAES, 2006; PAES; GALATTI, 2013).

De acordo com alguns estudos (GALATTI, REVERDITO, SCAGLIA, PAES, SEOANE, 2014; SCAGLIA, 1999; REVERDITO; SCAGLIA, 2009), a Pedagogia do Esporte possui como finalidade a intervenção do processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento do esporte, e dessa forma deve analisar, interpretar e compreender os problemas relativos ao processo educativo, orientando essa ação sistematizada e organizada culturalmente de tal forma que seja capaz de realizar a formação humana a partir de reflexões que conduzam ao conhecimento.

A Pedagogia do Esporte como disciplina da área da ciência do esporte surgiu pela necessidade e interesse da sociedade pelas práticas e atividades esportivas corporais (REVERDITO, SCAGLIA E PAES, 2009), a partir das transformações do esporte e das múltiplas possibilidades proporcionadas por esse fenômeno cultural no mundo contemporâneo (PAES, 2006).

Segundo o autor, sua função é, também, constatar e direcionar sua atenção para as maiorias e não apenas em uma minoria possuidora de talentos para as práticas competitivas (PAES, 2002), não obstante reconheça o valor de todos os elementos inseridos no ambiente esportivo. O esporte contemporâneo, com suas nuances e articulações, trouxe aspectos significativos para serem explorados por profissionais que lidam com o esporte.

O campo do conhecimento da Pedagogia do Esporte podemos afirmar que é uma área do conhecimento recente, até certo ponto. Firmando-se com significativo crescimento nas duas últimas décadas (TINNING, 2008; REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009; RUFINO; DARIDO, 2011; KIRK; HAERENS, 2014).

Com a atual demanda e necessidade do esporte contemporâneo, houve a necessidade da Pedagogia do Esporte atender aos interesses e necessidades da sociedade atual. Diante de tais direcionamentos, Bento (1991) direciona à Pedagogia do Esporte atribuindo-a responsabilidade de refletir sobre o sentido do esporte enquanto prática educadora e formadora da condição e conduta humana.

Corroborando com o autor, Freire (1997) faz uma análise sobre a pedagogia do esporte, enxergando o fenômeno sociocultural de forma abrangente, onde o processo de ensino supera as questões voltadas somente à aprendizagem de gestos esportivos. Para o autor, é preciso:

- Ensinar Esporte a todos;
- Ensinar bem Esporte a todos;
- Ensinar mais que Esporte a todos; e
- Ensinar a gostar do Esporte.

Para ampliar e avançar o alcance da Pedagogia do Esporte, os autores Beneli, Proni e Montagner (2016) propõem um quinto princípio norteador da prática pedagógica, frente ao contexto esportivo contemporâneo; ensinar a entender criticamente o esporte na sociedade atual, ou seja, qualificar o aluno para perceber cada manifestação esportiva como um conhecimento historicamente situado, condição para compreender esse fenômeno como elemento significativo da cultura, (BENELI; PRONI; MONTAGNER, 2016)

Através do pensamento dos autores, a Pedagogia do Esporte contribui ao conceber o esporte como um facilitador no processo de desenvolvimento humano. Sendo a criança ou adolescente um sujeito ativo e participativo. Assim, fornecerá subsídios para uma melhor compreensão do fenômeno esportivo por meios pedagógicos e educacionais, fomentando processos de organização, sistematização, aplicação e avaliação de procedimentos pedagógicos em todas as etapas de formação esportiva (PAES; BALBINO, 2005; REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009; GALATTI, 2010)

Diante dessa necessidade de que se tenha uma compreensão ampla das práticas esportivas, a Pedagogia do Esporte proporciona ferramentas facilitadoras para que os treinadores responsáveis pela iniciação e especialização esportiva de jovens façam com que o ambiente seja propício para o desenvolvimento integral do indivíduo (LEONARDI et al., 2011).

Corroboramos com o pensamento do autor, pois vislumbramos a necessidade, no contexto da iniciação esportiva, de ações que possibilitem aos praticantes oportunidades para que eles experimentem situações nas quais os valores almejados sejam vivenciados num ambiente pedagógico propício à construção e ao desenvolvimento de atitudes (SANTANA, 2005; PAES; MONTAGNER; FERREIRA, 2009).

Diante disso, nosso esforço em defender uma pedagogia do esporte no ambiente do clube socioesportivo voltada não somente aos aspectos motores, mas também aos aspectos filosóficos, sociais, psicológicos e cognitivos. Para reforçamos tal aspecto, a literatura aborda três referenciais da Pedagogia do Esporte que auxiliam o treinador e o gestor do clube na organização dos conteúdos. Apresentaremos os de forma sucinta a seguir.

Autores que discutem a temática destacam três referenciais: o técnico-tático, o socioeducativo e o histórico-cultural Paes (1996), Galatti (2006), Galatti et al. (2008), Paes e Balbino (2009), Galatti, Paes e Darido (2010), Machado, Galatti e Paes (2011), Machado (2012) e Machado, Galatti e Paes (2014). O Referencial Técnico-Tático trata da lógica técnica e tática das modalidades esportivas. O Referencial Socioeducativo aborda a importância que se crie um ambiente agradável, para que se compreendam valores e modos de comportamento, questões atitudinais e valores agregados às práticas corporais. Por último temos o Referencial Histórico-cultural, em que Machado (2012) aponta a necessidade que os praticantes têm para acesso ao conhecimento de elementos históricos e culturais do esporte, promovendo desta forma um significado crítico das práticas esportivas.

Percebe-se, portanto, que a Pedagogia do Esporte está direcionada a concepção do esporte como um facilitador para o processo de formação humana. Tal campo do conhecimento contribuirá para destacar o esporte como um fenômeno multifacetado, contribuindo, assim, para uma melhor qualidade de vida do praticante.

Diante desse contexto, tendo a gestão das escolas de esportes dos clubes campineiros como foco principal e estando ela diretamente relacionada ao fenômeno esportivo, este estudo aborda a Iniciação Esportiva desenvolvida nesse cenário com crianças na faixa etária de 7 a 12 anos. A seguir, destacaremos as possibilidades de uma Iniciação Esportiva calcada na ótica da Pedagogia do Esporte.

2.1 Princípios Pedagógicos na Iniciação Esportiva no Clube

Conforme discutimos em nosso estudo, são enormes as perspectivas de contato com o esporte ao longo da vida. Com isso, sendo a maior aproximação ou distanciamento com o fenômeno determinado pela qualidade e pelo significado que as experiências esportivas têm para cada pessoa. Nesse sentido, a Iniciação Esportiva deve preocupar-se com a qualidade das atividades ofertadas, tanto em termos técnico-táticos como nos aspectos psicossociais que permeiam as práticas e os relacionamentos estabelecidos (CÔTÉ et al.,2017).

Em se tratando do ambiente clubístico, é comum verificarmos estratégias que distanciam o fenômeno esporte do real significado para as crianças. Um exemplo de tal situação é a ansiedade dos pais, dirigentes e treinadores em vislumbrarem nos praticantes futuros atletas. Sabemos que o desenvolvimento pelo esporte é uma trajetória complexa e marcado por diferentes fatores ao longo do tempo, (CÔTÉ et al.,2017).

Os mesmos autores, apontam um exemplo para tal situação: considerando um grupo de crianças de 6 ou 7 anos jogando futebol, cada criança manifesta diferentes habilidades, maturação e comportamento, sendo extremamente difícil prever quem será um atleta de elite, quem se sustentará praticante da modalidade ou simplesmente se distanciará do esporte.

Ao percebermos o quadro atual da Iniciação Esportiva no clube, em que as crianças têm iniciado cada vez mais prematuramente nas práticas esportivas, a estruturação e sistematização do processo com base na Pedagogia do Esporte (PAES, 2002; SCAGLIA, 2003; GALATTI; PAES; DARIDO, 2010; GALATTI et al., 2014; MACHADO et al., 2014) devem solucionar às expectativas dos praticantes, considerando seu nível de experiência. Dessa forma, fazendo com que as crianças tenham a oportunidade de viver seus anseios e desejos, compondo as lacunas e necessidades da sua existência, ou seja, formação.

Nesse sentido, ao discutirmos as escolas de esportes dos clubes campineiros na faixa etária de 7 a 12 anos, entendemos que a iniciação esportiva nas primeiras idades pode trazer aportes tanto negativos, como positivos. No entanto, a criação de um ambiente favorável e que direcione o desenvolvimento da criança a partir de interações positivas passa, circunstancialmente, pelas condições no qual é conferida a condução do processo de ensino esportivo (BETTEGA et al., 2015).

O direcionamento do processo de ensino esportivo no cenário do clube não poderá abordar a criança e o esporte como partes isoladas que se somam levam a uma concepção

reducionista. No entanto, o progresso só é possível passando de um estado de totalidade indiferenciada à diferenciação das partes (BERTALANFFY, 2013).

Assim, conforme abordamos para garantir a relevância do clube socioesportivo, como um dos principais locais promovedores das práticas esportivas, é fundamental oportunizarmos uma aprendizagem que oportunize às crianças e adolescentes uma vida salutar e mais ativa no âmbito da Iniciação Esportiva. A partir da interação entre criança, esporte, a família, treinador, dirigentes, colegas, entre outros possibilita uma multiplicidade e pluralidade dos fenômenos possibilitando um processo de interpretação que explica a realidade de uma forma mais significativa (MUNNÈ, 2004).

Diante desses pressupostos, Oliveira e Paes (2004) abordam uma proposta de iniciação que contemplem tais características. Os autores propõem, a princípio, a fase de iniciação esportiva I, que possibilite o envolvimento das crianças nas atividades esportivas de caráter lúdico, participativo e alegre, a fim de oportunizar o ensino das técnicas esportivas, estimulando o pensamento tático.

Todas as crianças devem ter a possibilidade de acesso aos princípios educativos dos jogos e brincadeiras, influenciando positivamente o processo ensino-aprendizagem. Na sequência, na fase de iniciação esportiva II, os autores propõem desenvolver a aprendizagem de diferentes modalidades esportivas. Partindo do princípio de que a fase de iniciação desportiva I visa à estimulação e à ampliação do vocabulário motor por intermédio das atividades variadas específicas, mas não especializadas de nenhum esporte, a fase de iniciação esportiva II dá início à aprendizagem de diversas modalidades esportivas, dentro de suas particularidades. E, na fase III, ocorre o refinamento das habilidades adquiridas na etapa anterior e aprendizagem de novos conteúdos (OLIVEIRA; PAES, 2004).

Além da idade adequada ao treinamento específico, portanto, é primordial que, desde os primeiros anos de vida, ocorram estímulos e atividades prazerosas que propiciem o aumento do repertório motor. Tais procedimentos compõem a base para especialização esportiva em idades posteriores (BLOOM, 1985; CSIKSZENTMIHALYI; RATHUNDE; WHALEN, 1997; GALLAHUE; OZMUN, 1998; GRECO; BENDA, 1998).

Diante dessa perspectiva, Weineck (2003) discute que quando lidamos com crianças e adolescentes, notamos que essas sofrem inúmeras mudanças/transformações significativas no organismo, tanto na ordem física, quanto nos aspectos psicossociais. Essas variáveis influem nas atividades corporais e na capacidade de suportar carga, fazendo com que o treinamento realizado pelas crianças e adolescentes sejam diferentes dos realizados pelos adultos. Os autores Borin e Gonçalves (2004) relatam que intervir com crianças e

adolescentes não se deve orientar pelo rendimento. Há necessidade que se respeite às características individuais, a fim que o praticante possa construir e conduzir-se de acordo com suas particularidades.

Diante das propostas apresentadas, e ao discutirmos o embasamento teórico, torna-se imprescindível diversificar as experiências dos jovens praticantes para que seu acervo motor se torne amplo e capaz de responder às necessidades das mais variadas modalidades esportivas. No processo de formação esportiva, os autores (ADELINO; VIEIRA; COELHO, 2000; WEINECK, 2003; BOMPA, 2000) consideram a iniciação uma fase essencial para que se promovam as primeiras adaptações no indivíduo e que, numa fase posterior, possa responder de forma mais rica a novos estímulos.

Bompa (2002) destaca que o planejamento do treinamento esportivo através da aplicação da carga nesta faixa etária requer cuidados especiais, pois a sua manutenção por um longo período levará a um ganho mínimo de desempenho, concomitantemente, o aumento exagerado trará benefícios em curto prazo, aumentando a possibilidade de lesões e do esgotamento precoce das capacidades funcionais. Não obstante o autor reforça que o treinamento de jovens atletas não deve ser visto como algo prejudicial, e sim como uma prática organizada, sistematizada e planejada, que certamente trará inúmeros benefícios ao seu desenvolvimento integral.

A continuidade e o prolongamento da vida dos jovens no esporte, certamente, dependem de tais experiências e, para que isso ocorra, deverão ser positivas e motivadoras para que não ocorram possíveis frustrações. Muitos treinadores adotam procedimentos inadequados e incoerentes, baseados na automatização de técnicas e reprodução do treinamento adulto. Tal perspectiva de formação, provavelmente, trará um conjunto de problemas, pois, no transcorrer do tempo, muitos praticantes acabam se desinteressando do esporte, e as capacidades adquiridas serão, prioritariamente, as motoras e técnicas. Com isso, ocorre a omissão da abordagem tática das diferentes modalidades, além dos aspectos socioafetivos e histórico-culturais que enriquecem o convívio com o esporte (GRECO; BENDA, 1998; PAES; BALBINO, 2005; MACHADO et al., 2011; PAES; GALATTI, 2013).

Ratificando os autores anteriores, Greco e Benda (2001) apontam uma proposta de iniciação esportiva que respeite as fases de desenvolvimento da criança. A ideia é que se promova o desenvolvimento motor, social, cognitivo e afetivo das crianças, oportunizando, dessa forma, um repertório motor capaz de se tornarem atletas de alto rendimento ou simplesmente o aprimoramento de seus movimentos que renderão uma melhor qualidade de vida em épocas futuras.

Balbino e Paes (2005, p. 7), ao elucidarem uma metodologia na iniciação esportiva, tiveram como suporte a teoria das Inteligências Múltiplas, cujo objetivo principal é “multiplicar possibilidades de aprendizado, preparando quem aprende não somente para os desafios esportivos, como também para o desenvolvimento de características internas na resolução de problemas de diferentes estruturas, criando consistentes metáforas para a vida”. Com isso, a proposta é utilizar o esporte para o desenvolvimento integral da criança.

Já Kröger e Roth (2002) apontam a diversificação de jogos e também de bolas para o desenvolvimento cognitivo e motor de crianças. Assim, são oferecidas condições suficientes para que possam ingressar no treinamento específico de algum esporte com bola, com níveis de proficiência motora para uma aprendizagem significativa.

Corroborando as ideias anteriores, algumas pesquisas (CÓTÊ, 1999; CÓTÊ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÓTÊ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013) apontam que essa fase de início da prática esportiva pode ser definida como “sampling”, ou seja, etapa de experimentação. Essa fase caracteriza-se pelo jogo deliberado (deliberate play), que consiste na prática esportiva para crianças como diversão, proporcionando a elas que se adaptem a diferentes contextos. Agindo assim, desenvolve sua motivação intrínseca, a gratidão e o prazer pela prática.

Os autores Galatti et al. (2017c) apontam que tal experimentação, nos anos iniciais, em contato com atividades esportivas proporcionam maiores benefícios e melhor comprometimento quando comparada com a especialização precoce em uma única atividade. Nesse contexto, a defesa dos anos de experimentação durante a infância está baseada em dois elementos principais, (CÓTÊ; LIDOR;2013; CÓTÊ; HACKFORT,2014):

1. Envolvimento em múltiplas modalidades: a participação baseada na diversificação esportiva possibilita às crianças experimentar uma sequência de ambientes físicos, cognitivos, afetivos e psicossociais. A aprendizagem de múltiplas competências é imprescindível para a posterior especialização em um esporte durante a adolescência.

2. Participação em jogo deliberado: participação em atividades lúdicas, de natureza intencional e voluntária, como jogos projetados para maximizar o prazer inerente ao jogo, podendo ser praticados com mínimo de equipamentos, em qualquer tipo de espaço, com qualquer número de jogadores e com jogadores de diferentes idades e tamanhos (GALATTI et al., 2017c)

Os mesmos autores destacam um estudo realizado por Vink, Raudsepp e Kais (2015) com atletas adolescentes. Foi identificado uma relação recíproca entre motivação intrínseca e horas de prática deliberada, ou seja, quando o adolescente escolhe a modalidade que quer praticar, maior sua satisfação e envolvimento com a prática. No clube socioesportivo, muitas vezes, o praticante é induzido a praticar tal modalidade por influência da família ou pelo fato da modalidade possuir representatividade dentro e fora do clube.

Seguindo essa mesma linha da diversificação, outro modelo aplicado nas escolas da Inglaterra, denomina-se “Modelo de Educação Desportiva” (MED), (SIEDENTOP, 2002; HASTIE, 2011). Tal proposta tem a finalidade de promover a socialização dos praticantes por intermédio da prática do esporte, contrapondo o rendimento e a competição exacerbada. Essa proposta progride de forma significativa na questão do desenvolvimento da cidadania, do senso crítico dos participantes, mantendo-se a importância da prática esportiva afastada dos problemas da especialização precoce (GRECO; MORALES; ABURACHID, 2017).

Esse método é calcado em três pilares: o desenvolvimento da competência esportiva (o saber fazer); a compreensão e o saber apreciar os valores culturais que qualificam a prática, conferindo o verdadeiro significado (cultura esportiva); o entusiasmo pelo desporto, ou seja, a atração despertada nas crianças/adolescentes pelo fenômeno esporte (DYSON; GRIFFIN; HASTIE, 2004).

Percebemos a necessidade em apontar a diversificação. Esse quadro é comum de se verificar nos clubes socioesportivos, pois, em determinadas situações, dirigentes e pais pressionam treinadores para resultados imediatos e a busca incessante das vitórias. Cabe ao treinador promover uma orientação de todos os envolvidos no processo, ressaltando que os jovens praticantes podem ter anseios e desejos os quais, muitas vezes, não vão ao encontro dos objetivos dos pais e dirigentes.

Com isso, não respeitar a idade evolutiva das crianças e impor essas cobranças excessivas, são fatores prejudiciais ao processo de iniciação esportiva (SAAD; REZER, 2010). Uma aprendizagem esportiva norteada por rendimento imediato poderá comprometer a evolução futura dos jovens praticantes. Os mesmos autores, ainda, destacam que não é problema se iniciar cedo nos esportes, mas não se deve fazê-lo de forma inadequada que acarretem prejuízos, como a interrupção na prática e a especialização esportiva precoce.

Com o intuito de superar as fragilidades apresentadas, Mesquita et al. (2009) destacam que, por volta das décadas de 60 e 70, iniciou-se um remodelamento do ensino dos jogos. Tendo como cenário as abordagens construtivistas e cognitivistas, este movimento passou a partir da década de 90 a ser debatido na literatura relacionada ao ensino da educação

física (GRAÇA; MESQUITA, 2006; MESQUITA; PEREIRA; GRAÇA, 2009). Neste cenário de apropriação do fenômeno esporte de forma ativa pelos praticantes, os modelos de Educação Esportiva elaborado por Siedentop e, também, o Ensino dos Jogos para Compreensão (TGfU)², esboçados por Bunker e Thorpe ganharam relevância nas publicações dos autores luso-brasileiros (GAYA; TORRES, 2004; VALENTINI, 2009; BOLONHINI; PAES; 2009; NEWMAN, 2010; MESQUITA; GRAÇA, 2006).

De acordo com Graça e Mesquita (2006), o modelo de Educação Esportiva (MED) foi aplicado na tentativa de contextualizar o jogo enquanto prática lúdica e capaz de contribuir na educação e na formação dos praticantes, valorizando desta forma as dimensões humana e cultural do esporte. Seguindo essa linha, o modelo em questão apresenta uma diferença essencial em relação às abordagens tradicionais, uma vez que enfatiza a preocupação em reduzir, ao máximo, os fatores de exclusão, favorecendo a participação de um maior número de praticantes.

Quanto ao modelo de Ensino dos Jogos para Compreensão (TGfU), este tem como propósito o progresso e evolução da capacidade de jogo, conquistado através da compreensão tática do mesmo. Tendo como elemento primordial o processo de ensino e aprendizagem, a utilização de jogos reduzidos como ferramenta para a construção do conhecimento, o TGfU aponta o jogo como espaço para a resolução de problemas, destacando os componentes cognitivos presentes na prática. Com isso, observa-se uma preocupação por parte do TGfU de que os componentes táticos, presentes no jogo, sejam ensinados previamente aos elementos técnicos, com o objetivo de contextualizar o ensino e de não apresentar as habilidades técnicas como finalidade, como observado na abordagem tradicional (BOLONHINI; PAES, 2009; MESQUITA; GRAÇA, 2006).

Os autores, Gonçalves, Martins e Carvalho (2017) afirmam que que o TGfU inspirou outras experiências e desenvolvimento dos mesmos princípios, tais como Game Sense, Game Centered Approach ou Tactical Learning. No domínio do ensino dos jogos, o TGfU tornou-se influente em nível mundial, fornecendo um sólido corpo de literatura pedagógica e agregando grupos de investigadores e professores, em congressos, seminários e grupos de interesse funcionando em rede. O resultado desta propagação seria a organização de conteúdos, construção e escolha dos exercícios de treino. Com isso, aumentaria as chances de

² O TGfU propõe uma forma de ensino contextualizada, isto é, sugere que as aulas de iniciação esportiva se baseiem em jogos reduzidos. Estes jogos podem ter espaço reduzido, menos jogadores, equipamentos adaptados, tempo de jogo reduzido, enfim, possuem regras adaptadas em relação ao jogo formal (BOLONHINI; PAES, 2009).

sucesso no processo de ensino e treino, como também enriqueceria a comunicação treinador/atleta.

Segundo Bolonhini e Paes, (2009) para que haja uma eficaz construção do conhecimento, é imprescindível que os treinadores e/ou professores possibilitem aos praticantes instantes de debates, onde os mesmos possam refletir criticamente sobre a prática e desta forma elaborarem novas estratégias de atuação para os jogos posteriores. Assim, verifica-se que o papel do praticante no processo de ensino-aprendizagem neste modelo é alterado, deixando de participar meramente como um reproduutor das atividades propostas pelo treinador e/ou professor, para tornar-se o elemento central do processo, sendo estimulado a adotar uma postura crítica em relação a sua participação e ao desenvolvimento da aula e/ou treino (GRAÇA; MESQUITA, 2007; BOLONHINI; PAES, 2009; MESQUITA; PEREIRA; GRAÇA, 2009)

Ao analisarmos as abordagens dos autores, constatamos a necessidade que se acene ao jogo reduzindo-o como meio para iniciação aos jogos esportivos. Constatam-se ainda, a preocupação das abordagens para que o aprendizado decorra considerando o praticante como sujeito ativo, sendo corresponsável pela construção do conhecimento.

Assim, torna-se imprescindível gestores e treinadores buscarem um direcionamento de suas práticas pedagógicas que valorizem as características dos praticantes, bem como as suas experiências. Não se pode mais pensar em oferecer ao esporte à uma parcela exclusiva da população, ou seja, com as várias manifestações deste fenômeno, cabe aos treinadores e professores a elaboração e execução de práticas comprometidas, relevantes e prazerosas às mais diversas necessidades dos praticantes.

Diante desse quadro, o Grupo de Estudos em Pedagogia do Esporte (GEPESP, Unicamp) coordenado pelo professor Dr. Roberto Rodrigues Paes tem participado com pesquisas (BALBINO; PAES, 2005; GALATTI, 2006; LEONARDI, 2013; REVERDITO, 2016) que apontam caminhos para o treino de crianças e jovens regido por princípios que transmitam não apenas as habilidades específicas dos esportes, mas também valores éticos e morais, como disciplina, cooperação, espírito de equipe, dentre outros. Através de uma iniciação esportiva calcada na pedagogia do esporte, o praticante abarcará as várias facetas do esporte contemporâneo. Dessa forma, poderá desfrutar, vivenciar e escolher as diferentes manifestações deste fenômeno.

Um dos principais temas debatidos no processo de Iniciação Esportiva é a competição, pois ao inserir o praticante neste contexto, é imprescindível que se avalie se a

mesma é adequada ou não às necessidades e capacidades das crianças e jovens. Para isso, discutiremos a seguir inferências da competição infantil.

2.2 A Competição na Iniciação Esportiva dos Clubes: Pressupostos Pedagógicos

A competição esportiva no cenário clubístico é um componente essencial no processo de ensino e treino. Tal situação poderá influenciar na longevidade esportiva dos praticantes ao aportar valores negativos, como: exclusão, busca incessante da vitória, violência, entre outros. No entanto, se for organizada e planejada respeitando a faixa etária das crianças, poderá proporcionar situações, como: motivação, maior comprometimento e responsabilidade com as aulas e/ou treinos, entre outros. Cabe aos gestores e treinadores planejarem e calcarem a competição baseada em referenciais socioeducativos; como afirma Parlebás (1987) o esporte não é bom nem ruim, é o que se faz dele.

Ao lidarmos com a faixa etária de 7 a 12 anos, foco da pesquisa do nosso trabalho, podemos afirmar que a competição constitui parte importante das vivências das crianças, proporcionando ricas experiências de autoconhecimento, superação e amadurecimento que emergem das situações de disputa de uma competição (MARQUES, 2004). Entretanto, há críticas quanto à realização de competições especializadas para essa faixa etária (RÉ; DE ROSE; BÖHME, 2004; KUNZ, 2006; CAFRUNI, 2002). Marques (2004) e Kunz (2006) nos apresentam argumentos de que devido à relevância da competição, valores exacerbados de concorrência e individualismo seriam promovidos e que os jovens estariam sacrificando suas infâncias em virtude de treinamentos muito exigentes e competições de alto nível.

Devido à essa complexidade, esta temática é debatida por acadêmicos, treinadores, pais, entre outros. Os pressupostos de resultados imediatos para a obtenção de resultados é um dos assuntos mais abordados, pois pode comprometer a evolução futura dos praticantes. De Rose Junior (2002) destaca que a competição esportiva infantil apresenta pontos negativos quando: tem seu início induzido e/ou antecipado, foca a prática de gestos específicos, está relacionada à especialização precoce, há exigência de boa performance e da busca da vitória a qualquer custo. Seguindo esse mesmo pensamento, Paes (1997, p.29) afirma:

A valorização da vitória em detrimento dos derrotados é uma questão cultural fortemente verificada no esporte competitivo e, infelizmente, verificada constantemente também no desporto juvenil.

Devemos este panorama ao fato de que o modelo de competições aplicado à essas idades é o mesmo que o modelo adulto em muitas modalidades esportivas. Este também é o caso que vem ocorrendo nas Olimpíadas dos Clubes Campineiros, pois o praticante não é tratado com características e necessidades diferenciadas. Nesse contexto, é possível verificarmos crianças de 7 - 8 anos em disputas competitivas no formato do esporte de alto rendimento nas mais variadas modalidades esportivas. Os clubes utilizam-se das crianças-atletas para divulgarem e promoverem seus nomes, em busca de status e, também, para satisfazer a vontade pessoal de algum dirigente. Como o resultado é um dos principais balizadores do trabalho do treinador, os mesmos buscam incessantemente as vitórias para sua valorização profissional.

Para elucidarmos o fato, Arena e Böhme (2000) pesquisaram clubes e entidades governamentais no Estado de São Paulo. O estudo concedeu à essas entidades um importante papel no oferecimento da Iniciação Esportiva e sua continuidade nas categorias de base. Foi analisado o programa esportivo de sete secretarias de esporte e de sete clubes socioesportivos da capital paulista. Ao debater com a literatura acerca do esporte infantil, as autoras constataram que na maioria das entidades esportivas pesquisadas e em todas as modalidades consideradas, verificou-se idades precoces na especialização esportiva (ARENA; BÖHME, 2000, p.185). Além disso, as autoras, identificaram a existência de relação entre as idades de treinamento específico em uma única modalidade e as idades de competição federada, tendo diagnosticado a influência da competição na organização do programa esportivo

Por este motivo, diversos autores (LIMA, 1987; MARQUES, 1997; 2004; 2006; WEINECK, 2003; CARDOSO, 2007) enfatizam um melhor enquadramento destas competições, para assim afirmarem que está sendo desenvolvido um esporte para crianças com um devido tratamento pedagógico.

A adoção e reprodução dos modelos de alto rendimento e/ou adulto foi um erro grave cometido por muitos anos, os quais, além de reduzirem as possibilidades do esporte no processo educacional, ainda, podem causar o abandono precoce da prática esportiva (PAES, 2006). Como verifica Platonov (2004) ao apontar que ao se adotar estes modelos, as exigências da prática competitiva aumentam significativamente e, em consequência disso, desaparece gradativamente a componente recreativa. No contexto do clube, pais, treinadores, gestores e os próprios praticantes estão inseridos num contexto que segue essa lógica.

A competição pode atribuir ao praticante diversos significados e funções. A função de formação integral, a partir da competição se justifica, especialmente, quando tratadas de maneira adequada tanto as questões das vitórias quanto as das derrotas.

Desde já, é importante afirmar que os mais jovens não conseguem se enquadrar em um esporte sem vencedores e vencidos. Se verificadas as expressões mais espontâneas de uma criança no meio esportivo, esta afirmação ganha força. Tanto a vitória quanto a derrota possuem significados pedagógicos e, se encaradas da forma correta, tanto pelo treinador quanto pelo atleta, podem servir como experiências positivas para a vida (GONÇALVES, 2013).

Não significa que aquele atleta que perde uma competição será um perdedor na vida. Muito pelo contrário. Se bem conduzida, essa derrota servirá muito no seu futuro, inclusive podendo esta experiência ser mais significativa do que se tivesse obtido êxito. Para que o poder educativo da competição se concretize, seria necessário desdramatizar as derrotas e relativizar as vitórias (MARQUES, 2004).

Marques (1999) ressalta que, para que promova ações eficazes no sistema competitivo, os agentes pedagógicos devem apontar claramente a diferença entre os objetivos do desporto de alto rendimento e os do desporto de formação. Enquanto no desporto de alto rendimento a competição é o balizador para a organização do treino, no desporto de crianças e jovens a competição deve constituir uma extensão e complemento do treino, o qual deverá primar pela educação e formação do indivíduo. Assim, o processo de integração de jovens nas formas de competição adultas deve ser progressivo, de maneira que sejam consideradas, simultaneamente, a capacidade de realização e a predisposição para a participação, numa perspectiva de formação a longo prazo (MESQUITA, 1998).

Diante dessa perspectiva de pedagogizar o processo competitivo de crianças e jovens, Fonseca (2004) destaca que na província de Ontário, Canadá, foi criada uma nova liga de hóquei no gelo, na qual as crianças participaram na criação das regras do jogo, entre elas: proibir treinadores ou árbitros de gritar com os atletas; os participantes jogarem em todas as posições, não obedecendo a sistemas rígidos de jogo; praticarem todos os jogadores períodos de tempo equivalentes, independentemente da importância do jogo. O autor afirma que as mudanças tiveram grande sucesso entre os praticantes.

Seguindo essa mesma linha, Mesquita e Araújo (2002) destacam o programa Gira vôlei desenvolvido pela Federação Portuguesa de Voleibol. Nesse contexto, são criadas condições de aprendizagem num ambiente divertido, competitivo e motivador, através de regras adaptadas e situações de jogo 2x2. Com isso, é estimulado a autonomia do praticante a

partir de um ambiente propício à aprendizagem, favorecendo, assim, um envolvimento saudável com a modalidade de voleibol

As competições infantis e juvenis, segundo Weineck (2003), devem ter a sentido de transição, por isso devem ser consideradas como componente do processo de treinamento, quando levado em consideração seu programa e método de organização. Ainda, para Weineck, neste tipo de competição, valem os seguintes princípios:

- O jovem atleta deve demonstrar o desempenho adquirido no treinamento (coordenação, técnica, etc.). Uma competição na qual as valências treinadas não são utilizadas, perde sua função de avaliação;
- O atleta deve mostrar sua habilidade em diversas disciplinas da modalidade esportiva em questão e também de outras modalidades esportivas (aspecto multidisciplinar);
- A sequência e a frequência não devem ser determinadas por uma competição principal. Não faz sentido a criança treinar um longo período para apenas uma competição principal;
- Deve haver competições durante todo o ano de treinamento após cada período do mesmo. As competições devem ser feitas entre dois grupos de desempenho semelhante ou ainda entre pessoas do mesmo grupo;
- As competições devem trazer sempre desafios crescentes, sem este critério, a competição perde seu valor.

Diversos critérios apontados como essenciais por Weineck (2003) são compartilhados por Marques (2004). O autor apresenta três categorias teórico-metodológicas que devem ser contempladas para que se possa fazer da competição esportiva um modelo de formação de crianças e jovens:

- Novas práticas competitivas em um esporte mais conforme a criança;
- A competição como um elemento estruturante de toda a formação esportiva;
- Número e frequência de participações em competições adequadas.

Estas relações visam assegurar o equilíbrio competitivo entre os jovens, para que os mesmos sejam colocados como protagonistas do processo e, desta forma, haja uma diminuição de fatores de exclusão, não sendo o praticante como mais um mero reproduutor de

movimentos na busca por resultados (MESQUITA; GRAÇA, 2006). Com isso, a tendência é que mais crianças e jovens se interessem pela prática esportiva.

Por meio dessas discussões, nosso estudo reconhece o papel da competição no processo da iniciação esportiva. É fundamental que gestores e treinadores pensem numa preparação voltada aos princípios socioeducativos almejando a formação de adultos críticos, conscientes e reflexivo.

Abordaremos no capítulo seguinte o caminho metodológico trilhado para a pesquisa. Apresentaremos o contexto geral do estudo ao definirmos o clube socioesportivo como nosso ambiente de pesquisa.

CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização da Pesquisa

O estudo baseia-se numa conjugação de elementos qualitativos e quantitativos. Desta forma, aumenta o escopo de possibilidades investigativas. Com isso, os pesquisadores baseiam a investigação supondo que a coleta de diversos tipos de dados garanta um entendimento melhor do problema pesquisado (CRESWELL, 2007). Seguindo esse mesmo caminho, o autor Demo (2008) destaca a complexidade de uma pesquisa na qual a qualidade e a quantidade caminham no mesmo sentido. Apesar de caracterizarmos a pesquisa com abordagem qualitativa, foram abordados elementos da investigação quantitativa para que esta auxilie na realização do estudo.

Quanto aos fins, trata-se de uma pesquisa exploratória, pois há pouco conhecimento sobre a gestão das escolas de esportes dos clubes campineiros, considerando seu perfil e particularidades; e descritiva pois revela características de uma determinada população, estabelecendo relações entre o gestor e a Iniciação Esportiva do clube. Foi feita uma revisão de literatura em livros, artigos e trabalhos publicados sobre os temas: Educação, Educação Não-Formal, Gestão Esportiva, Esporte, Pedagogia do Esporte e Iniciação Esportiva. Além disso, realizamos uma pesquisa de campo, onde foram coletados dados juntos aos gestores dos clubes para caracterizar seu perfil acadêmico e profissional, levantar o número de praticantes e analisar o funcionamento e características das escolas de esportes dos clubes campineiros.

Realizamos também uma pesquisa documental, característica por ser uma fonte de coleta de dados restrita a documentos (MARCONI; LAKATOS, 2010) junto à secretaria de esportes para consultar as modalidades praticadas nos clubes e também o número dos praticantes.

Para discutirmos de forma mais sólida e consistente a Iniciação Esportiva neste cenário, também realizamos uma revisão do processo de Iniciação Esportiva, considerando a Pedagogia do Esporte como alicerce teórico. Diante da revisão de literatura e o embasamento das pesquisas documental e de campo, sustentada pela experiência dos pesquisadores no cenário clube socioesportivo, o presente estudo fornecerá uma radiografia da gestão das escolas de esportes dos clubes de Campinas-SP na faixa etária de 7 a 12 anos.

3.2 Instrumento para Coleta de Dados

A fim de coletarmos os dados para nossa pesquisa, utilizamos o recurso do questionário, conceituado como “pesquisa em que as informações são obtidas pedindo-se aos participantes que respondam às questões, em vez de observar seu comportamento” (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012, p. 293). Este instrumento pode ser utilizado tanto nas pesquisas quantitativas como nas qualitativas, Negrine (2010). Assim, optamos pelo questionário, pois conforma aponta as autoras (MARCONI; LAKATOS, 1996), possui um maior alcance geográfico e, também, por ser uma ferramenta eficaz na obtenção de um número de respostas significativas, alcançando, desta forma, os objetivos da pesquisa e nos fornecendo uma visão ampla da problemática do estudo.

As vantagens do uso do método do questionário são (MARCONI; LAKATOS, 1996; MATTAR, 1996): utiliza-se menos pessoas para ser executado e proporciona economia de custo, tempo, viagens, com obtenção de uma amostra maior e não sofre influência do entrevistador. Dentre as desvantagens podem ser citadas (MARCONI; LAKATOS, 2010; MATTAR, 1996): baixo índice de devolução, elevado número de perguntas em branco; dificuldade de conferir a confiabilidade das respostas; demora na devolução do questionário e a impossibilidade do respondente tirar dúvidas sobre as questões, o que pode levar a respostas equivocadas. Ressaltamos que a aplicação dos questionários se deu de forma presencial em todos os clubes pesquisados.

Para conhecermos de forma mais profunda a realidade a ser estudada, visitamos os clubes pesquisados e estreitamos os laços com os entrevistados, mostrando os objetivos da pesquisa e sua relevância científica. Essa aproximação foi interessante, pois sanamos algumas dúvidas e percebemos que os gestores/coordenadores se dedicaram no preenchimento do questionário. Negrine (2010), destaca que deve haver uma negociação para o bom andamento da pesquisa. Os participantes foram informados e esclarecidos a respeito dos objetivos do estudo e, também, foi apresentado e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme Comitê de Ética (TCLE) - Anexo 2. O projeto de pesquisa foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Campinas sob o CAAE 54026016.2.0000.5404 (Anexo 1).

3.3 Elaboração do Instrumento

O instrumento foi reorganizado após o estudo-piloto e, com isso, algumas questões foram readequadas. Por definição, o estudo piloto é um teste, em pequena escala, dos procedimentos, materiais e métodos propostos para determinada pesquisa (MACKEY; GASS, 2005). Portanto, é uma versão reduzida do estudo completo, que envolve a realização de todos os procedimentos previstos na metodologia de modo a possibilitar modificações dos instrumentos na fase que antecede a investigação em si.

Em consonância com o pensamento anterior, os autores Canhota (2008) e Mackey e Gass (2005), ressaltam que a importância de conduzir um estudo piloto está na possibilidade de testar, avaliar, revisar e aprimorar os instrumentos e procedimentos de pesquisa. Executa-se um estudo piloto com a finalidade de descobrir pontos negativos e problemas em potencial, para que sejam resolvidos antes da implementação da pesquisa propriamente dita. Com isso, o estudo piloto mostrou-se um instrumento valioso, já que permitiu aos pesquisadores chegarem ao contexto de sua pesquisa mais experientes e com escolhas metodológicas mais afinadas, (BAILER; TOMITCH; D' ELY, 2011).

Conforme apontado anteriormente, nosso ambiente de pesquisa é o clube socioesportivo e através do estudo piloto reformulamos, corrigimos e modificamos eventuais falhas no instrumento de pesquisa para que pudéssemos obter uma maior segurança e precisão para a execução da pesquisa, (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Com relação à elaboração do questionário, trilhamos um direcionamento fornecido por Marconi e Lakatos (2010), Thomas, Nelson e Silverman (2012), organizando as questões de tal forma que alcance as informações necessárias à pesquisa. Na primeira parte abordamos o perfil acadêmico e profissional do gestor a partir do instrumento utilizado por Bastos et.al (2006). Na segunda parte, as modalidades oferecidas e o número de praticantes através de uma pesquisa documental junto à secretaria de esportes dos clubes envolvidos no estudo. Na terceira e última parte, através de questões abertas, verificamos o funcionamento e a organização das escolas de esportes dos clubes. Foi utilizada nas questões 10 e 11, dessa última parte, a escala likert que consiste em permitir ao pesquisado emitir um grau de concordância sobre uma afirmação qualquer (SILVA JUNIOR; COSTA, 2014). O questionário completo está apresentado no anexo 3.

Para alcançarmos o objetivo do estudo, foi adaptada a matriz analítica proposta por Oliveira (2007) mostrada na página seguinte (Quadro 2), onde foram especificados os

objetivos, as categorias, os indicadores, as informações e os questionamentos a serem considerados na investigação acerca da gestão das escolas de esportes dos clubes pesquisados. Com isso, foi conferido uma maior robustez metodológica ao instrumento conforme apresentaremos a seguir:

MATRIZ ANALÍTICA
PESQUISA DE CAMPO - PEDAGOGIA DO ESPORTE: DIAGNÓSTICO DA
GESTÃO DA INICIAÇÃO EM CLUBES SOCIOESPORTIVOS DE CAMPINAS-SP

Quadro 2: Proposta de Matriz analítica. Adaptada de Oliveira (2007).

TÍTULO	OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CATEGORIAS DE ANÁLISE	INSTRUMENTOS DE MEDIDA	ANÁLISE DOS DADOS	QUESTÕES
PEDAGOGIA DO ESPORTE: Diagnóstico da gestão da iniciação em clubes socioesportivos de Campinas	Diagnosticar a gestão da iniciação esportiva em clubes socioesportivos de Campinas	Caracterizar o perfil acadêmico e profissional dos coordenadores dos clubes socioesportivo de campinas	Coordenador de esportes	QUESTIONÁRIO – PARTE I	QUALITATIVA ANÁLISE DE CONTEÚDO DE BARDIN	ONDE? POR QUÊ? PARA QUE? O QUÊ? COMO?
		Levantar o número de praticantes na iniciação esportiva em clubes de Campinas	Número de praticantes	QUESTIONÁRIO – PARTE II	QUANTITATIVA FREQUÊNCIA E PERCENTUAL	ONDE? QUAL? QUAIS? POR QUÊ? PARA QUE? O QUÊ? COMO?
		Verificar e analisar o funcionamento e organização dos esportes oferecidos na etapa de iniciação esportiva em clubes de campinas	Oferecimento dos esportes	QUESTIONÁRIO - PARTE III	QUALITATIVA E QUANTITATIVA ANÁLISE DE CONTEÚDO DE BARDIN FREQUÊNCIA E PERCENTUAL	ONDE? QUAL? QUAIS? POR QUÊ? PARA QUE? O QUÊ? COMO?

Fonte: Adaptado de Oliveira (2007)

3.4 Os Sujeitos da Pesquisa

A população deste estudo foi composta por 09 gestores/coordenadores dos clubes pesquisados. As instituições foram escolhidas através de dois critérios:

- 1) Ser Filiado à Associação dos Clubes de Campinas e Região (APESEC);

2) possuir escolas de esportes na faixa etária de 7 a 12 anos. Um determinado clube se enquadrou nos critérios estabelecidos, mas recusou-se a participar da pesquisa.

Apresentamos a relação dos clubes pesquisados descritos em ordem alfabética:

- 1) Alphaville Campinas Clube;
- 2) Bonfim Recreativo e Social;
- 3) Círculo Militar de Campinas;
- 4) Clube Campineiro de Regatas e Natação;
- 5) Clube Fonte São Paulo;
- 6) Instituto Cultural Nipo-Brasileiro Campinas;
- 7) Clube Semanal de Cultura Artística;
- 8) Sociedade Hípica de Campinas;
- 9) Tênis Clube de Campinas.

Com a finalidade de preservar a confidencialidade dos entrevistados e respeitar os aspectos éticos da pesquisa, os clubes foram numerados de 1 a 9, assim como os entrevistados, considerando a sequência em que os encontros aconteceram. As visitas/entrevistas foram agendadas conforme a disponibilidade dos coordenadores/gestores. Os mesmos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e preencheram o questionário. Alguns dos gestores, por não estarem de posse de alguns dados documentais no momento da visita, os enviaram posteriormente, diretamente ao pesquisador que complementou as informações no formulário do questionário.

3.5 Análise dos Dados Qualitativos e Quantitativos

O processo de análise de dados foi estruturado e sistematizado conforme os objetivos da pesquisa, conferindo logicamente com os conceitos levantados na literatura.

Dessa forma, a análise foi realizada em 3 etapas:

I-Caracterização do perfil acadêmico e profissional do gestor;
II- Identificação do número e características dos praticantes das escolas de esportes;

III- Verificação e Análise do oferecimento das escolas de esportes.

Para realizar a análise quantitativa, utilizamos como ferramenta o software R e sua linguagem de programação, que são próprios para o apontamento de valores absolutos e

relativos. Foi necessária a análise quantitativa para verificarmos o número de praticantes vinculados às escolas de esportes dos clubes pesquisados, comparando esse número com a população total de Campinas-SP na faixa etária de 7 a 12 anos. Já a parte qualitativa, os dados coletados foram categorizados e feita a análise de conteúdo a partir da constituição de três categorias que foram previamente definidas pelos pesquisadores. (BARDIN, 2011), sendo elas:

1. Perfil Acadêmico e Profissional do Coordenador;
2. Número de praticantes das escolas de esportes;
3. Oferecimento dos esportes das escolas de esportes dos clubes pesquisados.

Inserida em cada categoria, percebemos informações fornecidas pelos sujeitos que ampliaram a possibilidade de análise dos dados obtidos. Ao promovermos a nossa revisão de literatura e discutirmos com os dados encontrados, apresentaremos quadros e gráficos que descreveram os resultados obtidos.

3.6 Aspectos Éticos

O projeto de pesquisa deste estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, e foi previamente aprovado sob CAAE 54026016.2.0000.5404. Foram entregues o TCLE para cada um dos sujeitos, bem como foram esclarecidas quaisquer dúvidas sobre sua participação na pesquisa. O pesquisador assumiu o compromisso de manter o sigilo e resguardar a privacidade dos participantes da pesquisa. Foi assegurado o sigilo à identidade dos participantes e o caráter confidencial das informações. Em relação aos dados, os participantes têm livre acesso para análise das informações em qualquer etapa da pesquisa, os quais poderão a qualquer momento entrar em contato com os pesquisadores por meio de telefone e/ou endereço de correspondência eletrônica.

No capítulo seguinte apontaremos e discutiremos os resultados encontrados. Sustentamos nossa discussão com a revisão de literatura realizada.

CAPÍTULO 4: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embassados pela pesquisa bibliográfica e sustentados pela pesquisa documental, direcionamos os resultados e discussão em três etapas para que pudéssemos detalhar com maior robustez metodológica os resultados encontrados. Na primeira etapa delineamos o gestor, na segunda etapa conhecemos as modalidades oferecidas e o número de praticantes e na terceira etapa verificamos o funcionamento e organização das escolas de esportes dos clubes pesquisados.

4.1) 1^a Etapa: Caracterização do Perfil Acadêmico e Profissional do Gestor.

De acordo com a Figura 4, percebe-se que os gestores que possuem pós-graduação assumiram recentemente o cargo ou estão nele há mais tempo. Aqueles que possuem apenas o nível superior, estão no cargo entre 3 e 6 anos. Na questão sobre o que diz respeito ao tempo no cargo, o estudo de Miranda et.al (2017) sobre os gestores de clubes do município de Recife-PE destaca que 50,00% dos indivíduos estão no cargo há cinco anos ou menos, 33,33% entre cinco e dez anos e 16,67% está há mais de dez anos. Ao relacionarmos os dois estudos, percebemos que há um equilíbrio entre os dados quando se faz referência ao tempo no cargo.

Em relação à escolaridade, apenas 22,2% dos gestores não são educadores físicos; 55,4% dos gestores possuem pós-graduação em nível de especialização. Todavia, nenhum gestor optou em realizar tal aprofundamento em algum curso de gestão. O estudo de Amaral (2014) reforça com esta constatação, pois as especializações feitas pelos gestores são em áreas diversificadas e, portanto, não direcionadas à gestão esportiva. Percebemos, também, a inexistência do título de mestrado ou doutorado pelos gestores, algo que difere da realidade de alguns países (GHADERI, 2014; NOSRAT et al., 2013). A situação relatada é comprovada pela nossa revisão de literatura ao apontarmos a quantidade expressiva de cursos de especialização, mestrado e doutorado nos EUA.

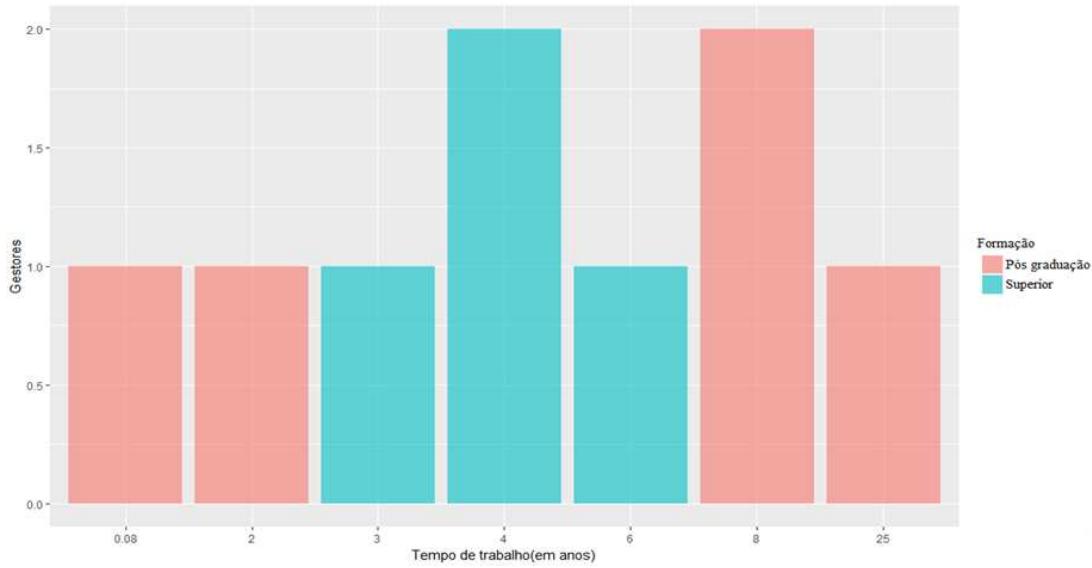


Figura 4: Disposição dos gestores entrevistados de acordo com tempo de trabalho (atuação) e os respectivos níveis de escolaridade (pós-graduação e graduação).

Analizando a Figura 5, pode-se perceber que a maioria dos gestores (77,78%) foram atletas. Ou seja, dos 9 clubes entrevistados, apenas dois dos gestores não foram atletas.

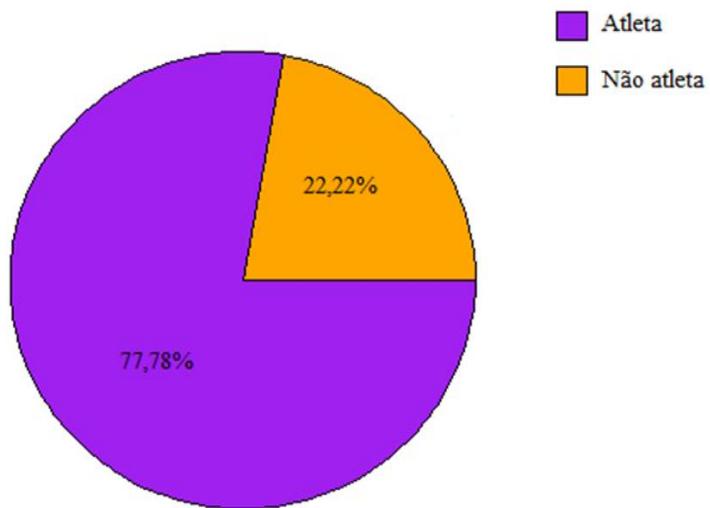


Figura 5: Quantidade de gestores entrevistados, distribuídos nas categorias “atletas” e “não atletas”.

Dados semelhantes foram encontrados nos estudos de Bastos et al. (2006) e Nery e Capinussú (2012). Essa informação nos fornece indícios sobre o fato de ter sido atleta pode aproximar os indivíduos aos cargos de gestão, pelo interesse na modalidade após sua vida como atleta. Todavia, o conhecimento empírico enquanto ex-atleta pode ser considerado uma

prerrogativa interessante na visão de quem contrata os profissionais, pois consideram que as experiências anteriores podem capacitá-lo para atuar na área.

Analizando a Figura 6, percebe-se que a maioria dos gestores possui idade entre 30 e 49 anos e, em relação ao ensino, quem possui pós-graduação são os gestores mais jovens. Dado semelhante foi encontrado no estudo de Miranda et al. (2017), no qual 66,67% possuem idade entre 40 e 49 anos. 16,67% entre 30 e 39 anos e os outros 16,67% entre 50 e 59 anos. O fato de a maioria dos entrevistados não apresentarem idade abaixo dos 40 anos é algo visto também em outros estudos (BASTOS et al., 2006; AZEVÉDO; SPESSOTO, 2009; NERY; CAPINUSSÍ, 2012).

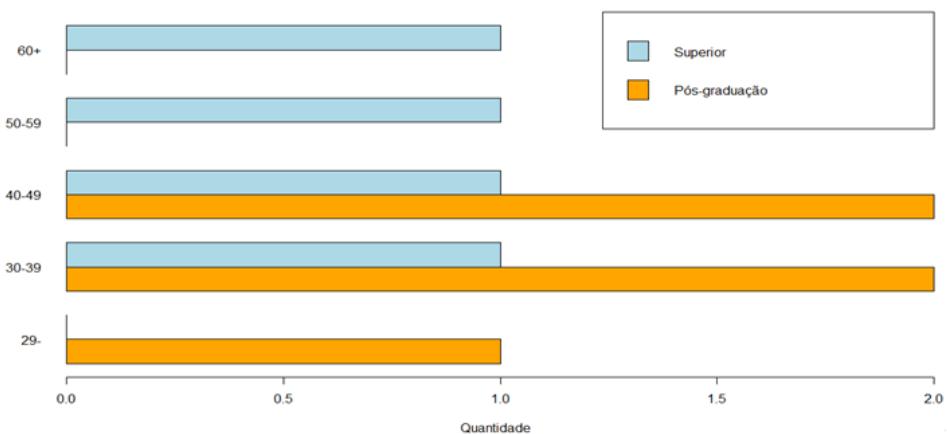


Figura 6: Distribuição das faixas etárias dos gestores entrevistados, de acordo com o nível de escolaridade.

Foi possível perceber que 77,7% dos gestores chegou no cargo através de indicação. Quando comparamos com gestores do esporte que atuam em outras áreas, podemos perceber que em nenhum deles a indicação possui destaque (BASTOS; FAGNANI; MAZZEI, 2011; BASTOS et al., 2006; SANTANA et al., 2012). Este resultado em nosso estudo mostra as relações políticas existentes entre presidência do clube e os gestores.

Além disso, entre os 9 gestores que responderam à pesquisa, apenas um pertence ao sexo feminino. O estudo de Miranda et al., (2017) aponta, também, que 83,33% dos entrevistados são do sexo masculino e apenas 16,67% são do sexo feminino, o que ratifica com os dados históricos da reduzida participação feminina nos cargos de Gestão, possivelmente pelos inconvenientes encontrados em um ambiente predominante masculino. Essa informação se aproxima dos estudos de Bastos et al. (2006) e Nery e Capinussú (2012), onde 100% dos entrevistados são homens.

O Quadro 3, a seguir, apresenta as atividades desempenhadas pelos gestores. Podemos perceber que o exercício do cargo basicamente se dá em função da organização de eventos e coordenar as atividades esportivas.

Quadro 3: Descrição das atividades desempenhadas pelos gestores sujeitos da pesquisa.

CLUBE	ATIVIDADES DESEMPENHADAS
1	1) Coordenar e planejar as ações da gestão das escolas de esportes; e 2) Controle orçamentário
2	1) Coordenar e planejar as ações da gestão das escolas de esportes; 2) Contratação de Treinadores; 3) Organização de eventos internos e externos.
3	1) Gerenciamento das modalidades esportivas; 2) Controle orçamentário; 3) Organização de eventos internos e externos.
4	1) Organização da logística das equipes de competição; 2) Coordenar e planejar as ações da gestão das escolas de esportes.
5	1) Organização de eventos internos e externos; e 2) Coordenar e planejar as ações da gestão das escolas de esportes.
6	1) Coordenar e planejar as ações da gestão das escolas de esportes; e 2) Marketing Esportivo.
7	1) Coordenar e planejar as ações da gestão das escolas de esportes.
8	1) Organização de eventos internos e externos; 2) Controle de frequência dos alunos; e 3) Gerenciamento das modalidades esportivas.
9	1) Auxiliar na organização da logística das aulas.

Nenhum dos gestores mencionou a organização de eventos e/ou reuniões com os pais, defendemos que para a construção de um ambiente esportivo propício ao desenvolvimento integral da criança, os pais são peças importantes nessa engrenagem. A participação ativa dos pais gera entusiasmo e prazer para a criança, cabendo aos gestores e treinadores realizarem essa ponte, até mesmo para orientarem os pais sobre o processo da Iniciação Esportiva. É comum verificarmos pais promovendo ofensas verbais aos árbitros, atletas e torcida.

Encontramos na literatura situações sobre comportamentos inapropriados dos pais durante os jogos. Santana (1996) e Kidman; Mckenzie; Mckenzie (1999) relatam situações nas quais os pais agem com atitudes ásperas e constrangedoras com seus filhos, agindo da

mesma forma com treinadores e árbitros. Weinberg e Gold (1999) destacam que nos EUA de cada dez crianças que iniciam uma temporada de jogos, três ou quatro desistem na temporada seguinte sendo a pressão dos pais como um dos fatores do abandono. Caso houvesse uma orientação, esses acontecimentos poderiam ser amenizados.

O Quadro 4, a seguir, aponta se os gestores possuem trabalhos fora do clube. Percebemos que 55,5% dos gestores realizam atividades profissionais fora do clube. Dado parecido foi encontrado no estudo de Miranda et al. (2017) onde 50% apontaram exercer outra atividade.

Quadro 4: Distribuição de atividades extraprofissional dos respondentes da pesquisa.

CLUBE	EXERCE OUTRA ATIVIDADE FORA DO CLUBE
1	Sim
2	Sim
3	Sim
4	Não
5	Não
6	Não
7	Sim
8	Não
9	Sim

Ao diagnosticarmos o perfil acadêmico e profissional do gestor, ressaltamos que não desprezamos seus conhecimentos empíricos. No entanto, a qualificação profissional poderá aperfeiçoar suas ações no clube socioesportivo, proporcionando benefícios às escolas de esportes.

4.2) 2^a Etapa: Modalidades Oferecidas e o Número de Praticantes das Escolas de Esportes.

Nos quadros 5 e 6, a seguir, pode-se perceber o não oferecimento da modalidade Atletismo nos clubes pesquisados. Tal situação pode ter sido influenciada pelo fato da dificuldade do oferecimento dessas modalidades nas escolas, em especial na rede pública

(JUSTINO; RODRIGUES,2007). Corroborando com os autores, Freitas (2005) enfatiza que os conteúdos trabalhados nas aulas de Educação Física escolar são bastante restritos, envolvendo poucas modalidades esportivas e dificilmente o atletismo. Diante desse quadro, a não experimentação e vivência da modalidade na educação física escolar parece estar refletida no ambiente clubístico.

A modalidade Handebol também não é oferecida por nenhum clube. Mesmo com resultados expressivos nos últimos 10 anos, a gestão dos clubes não foi capaz de aproveitar a oportunidade para difundir a modalidade. Outro fato curioso, a modalidade possui uma grande aceitação por parte dos alunos no âmbito escolar, conforme comprovam os estudos de Luguetti; Bastos e Böhme (2011). A pesquisa apontou que 50% das escolas privadas do município de São Paulo oferecem a modalidade.

Ao pesquisarmos sobre o oferecimento das modalidades, os gestores relataram que em algumas delas as meninas praticantes realizam os treinos juntamente com os meninos. Tal situação ocorre devido à dificuldade em se formar turmas exclusivas do sexo feminino. Com isso, adotamos como critério para o presente estudo que se houvesse alguma praticante em determinada modalidade, destacamos que a mesma é oferecida para o sexo feminino.

Portanto, percebemos que as modalidades mais comuns a serem oferecidas pelos clubes para o sexo feminino são natação, futebol e tênis, seguidas de basquete e ginástica artística, enquanto que para o sexo masculino as mais comuns são futebol e natação, seguidas de tênis e basquete. Além disso, os clubes 1 e 6 são os que oferecem um maior número de modalidades.

Quadro 5: Modalidades esportivas oferecidas para o sexo masculino pelos clubes pesquisados.

Modalidades	Clube 1	Clube 2	Clube 3	Clube 4	Clube 5	Clube 6	Clube 7	Clube 8	Clube 9
Atletismo									
Badminton	X		x						
Basquete	X	X	x	x	x	x		x	
Boxe									
Futebol	X		x	x	x	x	x	x	
Futsal			x			x		x	
Ginástica Artística	X			x		x		x	
Ginástica Rítmica									
Ginástica Trapolim						x			

Handebol								
Hipismo	X							
Hóquei	X							
Judô		X		X	X	X		X
Karatê	X		X	X		X	X	X
Natação	X	X	X	X	X	X		X
Rugby								
Saltos ornamentais						X		
Taekwondo						X		X
Tênis	X	X	X	X	X	X		X
Tênis de mesa								X
Vôlei	X		X			X		X
Vôlei de Areia								X

Quadro 6: Modalidades esportivas oferecidas para o sexo feminino pelos clubes pesquisados.

Modalidades	Clube 1	Clube 2	Clube 3	Clube 4	Clube 5	Clube 6	Clube 7	Clube 8	Clube 9
Atletismo									
Badminton	X		X						
Basquete	X	X	X		X	X		X	
Boxe									
Futebol	X	X		X	X	X	X	X	
Futsal							X	X	
Ginástica Artística	X		X	X		X	X	X	
Ginástica Ritmica	X			X		X			
Ginástica Trapolim									
Handebol									
Hipismo	X								
Hóquei	X								
Judô		X		X	X	X			X
Karatê									
Natação	X	X	X	X	X	X		X	
Rugby									
Saltos ornamentais						X			
Taekwondo						X		X	
Tênis	X	X	X	X	X	X		X	
Tênis de mesa								X	
Vôlei	X		X	X		X		X	
Vôlei de Areia						X			

No quadro 7 é possível visualizar que a modalidade que tem maior número de inscritos do sexo masculino é futebol, seguida de natação. Devido a popularização da modalidade, o futebol pode ser visto como um fenômeno social marcante na cultura brasileira. Damatta (1982), por exemplo, afirma que esse esporte expressa a sociedade brasileira, devendo, portanto, ter seu espaço assegurado. Com isso, alastrase a exposição dessa modalidade nas mídias impressas, televisivas e sociais, acarretando na motivação e interesse de crianças e jovens em praticar esse esporte.

Quadro 7: Número de alunos matriculados-somente para o sexo masculino,

Modalidades	Clube 1	Clube 2	Clube 3	Clube 4	Clube 5	Clube 6	Clube 7	Clube 8	Clube 9
Atletismo									
Badminton	10		11						
Basquete	29		21		32	21		21	
Boxe									
Futebol	99	52	20	85	56	18	30	62	
Futsal			35			23		54	
Ginástica Artística						6		2	
Ginástica Rítmica									
Ginástica Trapolim									
Handebol									
Hipismo	12								
Hóquei	11								
Judô				8	23	28			8
Karatê	28		16	4		3	15	16	
Natação	93	10	41		43			124	
Rugby									
Saltos ornamentais						2			
Taekwondo						12		6	
Tênis	73	18	12	15	45	31		28	
Tênis de mesa								16	
Vôlei			26					6	
Vôlei de Areia								10	

No quadro 8, considerando o sexo feminino, a modalidade com mais inscritos é natação, seguida de ginástica artística. Recentemente, a criança tem se tornado menos ativas, influenciadas pelos avanços tecnológicos. A obesidade infantil no mundo aumentou de 4,2% para 6,7% entre 1990 e 2010 e estima-se que em 2020 chegará a 9,1% (FISBERG et al., 2016; BOZZA et al., 2014; SANTOS et al., 2016). Em nossa revisão de literatura não encontramos

estudos sobre a participação de crianças na modalidade. No entanto, possivelmente um dos principais motivos que levam os pais a colocarem seus filhos (as) nas aulas de Natação é a preocupação com a saúde e o bem-estar.

Quadro 8: Número de alunas matriculadas – somente para o sexo feminino.

Modalidades	Clube 1	Clube 2	Clube 3	Clube 4	Clube 5	Clube 6	Clube 7	Clube 8	Clube 9
Atletismo									
Badminton	5		9						
Basquete	11		6		5	2		4	
Boxe									
Futebol	11	1		6	9		30	3	
Futsal							30	5	
Ginástica Artística	39		40	38		37	25	67	
Ginástica Rítmica	84			31		19			
Ginástica Trapolim									
Handebol									
Hipismo									
Hóquei	2								
Judô		7		2	4	6			2
Karatê	21		8			2	1	8	
Natação	79	5	31	13	52			107	
Rugby									
Saltos ornamentais						2			
Taekwondo						1		3	
Tênis	45		9	4	28	13		18	
Tênis de mesa								4	
Vôlei	1		14	49		6		32	
Vôlei de Areia									

Na Figura 7, apresentamos o número total de praticantes por modalidade, considerando os nove clubes pesquisados. Natação e Futebol aparecem com maior número de praticantes. Em estudo dos clubes socioesportivos do município de Cáceres-MT os autores Cristiani et al., (2017) constataram dado semelhante, pois houve o predomínio das atividades aquáticas e do futebol. Ao discutirmos esse objetivo específico da pesquisa consideramos o seguinte: a população de Campinas na faixa etária de 7 a 12 anos é de 86.628 de habitantes (IBGE, 2013). No presente estudo, verificou-se que 2.568 alunos estão vinculados às escolas de esportes. Portanto, apenas 2,96% da população de Campinas na faixa etária de 7 a 12 anos faz parte de um programa de Iniciação Esportiva vinculada ao clube. O dado apresentado

revela a baixa participação desse público, mesmo considerando a dificuldade de uma parcela significativa da população em se tornar associado de algum clube seja por questões financeiras ou geográficas.

Abordamos de forma introdutória em nosso estudo, a aproximação da educação formal (escola) com a educação não formal (clube) para tentar melhorar esse quadro, pois em um país onde o acesso a estruturas para práticas esportivas é limitado (BÖHME; BASTOS, 2016; DIESPORTE, 2015), poderia haver uma maior integração entre os dois setores. Outro dado preocupante é que no diagnóstico de esportes no Brasil (DIESPORTE, 2016), apenas 2,5% da população brasileira afirma estar vinculada a uma associação socio-desportiva. No entanto percebemos uma ociosidade, no caso dos clubes campineiros, que poderia ser amenizada com iniciativas que fomentassem o desenvolvimento do esporte. Tal ociosidade é corroborada nos estudos de Cristiani et al., (2017) sobre os clubes do município de Cáceres-MT. Os mesmos autores descrevem que o formato de clube no Brasil é algo distante dos brasileiros contribuindo assim para sua improdutividade quanto ao processo de iniciação e treinamento esportivo.

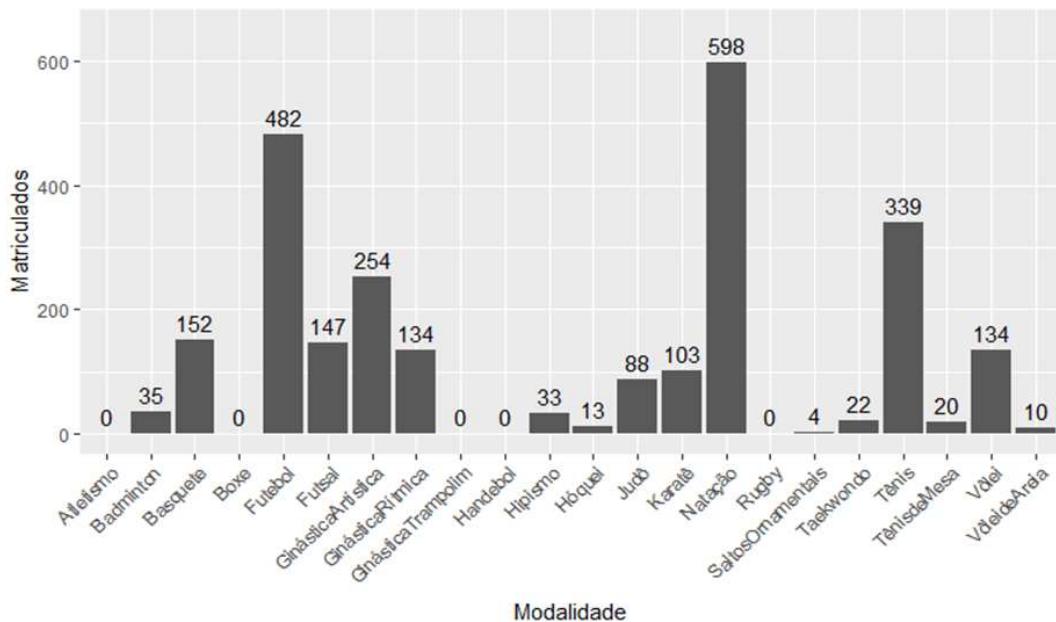


Figura 7: Quantidade total de praticantes matriculados para cada modalidade esportiva apresentada.

Analisando os quadros 9 e 10, observa-se que nem todas as modalidades oferecidas pelos clubes participam de competições oficiais. Ressaltamos que, ao responder o questionário, os gestores consideraram a Olimpesec, como competição oficial e não apenas ligas regionais e estaduais. Conforme relatamos em nossa revisão de literatura, existe um

incentivo fiscal aos clubes para participarem dessa competição. Com isso, os clubes buscam inscrever o maior número possível de modalidades e categorias para obterem desconto no IPTU.

Ao elucidarmos tal competição, os gestores responsáveis pela organização do evento, desconsideram a competição como uma ferramenta pedagógica no processo de Iniciação Esportiva, pois o modelo expressa a valorização do resultado e consequentemente a reprodução do treinamento adulto. Diante disso, verifica-se nas competições placares dilatados, gerando altos níveis de insatisfação àqueles considerados perdedores e também, em alguns casos, aos pais desse grupo de praticantes. Esses últimos devem ser orientados pelos treinadores e gestores, pois muitas vezes, os praticantes são cobrados por pais por meio de gestos, ou mesmo verbalmente, elogiando ou criticando determinadas situações, excluindo dessa forma, a naturalidade, descontração e a autenticidade dos praticantes.

Verifica-se também, os pais reclamando com os treinadores exigindo que seu filho participe mais tempo da partida ou até mesmo sobre o rendimento da equipe. A situação relatada é potencializada pela competição entre os clubes, ou seja, dirigentes em busca de status e prestígio para si e para o clube, buscam de forma contestável a conquista dos primeiros lugares.

O que torna ainda mais preocupante com tal situação é o que já relatamos em nosso estudo, a formação em longo prazo. Ter como finalidade ser campeão, reside em uma não contribuição à vida esportiva do praticante, pois desconsidera o principal personagem do processo que é a criança, pois como afirma Paes (1996, p. 20) “o importante não é o jogo e sim quem joga”. Reforçando o pensamento do autor, e apontando a questão da não adaptação do jogo/competição aos interesses dos praticantes, algumas escolas tradicionais de tênis, como a Escola Francesa, organizaram e sistematizaram meios e métodos adequados às possibilidades dos alunos. Com tal procedimento de sucesso, a Federação Internacional de Tênis (ITF) desenvolveu um modelo similar para o ensino do tênis: o Play and Stay. Estratégia que consiste em quadras, raquetes e bolas adequadas ao nível do praticante, seja ele criança ou adulto (GONÇALVES; 2014).

Ressaltamos que no processo de Iniciação Esportiva, não negamos o treinamento específico de crianças e jovens e consequentemente a busca do rendimento, apenas defendemos como uma prática que deve ser planejada, sistematizada e organizada de acordo com a maturação biológica, psicológica e social dos praticantes.

Considerando o cenário clube socioesportivo, a participação em competições oficiais, em nível estadual ou nacional, é dificultada por questões financeiras e, geralmente,

tal presença nesses campeonatos está ligada as especificidades e particularidades de cada clube considerando equipamentos e estrutura voltada à prática daquela modalidade específica, conforme aponta Carvalho (2009).

As modalidades competitivas foram se restringindo àquelas em que havia estrutura física e equipamentos, possibilidade de renovação das equipes de bases, ou seja, a manutenção de escolinhas, possibilidades de obtenção de resultados e tradição da prática do esporte no clube [...]. Estas modalidades, diferentes em cada clube pela história particular de cada um, conseguem sobreviver, ainda que somente com apoio financeiro do próprio clube, pautadas pela tradição, pela presença dos atletas de destaque e técnicos (CARVALHO, 2009, p. 107).

Quadro 9: Modalidades esportivas oferecidas para o sexo masculino que disputam competições oficiais.

Quadro 10: Modalidades esportivas oferecidas para o sexo feminino que disputam competições oficiais.

Modalidades	Clube 1	Clube 2	Clube 3	Clube 4	Clube 5	Clube 6	Clube 7	Clube 8	Clube 9
Atletismo									
Badminton	X		X						
Basquete	X		X		X	X			
Boxe									
Futebol	X				X	X			
Futsal						X			
Ginástica Artística	X		X	X		X	X	X	
Ginástica Rítmica	X			X		X			
Ginástica Trampolim									
Handebol									
Hipismo	X								
Hóquei	X								
Judô		X			X	X			X
Karatê	X		X				X		
Natação	X	X	X		X	X			
Rugby									
Saltos ornamentais						X			
Taekwondo									
Tênis	X	X	X		X	X			
Tênis de mesa									
Vôlei	X			X		X		X	
Vôlei de Areia						X			

Por meio da Figura 8 abaixo, verifica-se que a modalidade que proporciona maior representatividade, na opinião dos gestores dos clubes entrevistados, é o futebol (primeira colocação), seguido de natação (em segunda colocação).

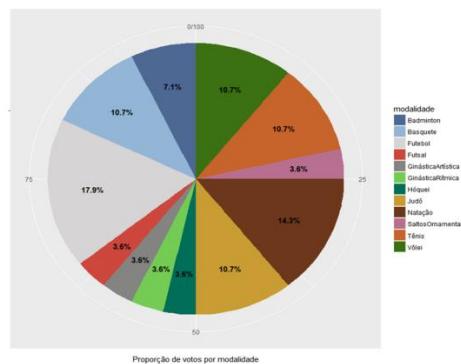


Figura 8: Modalidades que representam maior visibilidade na opinião dos gestores de todos os clubes pesquisados.

4.3) 3ª Etapa: Verificação e Análise do Oferecimento das Escolas de Esportes.

A figura 9 representa a organização interna dos clubes, com relação à frequência de reuniões entre gestores/ treinadores e a quantidade de treinadores subordinados de cada gestor. Dos nove gestores entrevistados, seis deles apontaram que a frequência de reuniões com os treinadores é tida como uma quantidade necessária. Consideramos um número expressivo em virtude da dificuldade desses profissionais em se reunirem. Os gestores pontuaram duas situações que dificultam a organização de reuniões com os treinadores. São elas:

a) - As inúmeras atividades exercidas pelos treinadores fora do clube, restando assim pouco tempo para esses profissionais estarem no clube fora do seu horário de trabalho; e

b) - Dificuldade financeira dos clubes em custear a hora-extra do treinador. Diante disso, torna-se evidente que na maioria das vezes os gestores agem com dificuldades, como já debatemos em nossa revisão da literatura. Reuniões periódicas poderiam contribuir para que se sistematize as escolas de esportes de forma condizente com as necessidades e interesses dos praticantes, pois os clubes socioesportivos são reconhecidos como um importante espaço para que se fomente o esporte institucionalizado (ANTONELLI; MACHADO; PAES, 2012; ARENA; BÖHME, 2000).

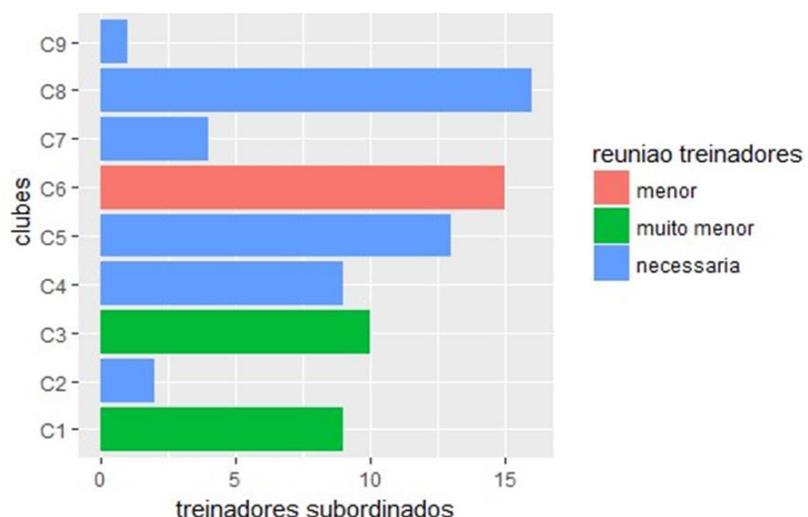


Figura 9: Quantidade de treinadores subordinados a cada gestor entrevistado e frequência de reuniões com os treinadores esportivos.

A Figura 10 mostra a quantidade de clubes que possuem alunos com necessidades especiais. Dentre os 9 clubes, apenas 3 possuem. Nas últimas décadas, podemos constatar uma união de esforços por parte de vários segmentos da sociedade no sentido de incluir em várias leis o direito à igualdade educacional e ao atendimento integrado na rede regular de ensino. Ao apontarmos em nosso estudo a inexistência da interlocução institucional escola/clube, fica evidente que as escolas poderiam dialogar com os clubes sobre o interesse de crianças com necessidades especiais que gostariam de iniciar a prática esportiva. A relação do treinador com a escola e com a família proporciona uma maior eficácia na preparação e formação de jovens atletas, prosperando sua personalidade e caráter (BENELI et al., 2017) Ao abranger o esporte adaptado, o clube socioesportivo destacará a pluralidade desse fenômeno, combatendo, assim, visões reducionistas que consideram a prática somente para alunos dotados de grandes habilidades.

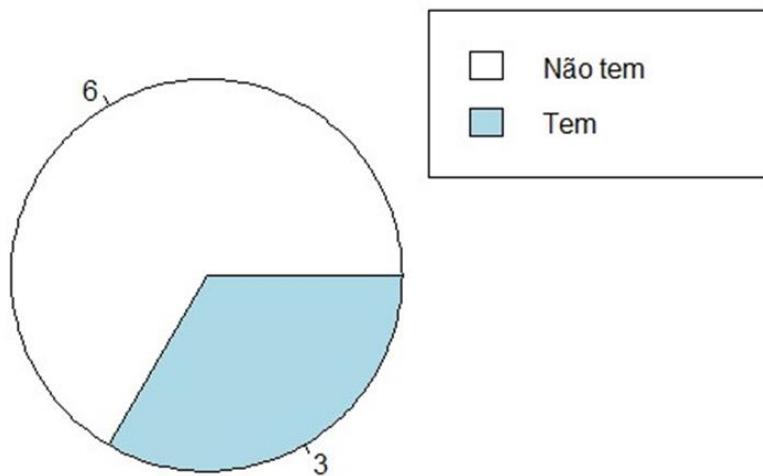


Figura 10: Distribuição dos Clubes que possuem praticantes PCD (pessoa com deficiência).

O Quadro 11, a seguir, apresenta características das escolas de esporte e se os coordenadores/gestores são interados do processo de ensino e treino. A marcação com um “X” indica a ocorrência dos questionamentos feitos pelos pesquisadores. Percebemos que cada treinador segue sua própria metodologia e os gestores não têm acesso ao conteúdo de treino e também aos testes físicos executados pelos treinadores.

Quadro 11: Questionamentos aos gestores acerca da ocorrência de Testes Físicos (coluna 02); acesso aos protocolos por parte dos gestores e coordenadores (coluna 03); e se o treinador executa o treino de maneira que entende como mais adequada.

Clube	OCORREM TESTES FÍSICOS?	GESTOR/COORDENADOR NÃO TEM ACESSO AOS PROTOCOLOS?	TREINADOR EXECUTA O PROCESSO DE TREINO DA MANEIRA QUE ENTENDE MAIS ADEQUADA?
1	X	X	X
2		X	X
3	X	X	X
4	X	X	X
5	X	X	X
6	X	X	X
7	X	X	X
8	X	X	X
9	X	X	X

A seguir, no Quadro 12, elencamos as respostas dos gestores a respeito da existência do processo de preparação desportiva à longo prazo nas escolas de esportes. A expressão treinamento à longo prazo é uma designação encontrada em Böhme (2011) e sugere a compreensão do processo de formação esportiva de futuras gerações de atletas para o alto rendimento. Conforme apresentamos anteriormente, os gestores desconhecem o processo de treinamento dos seus treinadores, com isso, esses profissionais não estão em conexão com a complexidade do treinamento das crianças e jovens.

Borin et al. (2007) ressaltam para que se possa formar indivíduos capazes de realizar ou mesmo suportar as exigências que o determinado desporto solicita é imprescindível entender tal processo.

Ao analisarmos as respostas, diagnosticamos a não observância de três sistemas apontados por Gomes (2002) que direcionam aos objetivos da atividade esportiva, pensando na preparação à longo prazo. São eles: I) de competições, II) de treino e, III) de fatores complementares (alimentação, influencia familiar, entre outros). Com isso, mesmo que 7

gestores relataram que existe a preparação desportiva à longo prazo, verificou-se que os mesmos não conduzem a preparação sob os aspectos apontados pelo autor Gomes (2002).

As respostas foram destacadas a seguir:

Quadro 12: Questionamentos aos gestores acerca da ocorrência de preparação desportiva a longo prazo na instituição pesquisada, de acordo com o gestor respondente. As nove respostas estão descritas abaixo.

GESTOR DO CLUBE 1:	Sim. Os treinos são sistematizados visando à preparação desportiva à longo prazo.
GESTOR DO CLUBE 2:	Sim. Segundo o gestor, como os treinos são terceirizados, fica de responsabilidade da empresa organizar tal preparação.
GESTOR DO CLUBE 3:	Sim. As crianças são promovidas para outros níveis de acordo com seu desenvolvimento.
GESTOR DO CLUBE 4:	Sim. Segundo o gestor, apenas nas modalidades Ginástica Rítmica e Ginástica Artística
GESTOR DO CLUBE 5:	Sim. Numa fase inicial ocorre o desenvolvimento das habilidades básicas e posteriormente o ingresso nas equipes competitivas.
GESTOR DO CLUBE 6:	Sim. Apenas na modalidade Saltos Ornamentais (M/F).
GESTOR DO CLUBE 7:	Sim. As crianças são promovidas para outros níveis de acordo com seu desenvolvimento.
GESTOR DO CLUBE 8:	<i>Não existe.</i>
GESTOR DO CLUBE 9:	<i>Não existe.</i>

Ao elucidarmos em nosso estudo o avanço da Ciências do Esporte, perguntamos aos gestores se existe integração em diferentes áreas do conhecimento no funcionamento das escolas de esportes. Apenas dois clubes responderam que sim, conforme aponta o Quadro 13 a seguir. No entanto, os mesmos relataram que tal integração existe somente nas equipes que disputam competições oficiais.

Quadro 13: Questionamentos aos gestores acerca da existência de integração entre as áreas de conhecimento das Ciências do Esporte e Exercício.

CLUBE	EXISTE INTEGRAÇÃO EM DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO?
1	Não
2	Não
3	Não
4	Não
5	Sim. Na modalidade Natação e Basquete ocorre integração com a fisioterapia, nutrição e o treinamento esportivo
6	Sim. Apenas na modalidade Saltos Ornamentais.
7	Não
8	Não
9	Não

Já no Quadro 14, apresentamos se o clube oferece a pré-modalidade. Tal atividade é destinada à faixa etária de 3 a 6 anos e serve como preparação geral para o ingresso nas escolas de esportes. O objetivo é o desenvolvimento de habilidades básicas para que a criança enriqueça seu vocabulário motor.

Quadro 14: Questionamentos aos gestores acerca da existência da pré-modalidade esportiva nos clubes aos quais os mesmos pertencem.

CLUBE	POSSUI A PRÉ-MODALIDADE?	QUANTOS MATRICULADOS (AS)?
1	Sim	43
2	Não	0
3	Não	0
4	Não	0
5	Não	0
6	Sim	20
7	Não	0

8	Não	0
9	Não	0

A seguir, apontamos se os clubes que realizam as chamadas “peneiras” (Quadro 15). Ao realizar tal procedimento verifica-se uma grande quantidade de praticantes que são excluídos do processo.

Com isso, faz-se necessário que gestores e treinadores organizem a metodologia de forma orientada e sistematizada com um devido embasamento científico. Não negamos a importância do conhecimento e experiência dos treinadores na seleção dos atletas. No entanto, deve-se utilizar outras variáveis, pois com o crescente avanço da Ciência do Esporte, através de áreas, como a Psicologia, Medicina, Nutrição, Bioquímica, entre outras, torna-se algo preocupante que treinadores se utilizem de apenas conhecimentos empíricos para selecionar seus atletas. Apontamos o equívoco dos treinadores em pensarem quase que exclusivamente no resultado à curto prazo.

Desta forma, nas peneiras, os atletas com maturação precoce, provavelmente, serão selecionados. Böhme (2011) propõe a necessidade de aguardar o término da maturação biológica para não ocorrer a eliminação precoce dos jovens normais/tardios no processo de seleção. Segue a relação dos clubes que realizam a peneira.

Quadro 15: Questionamentos aos gestores acerca da existência de “peneiras” de seleção e as modalidades esportivas que fazem uso deste procedimento.

CLUBE	MODALIDADES QUE EXISTEM PENEIRAS
1	BADMINTON, BASQUETE, VÔLEI, TÊNIS, HÓQUEI, FUTEBOL
2	NÃO REALIZA
3	VÔLEI
4	GINÁSTICA ARTÍSTICA, GINÁSTICA RÍTMICA, VÔLEI, BASQUETE, FUTEBOL E JUDÔ.
5	NATAÇÃO
6	SALTOS ORNAMENTAIS
7	FUTEBOL

8	NÃO REALIZA
9	NÃO REALIZA

Ao realizarmos nosso levantamento bibliográfico, diagnosticamos que vários autores internacionais contribuíram científicamente na organização do treinamento à longo prazo, ZAKHAROV, (1992), BOMPA (1999), GALLAHUE (2005), FILIN (1996), WEINECK (2003), MATVEEV (1997), CARL (1988). No Brasil, vários estudos também aumentaram o escopo do assunto, como: PAES (1992;1996), KREB'S (1992), BARBANTI (1997), GRECO (1998), BÖHME (2010).

Apesar da literatura científica apresentar subsídios para que o treinador possa ter uma compreensão sistêmica do processo, observamos apenas a adoção de medidas emergenciais, ou seja, são selecionados atletas para resolverem o problema apenas para aquele determinado momento. Para pensarmos na formação do atleta e também na permanência de crianças e jovens no esporte sejam qual forem seus interesses e necessidades, os clubes poderiam estabelecerem parcerias com universidades para inserir a ciência no planejamento das suas modalidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É urgente que o clube se modernize em virtude da atual demanda do esporte contemporâneo, ou seja, há necessidade que se adeque no clube às características da sociedade atual. Devido à expansão das possibilidades do acesso à prática esportiva, seja em condomínios, ONGs, atividades extracurriculares na escola, observa-se uma diminuição na participação dos clubes no fomento às atividades esportivas. Diante desse quadro, torna-se imprescindível o papel do gestor em promover ações que mantenha o associado e também que se conquiste novos. É fundamental que o gestor conheça esse ambiente para conduzir e adequar sua atuação.

Sobre o segundo objetivo específico da pesquisa, destacamos o número reduzido de participantes das escolas de esportes, pois a quantidade de 2.568 praticantes mostra-se pouco expressiva em relação à população total do município, considerando a faixa etária pesquisada. Mesmo considerando a pequena parcela que tem acesso aos clubes. Apontamos a necessidade de melhora nesse quadro em virtude dos inúmeros espaços que os clubes campineiros oferecem para as mais variadas modalidades esportivas. Sugerimos ainda uma mudança de pensamento por parte dos gestores com relação a importância de se fomentar o esporte no clube de forma sistemática e organizada, pois, com isso, aumentam-se as chances do clube se fortalecer como entidade. Exemplificando tal situação, essa instituição ao abrir as portas para um praticante não sócio, os pais desses alunos poderão se agregarem ao clube, vislumbrando a possibilidade de frequentá-lo assiduamente e, assim, tornar-se um membro efetivo.

Com essas medidas, também aumentarão as chances da formação de equipes mais competitivas, pois promovendo a massificação, torna-se mais fácil buscar atletas com perfil para o esporte de rendimento. Diante desse quadro, amplia-se o status e projeção do clube, fortalecendo-o como entidade promovedora do esporte e resgatando-o como um dos principais locais estimuladores da prática esportiva.

Ao apontarmos em nosso estudo as barreiras geográficas que dificultam o acesso dos praticantes ao clube, tal situação poderia ser amenizada se não houvesse a má utilização dos recursos públicos, pois como sugestão poderia ter a possibilidade de órgãos públicos viabilizarem o transporte dos bairros periféricos à essas instituições, possibilitando a inserção de crianças e jovens nesse ambiente. Desse modo, teria maiores chances de ser concretizada se houvesse parceria institucional escola/clube, algo debatido em nosso estudo.

Evidentemente que devido às particularidades de cada clube, a situação sugerida não cabe a todos. Entretanto, há alguns que poderiam usufruírem de tal benefício e, com isso, ampliando a possibilidade da inserção de novos praticantes nos clubes.

Algo notório, também, é o modelo de competição organizado pela APESEC que reflete o treinamento adulto, ou seja, não ocorre uma adequação às características da fase da criança. Ao apresentarmos em nosso estudo, modelos sugeridos para a competição infantil, talvez, isso poderia ser uma alternativa a uma competição, até certo ponto, duvidosa em seus princípios socioeducativos e físicos. Enfatizamos o processo de competição nas fases iniciais devido à sua relevância para a Pedagogia do Esporte, ou seja, os pais ao acompanharem seu filho(a) competindo deverão ser capazes de compreenderem de forma crítica e abrangente o fenômeno esporte.

Ao tratarmos especificamente da Olimpesec, competição na faixa etária de 7 a 12 anos, fornecemos as seguintes sugestões de atividades: 1) Realizar um festival multi-esportivo para que se contemple uma maior variedade de modalidades esportivas, algo imprescindível nessa fase; 2) No jogo formal, realizá-lo sob duas formas, a primeira é realiza-lo sob a forma de Festivais, mesclando os integrantes dos clubes e, a segunda possibilidade, seria mesmo jogando clube vs clube, realizar ajustes para que o confronto seja compatível do ponto de vista técnico e físico; 3) Realizar uma gincana cultural e esportiva com atividades variadas.

Além disso, algo importante e já relatado em nosso estudo seria a necessidade de orientação aos pais sobre o processo competitivo. Isso poderia ser feito através de palestra por um profissional habilitado. Os pais necessitam de uma melhor compreensão dos valores na prática esportiva e, assim, possam assim como os treinadores transferi-los aos seus filhos. Dessa forma, a relação Pai/Criança/Treinador/Gestor terá maiores chances de sucesso. Enfim, para que façamos uma melhor leitura da situação seriam interessantes mais estudos e com diferentes formas de investigação.

Os dados coletados nos indicam ações fragmentadas tanto por parte dos treinadores quanto por parte dos gestores. A não observância do treinamento a longo prazo acarreta no prejuízo à formação esportiva das crianças, ou seja, conforme sugerem os resultados da pesquisa, é de responsabilidade única dos treinadores em estabelecerem suas variáveis para selecionarem os talentos. Utilizando-se apenas de fatores empíricos, provavelmente ocorrerá uma avaliação equivocada e consequentemente descontextualizada do ponto de vista do processo de Iniciação Esportiva. Diante deste quadro, alguns praticantes que poderiam ter sucesso nas etapas finais do processo, poderiam ser excluídos do processo.

Considerando o clube socioesportivo como um importante espaço fomentador da Iniciação Esportiva, sugerimos ações para que se oferte uma Iniciação Esportiva voltada ao desenvolvimento integral do praticante. Dentre elas, podemos citar: 1) Convergência de diferentes áreas de conhecimento para que ocorra uma maior abrangência das múltiplas possibilidades do esporte atual; 2) Orientação adequada aos pais, ressaltando-os como um dos principais personagens no processo de Iniciação Esportiva; 3) Aproximação com a rede regular de ensino para que tais interrelações contribuam num melhor entendimento dos reais interesses da criança; 4) Conscientização por parte dos gestores da necessidade de se qualificarem, mesmo com a escassez de cursos oferecidos.

Ao propormos estas sugestões, ressaltamos, também, uma das limitações da pesquisa em não considerar aspectos peculiares de cada clube, pois alguns devido a sua magnitude conseguem proporcionar ações diferenciadas no processo de Iniciação Esportiva. Outros, por atravessarem crises financeiras, têm maiores dificuldades em executarem um planejamento que necessite de maiores recursos.

Ao delinearmos sobre o processo de Iniciação Esportiva dos clubes de Campinas-SP, verificamos a complexidade do fenômeno esporte e a necessidade de abrangê-lo num contexto mais abrangente. Os gestores/coordenadores ao obterem um pensamento sistêmico do processo, inevitavelmente, proporcionarão inúmeros benefícios ao contexto da Iniciação Esportiva.

REFERÊNCIAS

- ADELINO, J.; VIEIRA, J.; COELHO, O. **Treino de jovens: o que todos precisam saber!** 2^a. ed. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva, 2000.
- AMARAL, C. **Gestor de instalações esportivas do município de São Paulo: perfil, formação e desempenho da função.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Escola de Educação Física e Esporte, USP, 2014.
- ANCHIETA, T. **Perfil do gestor desportivo no Amazonas.** Portugal: Universidade do Porto, 2010.
- ANTONELLI, M., GALATTI, L. R., MACHADO, G. V.; PAES, R. R. **Pedagogia do Esporte e Basquetebol: considerações para a elaboração de programa esportiva a partir do clube Divino Salvador, Jundiaí - SP.** Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 10 (2), p. 49-65, 2012.
- ANTONELLI, M. **Diagnóstico dos centros de treinamento de alto rendimento do Brasil cujas modalidades atendidas têm expectativa de conquista de medalhas nos Jogos Olímpicos de 2016.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- APESEC. **Associação dos Clubes de Campinas e Região.** Disponível em: <<http://www.apesec.com.br/home.asp>>. Acesso em: 21 nov. 2016.
- ARENA, S. S.; BÖHME, M. T. S. **Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo.** Revista Paulista de Educação Física, 14 (2), p. 184-195, 2000.
- AZEVÊDO, P. H.; SPESSOTO, R. E. N. **Caracterização do perfil retrospectivo do dirigente esportivo de clube de futebol profissional da primeira divisão, entre os anos 2003 e 2007**. In: Revista Portuguesa Ciências do Desporto, 2009.
- AZEVÊDO, P.H.; BARROS, J.S.; SUAIDEN, S. **“Caracterização do perfil do gestor esportivo dos clubes da primeira divisão de futebol do distrito federal e suas relações com a legislação esportiva brasileira”.** Revista da Educação Física/UEM. 15(1), 2004, p. 33-42.
- BAILER, C.; TOMITCH, L. M. B.; D'ELY, R. C. S. F. **“Planejamento como processo dinâmico: a importância do estudo piloto para uma pesquisa experimental em linguística aplicada”.** Intercâmbio, São Paulo, v. 24. p. 129-146, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/10118>>. Acesso em: 12 nov. 2016.
- BALBINO, H. F.; PAES, R. R. **“Pedagogia do esporte e os jogos desportivos coletivos na ótica das inteligências múltiplas”.** In: _____. (orgs). Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 137-154.

BALBINO, H. F. Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos. Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BARBANTI, Valdir Jose. Teoria e prática do treinamento esportivo Teoria e prática do treinamento esportivo Teoria e prática do treinamento esportivo. São Paulo: Edgard Blücher, 1997.

BARBANTI, Valdir José. Dicionário de Educação Física e esporte. 2^a ed. Barueri: Manole, 2003.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, J. A. F. Estrutura organizacional e das tomadas de decisão em Clubes Socioesportivos de São Paulo. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BASTIDAS, M. G., Y BASTOS, F. d. C. A lei de incentivo fiscal para o desporto e a formação de atletas no Brasil. Revista Intercontinental de Gestão Desportiva, 1 (2), p. 111-121, 2011.

BASTOS, F. C.; BARHUM, R. A.; ALVES, M. V.; BASTOS, E. T.; MATTAR, M. F.; REZENDE, M. F.; BELLANGERO, D. “**Perfil do administrador esportivo de Clubes Sócio-Culturais e Esportivos de São Paulo/Brasil**”. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, 5(1), 2006, p. 13-22.

BASTOS, F. C.; FAGNANI, E. K.; MAZZEI, L. C. Perfil de Gestores de redes de academias de Fitness. Revista Mineira de Educação Física, 19(1), p. 64-74, 2011.

BASTOS, F.C.; MAZZEI, L.C. “Gestão do esporte no Brasil: desafios e perspectivas”. In: MAZZEI, L.C.; BASTOS, F.C. (orgs.). Gestão do esporte no Brasil: desafios e perspectivas. São Paulo: Ícone, 2012, v. 1, p. 7-196.

BASTOS, F.C. “Sport manager’s fields of practice: propose of a model for Brazil”. The FIEP Bulletin, Foz do Iguaçu, v.74, p.429-31, 2004.

BAYER, C. O ensino dos desportos coletivos. Lisboa: Dinalivro, 1994.

BENELI, L. M.; PRONI, M.W.; MONTAGNER, P.C. “Desafios para pedagogia do esporte diante da influência do Marketing no esporte contemporâneo.” PhysEduc, São Paulo, v. 27, e2750, 2016.

BENELI, L. M.; MONTAGNER, P. C.; BORIN, J. P.; HADDAD, C. R. R.; DANIEL, J. F. “A Comissão Técnica Intervindo no Treinamento de Atletas de Elite: Treinador, auxiliares e a preparação física em contexto”. In: GALATTI, L. R.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C.; PAES, R. R. (Org.). **Desenvolvimento de Treinadores e Atletas: Pedagogia do Esporte.** vol. 1, 1^a ed. Campinas e Cáceres (Espanha): Editora da Unicamp e Universidad de Extremadura - Servicio de Publicaciones, 2017, v. 1, p. 253-273.

- BENTO, J. O. **Contextos da pedagogia do desporto: perspectivas e problemáticas**. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.
- _____. “**Desporto para crianças e jovens: das causas e dos fins**”. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 21-56.
- _____. “**Novas motivações, modelos e concepções para a prática desportiva**”. In: _____ (Org.). *O desporto do século XXI: os novos desafios*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1991. p. 113-146.
- BERTALANFFY, L. **Teoria geral dos sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações**. 7^a ed. Vozes, 2013.
- BETTEGA, O. et al. “**Pedagogia do Esporte e Futsal: Pressupostos e princípios para a iniciação esportiva dos cinco aos oito anos**”. *Pensar a Prática*, vol.18, n. 2, 2015a. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/49051/31151>. Acesso em: 15 maio 2015.
- BIANCONI, M. L.; CARUSO, F. “**Apresentação da educação não-formal**”. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 4, out. / dez., 2005.
- BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine, 1985.
- BÖHME, Maria Tereza Silveira. **Treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 21, n. 2, 2010.
- _____. **Esporte infanto juvenil**. São Paulo: Phorte, 2011.
- BÖHME, M. T. S.; BASTOS, F. C. **Comparação internacional das políticas para o esporte de alto rendimento (SPLISS) – Análise descritiva dos resultados brasileiros**, EFEUSP, 2012.
- _____. **Esporte de alto rendimento: Fatores críticos, gestão e identificação de talentos**. São Paulo: Phorte Editora, 2015.
- BOLONHINI, S. Z.; PAES, R. R. **A proposta pedagógica dos teaching games for understanding: Reflexões sobre a iniciação esportiva**. *Pensar a prática*, vol. 12, n. 2. p. 1-4. 2009.
- BOMPA, T. O. **Periodization, Theory and methodology of training**. Champaign: Human Kinetics, 1999.
- _____. **Total training for young champions**. Champaign: Human Kinetics, 2000.
- _____. **Periodização: teoria e metodologia do treinamento**. São Paulo: Phorte Editora, 2002.

BORIN, J. P.; GONÇALVES, A. **Alto nível de rendimento: A problemática do desempenho desportivo.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Editora Autores Associados, v. 26, n. 1, p. 9-17, 2004. Disponível em: <<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/92>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

BORIN, J. P.; RODRIGUES, A.; DALLEMOLE, C.; FERREIRA, C.K.O.; DONATO, F.; LEITE, G.S.; SALLES, G.S.L.M.; LAPIM, L.; GEBRIN, M.N.; SIMÕES, M.; COLLAZANTE, R.; SOUZA, T.M.; ALVES, T.C. **Buscando entender a preparação desportiva a longo prazo a partir das capacidades físicas em crianças.** Arquivos em Movimento (UFRJ), v. 3, p. 97-112, 2007.

BOZZA, Rodrigo et al. **Fatores sociodemográficos e comportamentais associados à adiposidade corporal em adolescentes.** Revista Paulista de Pediatria, São Paulo, v. 32, n. 32, p. 241 – 246, mar. 2014.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** 49^a ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL (Ministério da Educação e Cultura) / **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).** Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, 1996.

BRITTO, N.; FONSECA, A. M.; ROLIM, R. “**Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente os melhores atletas no escalão sénior? Análise centrada nos rankings femininos das diferentes disciplinas do Atletismo ao longo das últimas duas décadas em Portugal**”. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Porto, v. 4, n. 1, p. 17-28, 2004.

CARDOSO, Marcelo. **Para uma teoria da competição desportiva para crianças e jovens: um estudo sobre os conteúdos, estruturas e enquadramentos das competições desportivas para os mais jovens em Portugal.** 2007.

CAFRUNI, C. B. **Análise da carreira desportiva de atletas brasileiros: estudo da relação entre o processo de formação e rendimento desportivo.** 2002. 119f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Faculdade de Ciências do Esporte e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2002.

CANHOTA, C. “**Qual a importância do estudo piloto?**” In: SILVA, E. E. (Org.). *Investigação passo a passo: perguntas e respostas para investigação clínica*. Lisboa: APMCG, 2008. p. 69-72.

CARDOSO, M. **Para uma teoria da competição desportiva para crianças e jovens: um estudo sobre os conteúdos, estruturas e enquadramentos das competições desportivas para os mais jovens em Portugal.** 2007. 301f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2007.

CARL, K. “**Talentsuche, Talentauswahl und Talentförderung. Studienbriefe der Trainerakademie Köln des Deutschen Sportbundes**”. Studienbrief 24, Schorndorf, 1988.

CARVALHO, A. M. de. **O dirigente esportivo voluntário.** Lisboa: Livros Horizonte, 1997.

CARVALHO, B. L. P. Associativismo, lazer e esporte nos clubes sociais de Campinas. 2009. 203f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

CBC- Confederação Brasileira de Clubes. Disponível em: <<http://www.cbc-clubes.com.br>>. Acesso em 19 nov. 2017.

CHELLADURAI, P. Managing organizations for sport and physical activity: A systems perspective. Scottsdale: Holcomb Hathaway, 2009.

COMITÊ BRASILEIRO DE CLUBES. CBC. Disponível em: <<http://www.cbcclubes.com.br>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

COMITE OLIMPICO BRASILEIRO. Academia Brasileira de Treinadores. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/cob/cultura-e-educacao/academia-brasileira-de-treinadores>>. Acesso em 28 out. 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CLUBES, Clubes Centenários. Fonte: Confederação Brasileira de Clubes: Disponível em: <<http://www.cbc- Clubes.com.br/site/fnc/?sec=somos&ctd=25>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

CORREIA, A., BISCAIA, R.; MENEZES, V. Lições de Marketing do desporto. Recife: Editora Universitária, 2014.

COSTA, João Paulo C. G. O Esporte de Representação em Campinas: O papel dos clubes esportivos. 2003. 71f Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

CÔTÉ, J. “**The influence of the family in the development of talent in sport**”. The Sport Psychologist, v. 13, 1999. p. 395-417.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. “**Practice and play in the development of sport expertise**”. In: EKLUND, R.; TENENBAUM, G. (Eds.). *Handbook of Sport Psychology*. 3^a Ed. Hoboken, 2007.

CÔTÉ, J.; ERICKSON, K.; ABERNETHY, B. **Play and practice during childhood.** In: CÔTÉ, J.; LIDOR, R. (Eds.). *Conditions of children's talent development in sport*, 2013.

CÔTÉ, J.; HANCOCK, D. J. **Evidence-based policies for youth sport programmes.** International Journal of Sport Policy and Politics, p. 1-15, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/19406940.2014.919338>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

COTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; VIERIMAA, M.; EVANS, M. B.; GALATTI, L. “**Quadro Teórico para o desenvolvimento de valores pessoais no processo dinâmico de desenvolvimento pelo esporte**”. In: GALATTI; SCAGLIA; MONTAGNER; PAES. (Org.). *Múltiplos cenários da prática esportiva - Pedagogia do esporte*. 1^a ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2017, v. 2, p. 16.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

- CRISTIANI, J. ; MARTINS, J. C.; LONGARELLA, B. ; GALATTI, L. R.; REVERDITO, R. S. “**Clubs socio-deportivos en un municipio brasileño: espacio, equipos y contenidos**”. Revista de Ciencias del Deporte, v. 13, p. 105-112, 2017.
- CRUZ JUNIOR, A. T.; CARVALHO, M. M.; LAURINDO, F. J. B. “**Estratégia e Estrutura: em busca do alinhamento organizacional em um clube social esportivo**”. Gestão & Produção. São Paulo, v. 12, n. 3, p. 429-441, 2005.
- CSIKSZENTMIHALYI, K; RATHUNDE, K; WHALEN, S. **Talented teenagers: the roots of success and failure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- CURY, C. R. J. **Educação e Contradição: Elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. 7^a ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- DA COSTA, L. P. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro, CONFEF, 2006.
- DA MATTA, R. (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- De BOSSCHER, V.; SHIBLI, S.; WESTERBEEK, H.; VON BOTTEBURG, M. “**Successful elite sport policies: An international comparison of the Sports Policy factors Leading to International Sporting Success (SPLISS 2.0)**”. In 15 Nations. Aachen: Meyer & Meyer Verlag. 2009.
- DEMO, P. **Metodologia para quem quer aprender**. São Paulo: Atlas, 2008.
- DE ROSE JR., D. “**A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais**.” In: DE ROSE JR., D. e col. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DIESPORTE. **Diagnóstico Nacional do Esporte**. Brasília: Ministério do Esporte, 2015. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/diesporte/2.html>> . Acesso em 12 out. 2017.
- _____. **Diagnóstico Nacional do Esporte: o perfil do sujeito praticante ou não de esportes e atividades físicas da população brasileira**. Brasília: Ministério do Esporte. 2016. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/diesporte/2.html>> . Acesso em 12 out. 2017.
- DOWBOR, L. **Tecnologias do Conhecimento: os desafios da Educação**. Petropolis, RJ: Vozes, 2001.
- DYSON, B.; GRIFFIN, L. L.; HASTIE, P. “**Sport education, tactical games, and cooperative learning: Theoretical and pedagogical considerations**”. Quest. Champaign, vol. 56, n. 2, 2004, p. 226-240.
- FERNANDES, R. S. (orgs). **Educação não formal: cenários da criação**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória, 2001.

FILIN, V. P. **Desporto juvenil: teoria e metodologia.** Londrina: Centro de Informações Desportivas, 1996.

FISBERG, M. et al. “**Obesogenic environment – intervention opportunities**”. Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro, v. 92, n. 3, p. 30-39, fev. 2016.

FONSECA, A. “**O abandono das práticas desportivas: Aspectos psicológicos**”. In: GAYA, A.;

MARQUES, A. T.; TANI, G. **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades.** Porto Alegre: Ed. da UFGRS, 2004. p. 265- 288.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: Teoria e Prática da Educação Física.** São Paulo, SP: Scipione, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 31^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Luiz Carlos. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática.** 7^a ed. São Paulo: Papirus, 2005.

GALATTI, L. R. **Esporte e Clube Socioesportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de um estudo de caso em clube esportivo espanhol.** Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 2010.

GALATTI, L. R. **Pedagogia do esporte: o livro didático como mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos.** 2006.138f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GALATTI, L. R.; COLLET, C.; FOLLE, A.; COTE, J.; NASCIMENTO, J. V. do. “**Atletas de Elite: aspectos relevantes na formação em longo prazo.**” In: GALATTI; SCAGLIA; MONTAGNER; PAES. (Org.). Desenvolvimento de treinadores e atletas - Pedagogia do Esporte. 1^a ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2017c, v. 1, p. 1.

GALATTI, L. R.; CÔTÉ, J.; REVERDITO, R. S.; ALLAN, V.; SEOANE, A. M.; PAES, R. R. “**Fostering Elite Athlete Development and Recreational Sport Participation: a Successful Club Environment.**” Motricidade, 12, (3), 2017^a. DOI: 10.6063/motricidade.6099.

GALATTI, L. R.; FERREIRA, H. B.; MACHADO, G. V.; SCAGLIA, A.; PAES, R. R. “**Pedagogia do Esporte: a diversidade na iniciação em basquetebol**”. In: RAMOS, V.; SAAD, M.;

MILISTED, M. (Org.). **Jogos Desportivos Coletivos: investigação e prática pedagógica.** 1^a ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2013, p. 81-104.

GALATTI, L. R.; FERREIRA, H. B.; SILVA, Y. P. G.; Paes, R. R. “**Pedagogia do Esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos coletivos.**” Conexões (UNICAMP), v. 6, p. 404-415, 2008.

GALATTI, L.; MARTINS, I. C.; MACHADO, G. V.; MONTERO S. A.; PAES, R.R. “**Pedagogia do esporte e educação física escolar: uma proposta a partir das modalidades coletivas.**” In: GALATTI; SCAGLIA; MONTAGNER; PAES. (Org.). Múltiplos cenários da prática esportiva - Pedagogia do esporte. 1^a ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2017b, v. 2, p. 1-15.

GALATTI, L. R.; PAES, R. R. **Pedagogia do esporte: iniciação ao basquetebol.** Hortolândia: UNASP, 2007.

GALATTI, L. R.; PAES, R. R.; DARIDO, S. C. “**Pedagogia do Esporte: livro didático aplicado aos Jogos Esportivos Coletivos**”. Motriz: Revista de Educação Física (Online), v. 16, p. 751-761, 2010.

GALATTI, L. R.; REVERDITO, R.R.; SCAGLIA, A.J.; PAES, R.R.; SEOANE, A.M. “**Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos**”. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 25, n. 1, 2014.

GALLAHUE D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos.** São Paulo: Ed. Phorte, 2005.

GALLAHUE D. L.; OZMUN, J. C. **Understanding motor development: infants, children, adolescents, adults.** Madison: WCB Brown & Benchmark, 1998.

GARCIA, D. “**Estudo internacional mostra Brasil entre os países mais ineficientes na aplicação dos recursos destinados ao esporte**”. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/667830_estudo-internacional-mostra-brasil-entre-os-paises-mais-ineficientes-na-aplicacao-dos-recursos-destinados-ao-esporte>. Acesso em: 09 fev. 2017.

GARCIA, V. A. **A educação não formal como acontecimento.** 2009, 418f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

GARGANTA, J. M. “**A formação estratégico-tática nos jogos desportivos de oposição e cooperação**”. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.). Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. p. 217-233.

GAYA, A.; TORRES, L. **O esporte na infância e adolescência: alguns pontos polêmicos.** 2004.

GHADERI, J. A. **Study of private and governmental sport facilities productivity in Tehran Province.** European Journal of Experimental Biology2, v. 4, n. 4, p. 116–120, 2014.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GOHN, M. da G. **Educação Não formal: Um novo campo de atuação.** In: Ensaio: Avaliação, políticas públicas em educação. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, v. 6, n. 21, p. 441-560, 1998.

- _____. **Educação Não Formal e Cultura Política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** 2^a ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 71).
- _____. **Educação Não Formal e Cultura Política.** 4^a ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- GOMES, A. C. **Treinamento esportivo: estruturação e periodização.** Porto Alegre: Artmed, 2002.
- GONÇALVES, C. E. D. B. **Desportivismo e desenvolvimento de competências socialmente positivas.** Porto: Edições Afrontamento e IPDJ/PNED, 2013.
- GONÇALVES, C. E.; MARTINS, A. M.; CARVALHO, H. M. “**Inovação Pedagógica no Basquetebol Jovem: Missão Difícil, mas Necessária**”. SPORT TK: Revista Euroamericana de Ciencias del Deporte, v. 6, p. 157-161, 2017.
- GONÇALVES, G. H. T. **A competição de tênis como modelo de educação e formação de crianças: o caso das categorias até 10 anos.** 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- GRAÇA, A.; MESQUITA, I. M. R. “**Ensino do desporto**”. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Org.). *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 207-218.
- GRECO, P. J. (Org.) **Iniciação Esportiva Universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube.** Vol. II. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 305p.
- GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- _____. **Iniciação Esportiva Universal: 1 - Da aprendizagem motora ao treinamento técnico.** 2^a ed. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- GRECO, P. J; MORALES J. C. P; ABURACHID, L. M. C. “**Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos: Iniciação Esportiva Universal, Aprendizado Incidental-Ensino Intencional.**” In: GALATTI, L. R. et al. *Desenvolvimento de Treinadores e atletas: pedagogia do esporte/organização*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.
- GRIFFIN, L.; MITCHELL, S. A.; OSLIN, J. L. **Teaching Sport Concepts and Skills: a tactical games approach.** Champaign: human Kinetics, 1997.
- HASTIE, P.; OJEDA, D.; LUQUIN, A. “**A review of research on sport education: 2004 to the present.**” *Physical Education and Sport Pedagogy*, 16, 2011, p. 103-132. DOI:10.1080/17408989.2010.535202.
- HARUMI, J. “**Trabalhos sociais garantem desconto de tributos a clubes.**” *Correio Popular*, Caderno Contribuição, 30 set. 2015. Disponível em: <http://correio.rac.com.br/_conteudo/2015/09/capa/campinas_e_rmc/389723-trabalhos-sociais-isentam-clubes-esportivos-de-iptu.html>. Acesso em 20 out. 2017.

HEINEMANN, K. **Sociología de las organizaciones voluntarias: el ejemplo del club deportivo.** Valencia: Tirant lo Blanch, 1999.

HOLT, N. L. **Positive youth development through sport.** New York: Routledge, 2008.

IBGE. Censo Demográfico 2010: Brasil e o Mundo. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/>>. Acesso em 17 out. 2017.

JOAQUIM, B. A.; CARVALHO, M. J.; BATISTA, P. M. **Revisão sistemática sobre o perfil de competências do gestor desportivo.** Movimento (UFRGS), 17(1), 2011, pp. 255-279.

JUSTINO, E. de O.; RODRIGUES, W. **Atletismo na escola: é possível.** Educacaofisica.org, 2007.

KIDMAN, L.; MCKENZIE, A.; MCKENZIE, B. “**The nature and target of parents' comments during youth sport competitions**”. Journal of Sport Behavior, 22, p. 54-68, 1999.

KIRK, D.; HAERENS, L. “**New research programmes in physical education and sport pedagogy.**” Sport, Education and Society, v. 19, n. 7, p. 899-911, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/13573322.2013.874996>>. Acesso em: 22 out. 2015.

KIRK, D.; MACPHAIL, A. “**Teaching games for understanding and situated learning: rethinking the Bunker-Thorpe model.**” Journal of Teaching in Physical Education, v. 2, n. 21, p. 177-192, 2002.

KREBS, R. J. “**Da estimulação à especialização: primeiro esboço de uma teoria de especialização motora.**” Revista Kinesis, Santa Maria, n. 9, p. 29-44, 1992.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da Bola: Um ABC para iniciantes nos jogos esportivos.** São Paulo: Phorte, 2002.

KUNZ, E. **Educação física crítico-emancipatória: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

LEONARDI, T. J. et. al. “**Pedagogia do esporte: ensino, vivência e aprendizagem do basquetebol em situações adversas de espaço físico e material didático.**” In: Anais 3º Congresso Internacional de Jogos Desportivos - “Jogos Desportivos Coletivos: treino, formação, performance”, Porto, 2011.

LEONARDI, T. J. **Pedagogia do esporte: pressupostos para uma teoria da avaliação da aprendizagem.** 2013. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

_____. “**Tendências pedagógicas na prática escolar.**” In: LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 1986.

_____. **Pedagogia e Pedagogos: para quê?** São Paulo: Cortez, 1998; 2002.

LIGHT, R.; TAN, S. “Culture, embodied experience and teachers’ development of TGfU in Australia and Singapore”. European Physical Education Review, v. 12, n. 1, 2006, p. 99-117.

LIMA, T. **Alcance educativo da competição. Desporto e Sociedade.** Lisboa: Antologia de Textos, 1987.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação.** 6^a ed. São Paulo: Cortez, 1993.

LUGUETTI, C. N.; DA CUNHA BASTOS, F.; BÖHME, M. T. S. **Gestão de práticas esportivas escolares no ensino fundamental no município de Santos.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 25, n. 2, p. 237-249, 2011.

MEZZADRI, F.M. **A estrutura esportiva no Estado do Paraná: da formação dos clubes esportivos às atuais políticas governamentais.** 2000.169f Tese (Doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MACHADO, G. V. **Pedagogia do Esporte: organização, sistematização, aplicação e avaliação de conteúdos esportivos na educação não formal.** 134f. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.

MACHADO, G.; GALATTI, L.R.; PAES, R.R. **Seleção de conteúdos e procedimentos pedagógicos para o ensino do esporte em projetos sociais: reflexões a partir dos jogos esportivos coletivos.**” Motrivivência, Florianópolis, v. 24, n. 39, p. 164-176, dez. 2011.

MACHADO, G.; REVERDITO, R. S.; LEONARDI, T. J.; GONÇALVES, C. E. B.; PAES, R. R. **“Pedagogia do Esporte: a gestão do esporte em projetos sociais.”** In: GALATTI, L. R.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C.; PAES, R. R.. (Org.). **Múltiplos cenários da prática esportiva: Pedagogia do esporte.** 1^a ed. Campinas: Editora Unicamp, 2017, v. 2, p. 173-192.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. **“Pedagogia do Esporte e o Referencial Histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática”.** Pensar a Prática, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 414-430, jan. / mar. 2014.

MACHADO, G. V.; PAES, R. R.; GALATTI, L. R.; RIBEIRO, S. C. **“Pedagogia do esporte e autonomia: um estudo em projeto social de educação não formal”.** Revista Pensar a Prática, v. 14, n. 3, p. 1-21, 2011.

MACIEL, M. G. **Perfil do Gestor de Lazer nas Empresas.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 31(1), pp. 57-73, 2009.

MACKEY, A.; GASS, S. M. **Second language research: Methodology and design.** Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

MAIA, G. B. M. **Gerenciamento de Projetos de Preparação Esportiva: passo a passo para elaborar um plano de projeto.** 1^a ed. Rio de Janeiro: Brasport, 2016.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 7^a ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 3^a ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARQUES, A. “**A preparação desportiva de crianças e jovens: o sistema de competições.**” In: GUEDES, O. Atividade física: uma abordagem multidimensional. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 157-169.

_____. “**Crianças e Adolescentes Atletas: entre a Escola e os Centros de Treino ... entre os Centros de Treino e a Escola!**” In: CEFID (Ed.) Treino de Jovens. Lisboa: 1999.

MARQUES, A. “**Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e educação.**” In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 75-96.

_____. “**Desporto: Ensino e Treino**”. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. Pedagogia do Desporto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 142-153.

MARQUES, A.; OLIVEIRA, J. “**O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde**”. In: BARBANTI, V. J. Esporte e atividade física: interação entre rendimento e qualidade de vida. São Paulo: Manole, 2002. p. 51.

MARTINE, G.; CAMARGO, L. “**Crescimento e distribuição da população brasileira: tendências recentes**”. Revista Brasileira de Estudos de População, Campinas, Abep, v. 1, n. 2, p. 99-143, jan. / dez. 1984.

MARQUES, R. F. R. **Esporte e qualidade de vida: reflexão sociológica.** [Dissertação de Mestrado em Educação Física]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2007.

MARONI, F. C.; MENDES, D. R.; BASTOS, F. C. “**Gestão do voleibol no Brasil: o caso das equipes participantes da Superliga 2007/2008**”. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 24(2), abr. / jun. 2010, pp. 239-248.

_____. “**Gestão de Equipes de Voleibol do Brasil (Superliga 2007-2008)**”. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 24, n.2, p. 239-48, abr. / jun., 2010.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: edição compacta.** São Paulo: Atlas, 1996.

MATVEEV, L. P. **Treino Desportivo: metodologia e planejamento.** 1^a ed. Guarulhos: Editora Phorte, 1997.

MAZZEI, L. C.; AMAYA, K.; BASTOS, F. C. “**Programas acadêmicos de graduação em gestão do esporte no Brasil**”. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 12, n. 1, 2013.

MAZZEI, L. C.; ROCCO JÚNIOR, A. J. “Um ensaio sobre a Gestão do Esporte: Um momento para a sua afirmação no Brasil.” Revista de Gestão e Negócios do Esporte, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 96-109, maio 2017.

MELO NETO, F. P.M. **Administração e Marketing de Clubes Esportivos A Base para Criação do Clube-Empresa.** Rio de Janeiro/RJ: Sprint, 1998.

MELO, V. A. de. **Dicionário de esporte no Brasil do século XIX ao início do século XX.** Campinas: Autores Associados, 2007.

MESQUITA, I. **A instrução e a estruturação das tarefas no ensino do voleibol. 1998.** Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1998.

MESQUITA, I.; GUERRA, I. M. F. R.; ARAÚJO, V.; FRAGA, F. **Processo de formação do jovem jogador de Voleibol,** 2002.

MESQUITA, I. M. R.; GRAÇA, A. S. **O conhecimento estratégico de um distribuidor de alto nível.** Treino Desportivo, v.17, p. 15-20, 2002.

MESQUITA, I. M. R.; PEREIRA, F. R. M.; GRAÇA, A. B. dos S. “**Modelos de ensino dos jogos desportivos: investigação e ilações para prática.**” Motriz rev. educ. fís.(Impr.), v. 15, n. 4, p. 944-954, 2009.

MIRANDA, Y. de H. B.; PEDROSO, C. A. M. Q.; SILVA, V. H. R.; BARROS FILHO, M. A.; ROCHA, V. L. S. “**Perfil do gestor de clubes esportivos na cidade do Recife - Pernambuco- Brasil.**” Rev. Intercon. Gest. Desport., Rio de Janeiro, p. 172-182, maio 2017.

MOTA, C. **Jogos de Tóquio 2020 terão escalada, surfe, skate, karatê e beisebol.** Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/08/jogos-de-toquio-2020-terao-escalada-surf-e-skate-carate-e-beisebolsoftbol.html>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

MUNNÉ, F. “**El retorno de la complejidad y el nuevo enfoque del ser humano: hacia una psicología compleja**”. Revista Interamericana de Psicología, v. 38, n. 1, 2004, p. 23-31.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo.** 5^a ed. Londrina: Midiograf, 2010.

NEGRINE, A. **Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa.** In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas.** 3^a ed. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 63-99.

NEGRINE, B.- **Concentração e desconcentração industrial em São Paulo.** Ed. UNICAMP. Campinas, 1996.

NERY, L. C.; CAPINUSSÚ, J. M. “**Análise do Perfil dos Gestores Esportivos de Clubes da cidade de Juiz de Fora.**” Revista Mineira de Educação Física, (1), pp. 1530-1541, 2012.

NEWMAN, J. “**Why slower balls and smaller courts for 10 and under players?**” ITF Coaches Review, v. 51, p. 5-7, 2010.

NORTH AMERICAN SOCIETY for Sport Management. Sport - Management Programs: United States: Bachelor's. Retrieved from. Disponível em: <<https://www.nassm.com/node/128>> Acesso em: 20 ago. 2017.

NOSRAT, A. B.; SHABANI, J. S. P.; BASHIRI, M.; BASHIRI, J. "Comparison of private and governmental sport facilities productivity in East Azerbaijan". European Journal of Experimental Biology2, v. 3, n. 2, p. 296–300, 2013.

OLIVEIRA, V. **O processo ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol no Brasil: um estudo sobre a ótica de professores do ensino superior e técnicos de elite.** 2007. 357 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2007.

OLIVEIRA, V.; PAES, R. R. "A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos". E F Deportes.com, Revista Digital. Buenos Aires: ano 10, n. 71, abr. 2004. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd71/jogos.htm> Acesso em: 31 ago. 2017.

PACHECO, C. A.; PATARRA, N. "Movimentos migratórios nos anos 80: novos padrões?" Anais em el documento presentado en el Primer Encuentro Nacional sobre Migración, Curitiba, Brasil; ABEP/IPARDES, v. 12, 1998.

PEREZ, D. "Análise do processo formativo de professores para a educação não formal realizada em organizações não governamentais". Revista Educação, Cultura e Sociedade, v. 3, n. 01, p. 149-162, jan. / jun. 2013a.

_____. "Estudo exploratório sobre a delimitação e práticas contemporâneas da educação não formal". Revista UNIFAMMA, v. 12, n. 1, p. 28-40, dez. 2013b.

PAES, R. R. **Aprendizagem e Competição Precoce: o caso do Basquetebol.** Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. **Educação Física Escolar: o Esporte como conteúdo pedagógico no Ensino Fundamental.** 1996. 206f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

_____. "A pedagogia do esporte e os jogos coletivos." In: DE ROSE, D. et al. Esporte e atividade física na infância e na adolescência. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 89-98.

_____. "Pedagogia do esporte: especialização esportiva precoce". In: TANI, G.; BENTO, J. O. PETERSEN, R. D. S. (Eds.). **Pedagogia do desporto.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

_____. "Pedagogia do esporte e o jogo: considerações acerca do processo de ensino-vivência aprendizagem sócio esportiva." Revista E. n. 12. Ano 14. 2008.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. "Pedagogia do esporte e os jogos desportivos coletivos na ótica das inteligências múltiplas". In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. (orgs). Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 137-154.

- _____. **Jogos desportivos coletivos e as inteligências múltiplas: bases para uma proposta em pedagogia do esporte.** Hortolândia: Unasp, 2007.
- _____. “**A pedagogia do esporte e os jogos coletivos.**” In: DE ROSE, D. et al. *Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 73-83.
- PAES, R. R.; GALATTI, L. R. “**Pedagogia do esporte: o esporte educacional no contexto do clube contemporâneo.**” In: GONÇALVES, C. E. B. (org.). *Educação pelo desporte e associativismo desportivo*. Porto: Edições Afrontamento, 2013.
- PAES, R. R.; MONTAGNER, P. C.; FERREIRA, H. B. **Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do Ensino Fundamental.** Canoas: ULBRA, 2001.
- _____. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- _____. **Pedagogia do esporte: iniciação e treinamento em basquetebol.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.
- PARLEBÁS, Pierre. **Perspectivas para una Educación Física Moderna.** Andalucia - Espanha: Unisport Andalucia, 1987.
- PARKHOUSE, B. **The Management of Sport It'sFoudation and Aplication, USA, Mosby,** 1996.
- PEIRÓ, J. M.; MARTINÉSZ-TUR, V.; TORDERA, N. “**Análisis del puesto de gerente de instalaciones deportivas: tareasreactivas y proactivas**”. *Anuario de Psicología*, 30(1), 1999 p. 85–103.
- PEREZ, D. **Formação de educadores para o terceiro setor. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.
- _____. **Formação de Professores para Organizações Não Governamentais/ONGs. 2009.** Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, São Paulo, 2009.
- _____. “**Análise do processo formativo de professores para a educação não formal realizada em organizações não governamentais**”. *Revista Educação, Cultura e Sociedade*, v. 3, n. 01, p. 149-162, jan. / jun. 2013a.
- _____. “**Estudo exploratório sobre a delimitação e práticas contemporâneas da educação não formal**”. *Revista UNIFAMMA*, v. 12, n. 1, p. 28-40, dez. 2013b.
- PLATONOV, V. “**Princípios da preparação a longo prazo**”. *Revista Treino Desportivo*, Lisboa, v. 1, p. 14-23, 1997.
- _____. **Teoria geral do treinamento desportivo olímpico.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

- PRONI, M. W. **A metamorfose do futebol.** Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
- _____. **Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa.** Campinas: FEF/ Unicamp, 1998, mimeo. Tese de doutorado, Unicamp, 1998, 234f.
- RÉ, A. H. N.; DE ROSE JUNIOR, D.; BÖHME, M. T. S. “**Stress e nível competitivo: considerações sobre jovens praticantes de futsal.**” Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, v. 12, n. 4, p. 83-87, dez. 2004.
- REVERDITO, R. S. **Pedagogia do Esporte e Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano: indicadores para avaliação de impacto em programa socioesportivo.** 2016, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (Tese) Doutorado- FEF/ Unicamp, 2016, 335 f.
- REVERDITO, R. S.; COSTA, S. V. C.; OLIVEIRA, E. J.; CAPELLARI, A. J.; SIMÕES, A. C.; MOTA, M. C. M.; ANJOS, Y. V.; BARROS, M. J. A.; TOLOCKA, R. E. “**O cotidiano da criança na instituição de ensino: espaço e tempo disponível para atividades lúdico-motoras.**” Pensar a Prática (Online), v. 16, p. 355-371, 2013.
- REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. “**Sport pedagogy: current panorama and conceptual analysis of the main approaches Motriz.**” Journal of Physical Education, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 600-610, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2478/2477>>. Acesso em: 19 nov. 2013.
- ROCHA, C.M.; BASTOS, F.C. “**Gestão do esporte: definindo a área**”. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. 25 (4), 2011, p. 91-103.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. **El deporte em la construcción del espacio social.** Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas (CIS), 2008.
- RUBIO, K. “**Jogos olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização**”. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 24, 2010, p. 55–68.
- RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. “**A produção científica em Pedagogia do Esporte: análise de alguns periódicos nacionais**”. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 9, n. 2, p. 110-132, 2011. Disponível em: <<http://conexoes.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/article/view/615/387>>. Acesso em: 13 jan. 2013.
- RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. “**Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações**”. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 26, n. 2, 283-300, 2012.
- SAAD, M. A.; REZER, R.; REZER, C. R. “**O ensino do esporte no processo de formação inicial em educação física.**” Revista Didática Sistêmica, Rio Grande do Sul, v. 11, p. 162-178, 2010.
- SANTANA, W. C. **Futsal: metodologia da participação.** Londrina: Vale, 1996.

SANTANA, W. C **A pedagogia do esporte e a moralidade infantil.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. **Pedagogia do esporte na infância e complexidade.** In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

SANTANA, L. C.; MONTEIRO, G. M.; PEREIRA, C. C.; BASTOS, F. C. **Perfil dos Gestores de Academias Fitness no Brasil: um estudo exploratório.** PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review, 1(1), jan. / jun.2012, p. 28-46.

SANTOS, F. K. et al. “**Atividade física, IMC e risco metabólico em adolescentes portugueses.**” Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, v. 18, n. 1, p. 103-113, nov. 2016.

SAVIANI, D. **A Pedagogia no Brasil: história e teoria.** Campinas-SP: Autores Associados, 2008.

_____. **Escola e Democracia.** São Paulo: Cortez, 1983.

SCAGLIA, A. J. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes.** 2003. 178f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

SEIPPEL, O. “**The meanings of sport: fun, health, beauty or community**”. Sport in Society, v. 9, n. 1, p. 51-70, jan. 2006.

SIEDENTOP, D. “**Sport education: a retrospective. Journal of Teaching**”. In Physical Education, Recreation, and Dance, v. 21, p. 409-418, 2002.

SILVA, M. R. **Lazer nos Clubes Sociorrecreativos de Curitiba/PR: a constituição de práticas e representações sociais.** 2007. 143f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, PR, 2007.

_____. “**Clubes sociorrecreativos centenários: espaços da memória do esporte e lazer nacional**”. Artigo apresentado no XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis, SC, 2015.

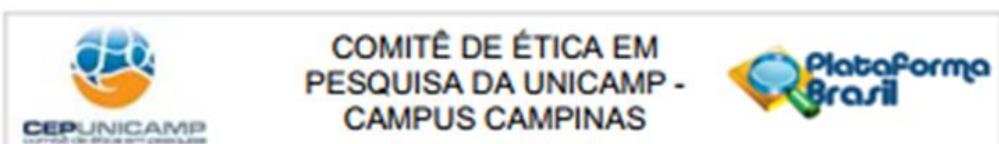
SILVA JÚNIOR, S. D.; COSTA, F. J. “**Mensuração e escalas de verificação: uma análise comparativa das escalas de Likert e Phrase Completion.**” PMKT-Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia, v. 15, p. 1-16, 2014.

SIMSON, O. R. de M. Von; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (orgs). **Educação não formal: cenários da criação.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória, 2001.

SOUCI, D. **Administración, Organización y Gestión Deportiva.** (Trad.) Barcelona, Inde Publicaciones, 2002.

- TAVARES, F. “**Jogos desportivos coletivos: contributos para a sua análise e funcionamento**”. In: RAMOS, V.; SAAD, M.; MILISTETD, M. (Org.). *Jogos desportivos: investigação e prática pedagógica*. Florianópolis: UDESC, 2013. v. 3, p. 17-51.
- THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6^a ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- TINNING, R. “**Pedagogy, sport pedagogy, and the field of kinesiology**”. *Quest*, v. 60, n. 3, p. 405424, 2008.
- TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1992.
- _____. **Dimensões sociais do esporte**. 2^a ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- VALENTINI, N. C. et al. “**Considerações sobre o desenvolvimento e a aprendizagem motora em crianças**.” In: BALBINOTTI, C. et al. *O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.
- VIEIRA, T. P.; STUCCHI, S. “**Relações preliminares entre a gestão esportiva e o profissional de educação física**.” *Conexões*, v. 5, n. 2, 2007.
- VILANOVA, A. INGLÉS, E.; MARTÍN, A.; BOU, L. GONZÁLEZ, S. **Memoria Científico Técnica**. Disponível em: <<https://inefcgiseafe.files.wordpress.com/2014/11/splissspain4.pdf>>. Acesso em 05 jan. 2014, 2014.
- VINK, K.; RAUDSEPP, L.; KAIS, K. “**Intrinsic motivation and individual deliberate practice are reciprocally related: Evidence from a longitudinal study of adolescent team sport athletes**.” *Psychol Sport Exerc*, 2015, 16(3), p. 1-6.
- WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Foundations of sport and exercise psychology**, 2^a ed, Champaign: Human Kinetics, 2001.
- WEINECK, J. **Treinamento ideal**. Trad. Beatriz M. R. Carvalho. São Paulo: Manole, 1999.
- _____. **Treinamento Ideal: instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil**. 9^a ed. Barueri: Manole, 2003.
- ZAKHAROV, A. **Ciência do treinamento desportivo**. Rio de Janeiro, Grupo Palestra Sport, 1992.
- ZOUANI, D. M.; PIMENTA, R. C. “**Perfil dos profissionais de administração esportiva no Brasil**”. In: WORLD SPORT CONGRESS. Barcelona, 2003. Disponível em:<http://www.ebape.fgv.br/academico/asp/dsp_rap_sobre.asp> Acesso em: 06 jun. 2005.

Anexo 1



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Titulo da Pesquisa: Pedagogia do Esporte e Educação Não-Formal: Diagnóstico da Iniciação Esportiva dos Clubes Sócio-Esportivos de Campinas-SP

Pesquisador: Marcus Alexandre Sousa

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 54026016.2.0000.5404

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.552.779

Apresentação do Projeto:

O esporte é uma prática entre sujeitos que foi definida no mundo das relações sociais, ele carrega consigo os significados importantes da sociedade contemporânea. Na sua origem, derivava de jogo e brincadeira. Eles eram parte da cultura, como expressão das tradições do sagrado ou do profano, consistindo em uma atividade essencialmente lúdica de caráter ritual.

Uma característica do esporte moderno foi retirar o caráter ritual religioso do jogo e o transformar em algo secularizado, incorporando elementos racionais, como medidas, recordes e igualdade de chances.

O esporte desempenha um importante papel na formação do homem e da vida em sociedade, matriz de socialização e transmissão de valores, forma de sociabilidade moderna, instrumento de educação e saúde, ligação com as expressões artísticas embora, ao mesmo tempo, palco de violência.

De fato temos, por um lado, uma postura estratégica do esporte, e por outro, a busca pelo jogo limpo e transparência esportiva - mostrando que o esporte reflete os conflitos sociais que hoje qualquer manifestação humana se depara.

O esporte também pode ser entendido como prática em rendimento máximo, ou como esporte de

Endereço: Rua Teófilo Veira de Camargo, 126
Bairro: Bairro Gerdau CEP: 13.083-067
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-6936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcr.unicamp.br



COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA UNICAMP -
CAMPUS CAMPINAS



Continuação do Pároco: 1.582.779

participação e escolar, com o rendimento positivo.

Com a evolução do fenômeno Esporte, cada vez mais se faz necessário estudá-lo em diferentes dimensões, visando sua melhor compreensão.

Uma abordagem possível se dá através da pedagogia do esporte, pois dar ao esporte um tratamento pedagógico significa contribuir para seu aprendizado e também melhorar seus níveis de rendimento. Neste contexto, este estudo ressalta a importância de ampliar a discussão acerca de uma pedagogia do esporte preocupada em ensinar técnicas, táticas e também valores fundamentais para o desenvolvimento da criança, jovem e adolescente.

Há no Brasil a existência de ONGs e projetos nacionais vinculados ao Ministério do Esporte, como o projeto Segundo Tempo, que tem por objetivo democratizar o acesso à prática e à cultura esportiva, promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, contribuir para a formação cidadã e melhorar a qualidade de vida daqueles que participam do projeto, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social. De fato, um dos principais locais onde existem programas esportivos no Brasil são os clubes sócioesportivos, os quais ainda vivem de uma gestão amadora, com dificuldade em lidar com o profissionalismo. No entanto, verificamos uma participação quase que insignificante de crianças e jovens envolvidos numa prática esportiva organizada e sistematizada.

Considerando o Esporte como um fenômeno de múltiplos significados e manifestações, esse estudo tem o objetivo de verificar o processo de iniciação esportiva realizado nos clubes de Campinas-SP.

Analisaremos os conteúdos e métodos utilizados e também verificaremos o número de praticantes. A partir disso, apresentaremos uma proposta de iniciação esportiva que valorize a participação do aluno no cenário clube, apontado neste cenário um importante local para se trabalhar a educação.

Metodologia proposta:

Para a realização do estudo, pretendemos realizá-lo em dois momentos principais:

- 1) Levantamento de um referencial teórico que possa compreender o fenômeno estudado.
- 2) Realização de uma pesquisa de campo, através de entrevista semi-estruturada com

Endereço: Rua Tessalita Vieira de Camargo, 126
Bairro: Bairro Geraldo CEP: 13.083-687
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-6936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cap@fcm.unicamp.br



**COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA UNICAMP -
CAMPUS CAMPINAS**



Continuação do Parecer: 1.552.779

coordenadores de esportes e técnicos das modalidades dos clubes de Campinas-SP (número previsto de participantes a serem contactados para a pesquisa: 50 pessoas).

Para isso, serão entrevistados coordenadores de esportes e técnicos das modalidades nos clubes escolhidos com enfoque na preparação do profissional e nos valores que nortelam o projeto, qual seja, participação, pedagogia e pluralidade no ensino, na fase de pesquisa de campo. As entrevistas serão gravadas em áudio e somente serão realizadas com o devido consentimento do participante. Consistem em critérios para a escolha dos clubes: a) possuir "escolas de esportes", com proposta de iniciação esportiva generalizada; b) oferecer iniciação esportiva nas modalidades de Basquetebol, Handebol, Futsal, Voleibol; e c) constar com mais de 2 mil sócios.

Verificaremos com a pesquisa duas hipóteses principais:

- se há utilização de procedimentos pedagógicos incoerentes na iniciação esportiva dos clubes sócio-esportivos de Campinas-SP e como os mesmos são aplicados pelos treinadores nesses clubes.
- se os sujeitos pesquisados (Treinadores e Dirigentes dos clubes) possuem uma visão reducionista do esporte, por considerarem o clube restrito à prática do esporte de alto rendimento e desta forma, o caráter educacional é desprezado.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Discutir e avaliar os processos pedagógicos envolvidos na iniciação esportiva dos principais clubes de Campinas-SP.

Objetivo Secundário:

1. Observar a iniciação esportiva nos clubes a partir de seus objetivos.
2. Diagnosticar e avaliar o número de praticantes das escolas de esportes nos clubes de Campinas-SP etambém como é feito o trabalho de iniciação esportiva.
3. Compreender os processos pedagógicos e técnicos envolvidos na prática educativa dos clubes pesquisados.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Endereço: Rua Tessalino Vieira de Camargo, 126	CEP: 13.083-687
Bairro: Bairro Geraldo	
UF: SP	Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-6936	Fax: (19)3521-7187
	E-mail: cap@fca.unicamp.br



COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA UNICAMP -
CAMPUS CAMPINAS



Continuação do Ponto: 1.552.779

Não se aplica, uma vez que os procedimentos de coleta de dados não serão invasivos e os respondentes são convidados a participar da pesquisa, seguindo os padrões e critérios éticos em ciências humanas.

Benefícios:

O estudo pode trazer informações a respeito do processo de iniciação esportiva e o panorama institucional do contexto dos clubes socioesportivos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Titulo do projeto na folha de rosto - ok

Nome do pesquisador responsável na folha de rosto - ok

Nome da representante da unidade proponente (nome, função, carimbo) - ok

Proposta de tese de mestrado

No campo 'cronograma' do documento gerado pela Plataforma Brasil, as entrevistas e coletas de dados estão previstas para os meses de abril a agosto de 2016 - ok

No campo 'orçamento' do documento gerado pela Plataforma Brasil, o pesquisador relata um orçamento de 'R\$2600,00'. Esse orçamento é compatível com o orçamento de um projeto de pesquisa financiado pelo próprio pesquisador.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Linguagem acessível ao sujeito da pesquisa - ok

Justificativa, objetivos e descrição de procedimentos - ok

Desconfortos, riscos e benefícios - ok

Garantia de esclarecimentos - ok

Liberdade na recusa ou retirada do consentimento - ok

Garantia de Sigilo - ok

Menção sobre resarcimento - ou não - de despesas - ok

Menção sobre garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa - ok

Anuência sobre a permissão ao armazenamento de material de áudio gravado - ok

Menção ao TCLE assinado em duas vias - ok

Menção ao CEP em caso de abusos ou reclamações de cunho ético - ok

Endereço: Rua Tessalina Vieira de Camargo, 126

Bairro: Bairro Gerdau

CEP: 13.083-887

UF: SP Município: CAMPINAS

Telefone: (19)3521-8936

Fax: (19)3521-7187

E-mail: cep@fom.unicamp.br



**COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA UNICAMP -
CAMPUS CAMPINAS**



Continuação do Parecer: 1.552.779

Nome e contato com o pesquisador da pesquisa - ok

Rubrica do pesquisador e do voluntário em TCLEs com mais de uma página - ok

Recomendações:

- Lembramos que o TCLE deve ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador (resolução 196/96 CNS/MS, artigo IV.2 "d").
- Se o TCLE tiver mais de uma página, o sujeito de pesquisa ou seu representante, quando for o caso, e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas desse documento, apondo suas assinaturas na última página do referido termo (Carta Circular nº. 003/2011/CONEP/CNS).
- No cronograma, observar que o início do estudo somente poderá ser realizado após aprovação pelo CEP, conforme compromisso do pesquisador com a resolução 196/96 CNS/MS (artigo IX.2 letra "a").
- Ao pesquisador cabe desenvolver o projeto conforme delineado, elaborar e apresentar os relatórios parciais e final, bem como encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto (resolução 196/96 CNS/MS, artigo IX.2 letras "b", "d" e "f").

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após readequação do TCLE, todos os itens previstos pela Resolução 466/2012 foram contemplados.

Considerações Finais a critério do CEP:

- O sujeito de pesquisa deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (quando aplicável).
- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (quando aplicável).
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126

Bairro: Bairro Gernika

CEP: 13.083-657

UF: SP

Município: CAMPINAS

Telefone: (19)3521-6936

Fax: (19)3521-7187

E-mail: cep@fcm.unicamp.br



COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA UNICAMP -
CAMPUS CAMPINAS



Continuação do Parecer: 1.582.779

pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de uma estratégia diagnóstica ou terapêutica oferecida a um dos grupos da pesquisa, isto é, somente em caso de necessidade de ação imediata com intuito de proteger os participantes.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.
- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

- Lembramos que segundo a Resolução 466/2012 , item XI.2 letra e, "cabe ao pesquisador apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJECTO_652873.pdf	12/05/2016 11:12:56		Aceito
Outros	carta.pdf	12/05/2016 11:12:24	Marlus Alexandre Sousa	Aceito
Outros	Resposta.pdf	06/05/2016 09:41:18	Marlus Alexandre Sousa	Aceito
Projeto Detalhado	projeto.pdf	06/05/2016	Marlus Alexandre	Aceito

Endereço: Rua Tessalina Vieira de Camargo, 126
Bairro: Bairro Geraldo CEP: 13.083-087
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-4936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br

 **COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA UNICAMP -
CAMPUS CAMPINAS** 

Continuação do Parecer: 1.552.779

/ Brochura Investigador	projeto.pdf	09:39:01	Sousa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	06/05/2016 09:38:41	Marius Alexandre Sousa	Aceito
Folha de Rosto	folharosto1003.pdf	10/03/2016 08:31:57	Marius Alexandre Sousa	Aceito
Outros	atestado_matricula.pdf	04/02/2016 14:24:24	Marius Alexandre Sousa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 20 de Maio de 2016

Assinado por:

Renata Maria dos Santos Celeghini
(Coordenador)

Endereço: Rua Tessalina Vieira de Camargo, 126
Bairro: Bairro Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: PEDAGOGIA DO ESPORTE: Diagnóstico da Gestão da Iniciação em Clubes Socioesportivos de Campinas-SP

Pesquisadores Responsáveis: Márlus Alexandre Sousa e Roberto Rodrigues Paes Número do CAAE: 54026016.2.0000.5404

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

A presente pesquisa tem o objetivo de identificar e analisar as práticas esportivas oferecidas pelos clubes de Campinas-SP, considerando o quadro da Iniciação Esportiva. Tal estudo justifica-se pela necessidade da importância de considerarmos o clube como espaço de Educação Não Formal, pois defenderemos uma proposta de Iniciação Esportiva voltada à formação integral do indivíduo.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidado a: responder um questionário a fim de que possamos diagnosticar o perfil e características da Iniciação Esportiva do referido clube. Também realizaremos uma entrevista que será gravada em áudio. Tal recurso somente será aplicado com o devido consentimento do participante da pesquisa.

O conteúdo da entrevista será armazenado na Faculdade de Educação Física da Unicamp, dentro do laboratório de estudos em Pedagogia do Esporte por um período de dois anos. Após este período todo o material será descartado. Segue o endereço: Av. Érico

Veríssimo, 701-Cidade Universitária Zeferino Vaz-CEP:13083-851. Faculdade de Educação Física- Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte.

Eu, _____, autorizo a gravação em áudio da entrevista solicitada pelo pesquisador. Estou ciente que todo o conteúdo da entrevista será utilizado somente para fins do estudo delineado no TCLE e o mesmo será descartado após um período de dois anos.

O participante da pesquisa terá todo tipo de apoio e assistência por parte do pesquisador, ou seja, qualquer dúvida ou esclarecimento, os pesquisadores estarão sempre à disposição. Após a realização da pesquisa, os participantes receberão uma devolutiva da conclusão do estudo.

Desconfortos e riscos:

O participante levará, aproximadamente, 30 minutos para o preenchimento do questionário e 30 minutos para a entrevista, aproximadamente. Não será exigido do participante nenhum tipo de deslocamento extra para a realização da entrevista. Salientamos o total sigilo das informações fornecidas pelos participantes da pesquisa.

Benefícios:

O estudo pode trazer informações a respeito do processo de iniciação esportiva e o panorama institucional do contexto dos clubes socioesportivos.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Ressarcimento e Indenização:

O estudo será realizado dentro do horário de trabalho do participante da pesquisa. A integridade do participante é de responsabilidade do pesquisador e o mesmo será indenizado em eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores:

Nome: Márlus Alexandre Sousa

Endereço profissional: Av. Érico Veríssimo, 701-Cidade Universitária Zeferino Vaz-CEP:13083- 851. Faculdade de Educação Física- Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte.

E-mail: marlusbh@yahoo.com.br

Nome: Roberto Rodrigues Paes

Endereço profissional: Av. Érico Veríssimo, 701-Cidade Universitária Zeferino Vaz-CEP:13083- 851. Faculdade de Educação Física- Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte. (19) 3521-6616.

E-mail: robertopaes@fef.unicamp.br

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP das 08:30hs às 11:30hs e das 13:00hs as 17:00hs na Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187; e- mail: cep@fcm.unicamp.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do (a) participante: _____

Contato telefônico: _____

e-mail (opcional): _____

_____ Data: ___/___/___

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL
LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ___/___/___.

(Assinatura do pesquisador)

ANEXO 3

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO



Pedagogia do Esporte: Diagnóstico da Gestão da Iniciação em Clubes Socioesportivos de Campinas-SP.

Questionário- Pesquisa de Campo

Local de Aplicação: Clubes SocioEsportivos de Campinas

ENTREVISTADOS: COORDENADORES DE ESPORTES

Aluno: Marlus Alexandre Sousa

Orientador: Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

Questionário

Parte 1: Caracterização do perfil acadêmico e profissional dos coordenadores

Conforme a questão, pedimos a gentileza de marcar com um “X” ou descreva a informação solicitada:

1) Idade:

Até 29

30-39

40-49

50-59

Mais de 60

2) Sexo:

Masculino.

Feminino.

3) Formação:

Ensino Médio

Ensino Superior? Qual?

Pós-Graduação-Especialização? Qual(is)?

Pós-Graduação-Mestrado-Em que área?

Pós-Graduação-Doutorado-Em que área?

4). Você foi atleta? () sim () não

5) Em caso afirmativo, qual modalidade?

6) Tempo na função de coordenador de esportes:

7) Chegou ao cargo por meio de:

Seleção externa RH

Promoção/Seleção interna RH

Indicação Diretoria

Já pertencia ao quadro de funcionários

8) Descreva suas atividades neste clube socioesportivo?

9) Além da função de coordenador, você possui outras atribuições? Quais?

Parte 2: Levantamento do número de praticantes e características das escolas de esportes.

1) Como forma de conhecermos as modalidades oferecidas pelo clube na faixa etária de 7 a 12 anos, pedimos a gentileza de preencher o quadro abaixo. Em sua elaboração,

utilizamos como critério, os esportes olímpicos. O quadro abaixo refere-se às modalidades apenas do **Masculino**.

Modalidade	Possui – Sim ou Não	Disputa competição Oficial- Sim ou Não	Qual idade ou categoria que disputa	Quantidade de praticantes matriculados	Quantidade de praticantes com frequência regular	Quantidade de aulas semanais	Qual a duração de cada aula?
Atletismo							
Badminton							
Basquete							
Boxe							
Futebol							
Futsal							
Ginástica Artística							
Ginástica Trampolim							
Handebol							
Hóquei							
Judô							
Hipismo							
Karatê							
Natação							
Rugby							
Saltos ornamentais							
Taekwondo							
Tênis							
Tênis de Mesa							
Vôlei							
Vôlei de Areia							

O quadro seguinte refere-se apenas a categoria **Feminino**:

Modalidade	Possui – Sim ou Não	Disputa competição Oficial- Sim ou Não	Qual idade ou categoria que disputa	Quantidade de praticantes matriculados	Quantidade de praticantes com frequência regular	Quantidade de aulas semanais	Qual a duração de cada aula?
Atletismo							

Badminton							
Basquete							
Boxe							
Futebol							
Futsal							
Ginástica Artística							
Ginástica Trampolim							
Handebol							
Hóquei							
Judô							
Hipismo							
Karatê							
Natação							
Rugby							
Saltos ornamentais							
Taekwondo							
Tênis							
Tênis de Mesa							
Vôlei							
Vôlei de Areia							

Parte 3: Oferecimento dos esportes

- 1) Quais modalidades fornecem uma maior representatividade e visibilidade ao clube?
- 2) Existem alunos e/ou atletas na faixa etária de 7 a 12 anos com necessidades especiais? Quais são essas necessidades?
- 3) Existe um processo de preparação desportiva à longo prazo? Justifique sua resposta.
- 4) Existe integração em diferentes áreas do conhecimento? Dê exemplos.
- 5) O processo de treinamento é padronizado ou cada treinador executa-o da maneira que entende mais adequada?

- 6) Quais os meios e métodos para testes físicos?
- 7) Existe no clube a pré-modalidade ou pré-esportes? Em caso afirmativo, quantos alunos matriculados?
- 8) Como se dá o processo de seleção de atletas para as escolas de esportes? Existe o processo de seleção das escolas de esportes através das “peneiras”?
- () Sim
- () Não
- 9) O clube possui não-sócios praticando alguma modalidade? Em caso afirmativo, qual(is) modalidade(s)? Qual o número total desse grupo?
- 10) As atividades de reunião e planejamento com os treinadores, ocorrem:
- ____ com frequência muito menor que o necessário.
- ____ com frequência menor do que o necessário.
- ____ com a frequência necessária.
- ____ com a frequência maior que o necessário.
- ____ com a frequência muito maior do que o necessário.
- 11) A organização de campeonatos, torneios e festivais se dá;
- ____ com frequência muito menor que o necessário.
- ____ com frequência menor que o necessário.
- ____ com a frequência necessária.
- ____ com a frequência maior que o necessário.
- ____ com a frequência muito maior que o necessário.
- 12) Quantos treinadores são subordinados a você: